

**UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ**

**Cleber Santos de Azevedo**

**Silenciamentos sobre diversidade sexual e de gênero em  
materiais midiáticos**

**Taubaté – SP**

**2018**

**Cleber Santos de Azevedo**

**Silenciamentos sobre diversidade sexual e de gênero em materiais  
midiáticos**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Processos discursivos da linguagem verbal e não-verbal

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Claudete Moreno Ghiraldelo

**Taubaté – SP**

**2018**

**Cleber Santos de Azevedo**

**Silenciamentos sobre diversidade sexual e de gênero em materiais midiáticos**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Processos discursivos da linguagem verbal e não-verbal

Orientadora: Profa. Dra. Claudete Moreno Ghiraldelo

Data: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

Resultado: \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

Professora Dr<sup>a</sup>. Claudete Moreno Ghiraldelo

UNITAU

Assinatura: \_\_\_\_\_

Professora Dr<sup>a</sup>. Maria do Carmo Souza de Almeida

UNITAU

Assinatura: \_\_\_\_\_

Professora Dr<sup>a</sup>. Roselene de Fatima Coito

UEM - PR

Assinatura: \_\_\_\_\_

Este trabalho é dedicado à minha mãe, minha preceptora, e a todos aqueles que seguem esquecidos nos marginais (des)encontros da vida.

Tu beso se hizo calor  
Luego el calor movimiento  
Luego gota de sudor  
Que se hizo vapor, luego viento  
Que en un rincón de la rioja  
Movi6 el aspa de un molino  
Mientras se pisaba el vino  
Que bebi6 tu boca roja  
Tu boca roja en la mía  
La copa que gira en mi mano  
Y mientras el vino caía  
Supe que de alg6n lejano rinc6n  
De otra galaxia  
El amor que me darías  
Transformado volvería alg6n día  
A darte las gracias  
Cada uno da lo que recibe  
Y luego recibe lo que da  
Nada es más simple  
No hay otra norma  
Nada se pierde  
**Todo se transforma**

Jorge Drexler

## AGRADECIMENTOS

A mamãe: nos ressignificamos e (re)aprendemos pelo afeto a cuidar. Agora os papéis se invertem e eu, eterno aprendiz, reproduzo as lições e os aprendizados de uma vida para com a senhora. Também quero dedicá-lo ao papai, que há 18 anos segue guardado na memória. A vocês devo o olhar curioso e investigativo, nossa marca indelével. Juntos chegamos. Este projeto também é de vocês. Ao Júnior, a Valéria, Valeriano, Márcio e Marcelo, irmãos que, cada um a seu modo, desafiam o meu olhar com nossas in-(dis)posições. A Amanda, sobrinha querida. Também à querida Dona Rosa, amiga da família, vovó de consideração que faleceu no dia do fechamento da redação desta dissertação.

À Profa. Dra. Claudete, que docemente desafia vozes há muito estabelecidas e caminha por escuros caminhos em busca da luz. O olhar que guia também cuida. À Profa. Dra. Eliane Freire de Oliveira, que me mostrou a magia do mundo da mídia. Também me ajudou a destruí-la e reerguê-la com um olhar mais atento. Às póstumas Professoras Doutoras Elzira Yoko Uyeno, que me descortinou a Análise de Discurso, e Solange Teresinha Ricardo de Castro, com quem realizei minha primeira iniciação científica.

Ao Cainã, amigo de muitos anos que sempre me acolhe nos nossos (des)tempos. Você segue norteando ao sul pela África e eu sigo com as recordações dos sentidos singulares que aí e cá criamos. A Celeste, a Elen, a Vanessa: bravas mulheres raras, companheiras, confidentes, aventureiras, leais que entendem o desassossego de um eterno menino e dividiram essa caminhada comigo. Aos amigos Thiago, Renan e Lucas: nós que somos nascidos no contrafluxo da hegemonia (des)viadamente (des)aprendemos uns com os outros. A Nathália Lemes, Mariana Menchik e Carolina Damilano, que mostram como a vida surpreende e tira tudo do lugar para depois mostrar que o lugar talvez nem exista. A Hellen, amiga confidente que segue o mesmo trajeto acadêmico. Ao Diego, com quem fui explorar a Ásia e tropecei em mim mesmo. Ao Willian Amaral, para quem confidenciei academicamente a primeira materialização do interesse pelo deslumbramento pelos discursos do/sobre sexo. A Ana Paes, que sempre encontra um gesto de afeto na roda-viva dos dias. A

todos os colegas que, de alguma forma, cruzaram o meu caminho e me (des)fizeram e (re)fizeram. Aos colegas de trabalho de tantas escolas pelas quais passei.

À Universidade de Taubaté, instituição pela qual me diplomo pela terceira vez. A todos os professores que ensinam nas escolas e também nas esquinas da vida. Ao CISV e a todas as pessoas brilhantes que cruzaram meu caminho por ocasião dessa organização. Aos meus alunos, eternas crianças que me acompanham diariamente, desafiam o conhecimento, me surpreendem, me renovam e me ajudam a me (des)construir. Obrigado.

A todos que levantam a voz contra o preconceito, o obscurantismo da ignorância, à violência e à falta de delicadeza. A todas as mulheres que já passaram pela minha vida e as que estão no porvir. O mundo é um esforço coletivo afinal *united we stand, divided we fall*.

## Resumo

As práticas sexuais que contrariam a hegemonia do modelo heterocisnormativo incomodam. O que justifica a necessidade desta pesquisa é a ocorrência de discursos em materiais midiáticos que, embora aparentem estar a favor de um discurso de inclusão, escamoteiam discursividades de superioridade sexual que reforçam padrões de (re)organização familiares e de relacionamentos heterocisnormativos monogamiais predominantemente adultos, silenciando vozes que não estão inscritas nesses discursos. A ingerência ao se tratar de sexualidades *queer* ou a ausência dessas discursividades influenciam negativamente processos de subjetivação e a promoção de discussões na escola, favorecendo a ocorrência e um processo de naturalização de preconceito(s). O objetivo deste estudo é verificar os modos de funcionamento, por meio da análise das marcas linguístico-discursivas, dos mecanismos de silenciamento das ocorrências discursivas que tratam da temática *queer*. Este trabalho parte do pressuposto que discorda do status naturalizante atribuído à heterocisnormatividade. Ao longo do tempo, as perpetuações históricas patologizaram condutas *queer* por meio de variados exercícios de poder que, intrincadamente, ratifica(ra)m redes discursivas que muitas vezes evocam uma tradição familiar baseada em preceitos religiosos moralizantes. A hipótese da pesquisa é a de que vozes que ecoam os discursos *queer* são silenciadas pelas discursividades heterocisnormativa. Este trabalho foi empreendido baseando-se, principalmente, nas contribuições de Foucault (1979, 2008, 2015), Pêcheux (1997), Butler (2010), Louro (2008) e Preciado (2014), sob à luz da teoria *queer*. Para realizar este trabalho, utilizamos um *corpus* composto por uma HQ, uma peça publicitária e a comparação de duas notícias que trouxeram discussões acerca de diversidade sexual e de gênero. Para a análise dos dados, procedeu-se a uma descrição e a uma análise crítica deste silenciamento (des)inscritas no contexto de multiplicidades sexuais no mundo pós-moderno.

Palavras-chave: Diversidade sexual e de gênero; Teoria queer; Textos midiáticos (encarte, HQ, notícias); Análise de discurso francesa.



## ABSTRACT

Sexual practices that contradict the hegemony of the heterocisnormative model. What justifies the need for this research is the occurrence of discourses in media materials that, although they seem to be in favor of an inclusion discourse, in reality, cover up sexual superiority discursiveness that reinforce patterns of family (re) organization and predominantly adult, monogamous heterogeneous relationships, silencing voices that do not participate in these discursive formations. The interference in dealing with queer sexualities or the absence of these discourses negatively influence processes of subjectivation and the promotion of discussions in schools, favoring the occurrence and a process of naturalization of prejudice(s). The objective of this study is to verify, through a discursive-linguistic analysis, how discourses about *queer* issues are dealt with and silenced. This work is based on the assumption that it disagrees with the naturalizing status attributed to heterocisnormativity. Over time, historical perpetuations have pathologized queer conduct through various power exercises that intricately rationalize discursive networks that often evoke a family tradition based on moralizing religious precepts. The research hypothesis is that voices that echo the queer discourses are silenced by the heterocisnormative discourses. This work was undertaken based mainly on the contributions of Foucault (1979, 2008, 2015), Pêcheux (1997), Butler (2010), Louro (2008) and Preciado (2014), under the light of queer theory. In order to perform this work, we used a corpus composed of a comic book, an advertising piece and the comparison of two stories that brought discussions about sexual and gender diversity and the misconception that occurs from the formulations confusion about sex, gender and sexual orientation. For the data analysis, a description and a critical analysis of this silencing (not) inscribed in the context of sexual multiplicities in the postmodern world.

Key-words: Sexual and Gender diversity; Queer theory; Media Texts (propaganda, comic strip, news); French Discourse Analysis.

## **LISTA DE SIGLAS**

AD – Análise de Discurso

ANPOC – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais

ENADE – Exame Nacional de Desempenho de Estudantes

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

GGB – Grupo Gay da Bahia

HQ – História em Quadrinhos

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

LA – Linguística Aplicada

LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais e Trâns-gêneros

MASP – Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand

MBL – Movimento Brasil Livre

PEC – Proposta de Emenda Constitucional

PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro

PT – Partido dos Trabalhadores

SESC – Serviço Social do Comércio

STF – Supremo Tribunal Federal

SUS – Sistema Único de Saúde

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

## Sumário

<b>Introdução</b> .....	12
<b>Capítulo 1</b>	
<b>Os (des)caminhos da sexualidade</b> .....	19
1.1 Sexo, gênero e orientação sexual ..	25
1.2 Práticas culturais sobre sexo alastradas ao redor do mundo.....	27
1.3 O ponto em que a teoria <i>queer</i> encontra a mídia e a AD.....	38
1.4 O porquê da escolha de textos midiáticos como corpus da pesquisa.....	43
<b>Capítulo 2</b>	
<b>Conceitos e noções da Análise de Discurso francesa: fundamentos teórico-metodológico e analítico da pesquisa</b> .....	45
2.1 Interdiscurso, formação discursiva e ideológica, condições de produção e discurso.....	46
2.2 Noção de sujeito, relações de sentido, silêncio e heterogeneidade constitutiva .....	49
<b>Capítulo 3</b>	
<b>Deslizamentos de sentidos em textos midiáticos: aparência progressista, teor conservador</b> .....	58
3.1 Encarte de um barbeador da Gillette..	59
3.2 História em quadrinhos do Zé Carioca.....	71
3.3 Notícias de <i>O Globo</i> e <i>IstoÉ</i> .....	82
<b>Considerações finais</b> .....	107
<b>Referências</b> .....	109
<b>Anexos</b> .....	114

## **Silenciamentos sobre diversidade sexual e de gênero em materiais midiáticos**

### **Introdução**

Os estudos de Foucault sobre sexualidade (2015), há certo tempo, já (d)enunciavam que as práticas sexuais eram, foram, e, infelizmente, têm sido negligenciadas e tratadas sob uma ótica reducionista e de repressão em que “os imperativos de decência e os pudores da linguagem são restritos à sexualidade do adulto hetero-matrimonial” (FOUCAULT, 2008, p.110). Resta, ainda, a quem não se enquadra nesta delimitação, a exclusão, o silêncio, a repressão, a interdição dos dizeres. Antes, havia dispositivos de controle de sexualidade explícitos; atualmente, eles se disfarçam em nome de uma ideologia que se diz inclusiva.

O que justifica a necessidade desta pesquisa é a ocorrência de discursos em materiais midiáticos que, embora aparentem estar a favor de um discurso de inclusão, na realidade, escamoteiam discursividades que propõem a perpetuação de um ideal de superioridade sexual que reforça padrões de organização familiar e de relacionamentos heterocisnormativos<sup>1</sup> monogamiais predominantemente adulto, silenciando vozes que não partilham destas formações discursivas e ideológicas heterossexistas. Isso ocorre em uma perspectiva de hierarquização dos modos de nos relacionarmos. Essa estrutura de domínio percorre instâncias diversas do tecido social como as manipuladas a partir das dicotomias: a) homem / mulher; b) hetero / homo; c) cis / trans; d) branco / negro; e) rico / pobre; f) ocidental / oriental; g) tradicional / inovador; h) monogâmico / poligâmico, entre outras, em que parece haver uma relação de sujeição dos segundos em relação aos primeiros.

---

<sup>1</sup> Heterocisnormatividade: preceito que insiste que deve haver somente um tipo de associação corporal morfológica (sexo biológico) com a expressão de gênero a ser realizada pela pessoa. É baseada no binarismo homem (macho) – mulher (fêmea) de modo a promover a perpetuação de uma série de dizeres que legitimam esta conformidade e silenciam discursos de transgressão à “norma” cis. Já a noção de cisnorma é usada para descrever alguém cuja identidade de gênero condiz com os papéis sociais esperados para cada sexo. Assim, um homem heterossexual com características e comportamentos entendidos como masculinos é cisgênero. O mesmo vale para as mulheres. Aqueles que invadem os “seguros” papéis de gênero atribuídos ao sexo oposto, são conhecidos como transsexuais, ou seja, aqueles que vão além das (de)limitações biológicas “impostas” por ocasião da genitália.

O tema importa no plano educacional devido ao papel secundário ainda reservado ao exercício social dos modos de ser mulher na sociedade brasileira contemporânea e no tratamento midiático conferido a ela. Para ilustrar a relevância do tema, o ENADE de 2017 do curso de Pedagogia (BRASIL, 2017) trouxe a discussão sobre o tema na forma de duas perguntas dissertativas.

A pergunta que inaugura o teste versa sobre a “Epidemia de sífilis congênita no Brasil e relações de gênero”. É esperado que o aluno recém-graduado no curso demonstre a habilidade de articular conhecimentos de modo a redigir um texto de caráter argumentativo a partir dos textos-base apresentados na prova abordando os seguintes aspectos: a) a vulnerabilidade das mulheres às DSTs e o papel social do homem em relação à prevenção dessas doenças; e b) duas ações especificamente voltadas para o público masculino, a serem adotadas no âmbito das políticas públicas de saúde ou de educação, para reduzir o problema.

A segunda questão do teste trata do uso do nome social de pessoas transgêneras e o acesso a políticas públicas por elas pautados por discussões sobre o exercício da cidadania em plenitude. A questão traz nos textos-base a necessidade de as pessoas transgêneras terem de se submeter a uma perícia médica para que seja atestado que a expressão de gênero com que se identificam seja reconhecida por meio da atribuição do nome social sem a necessidade da intervenção de uma equipe multidisciplinar. A questão pede que o aluno: “discorra sobre a importância do nome para as pessoas transgêneras e, nesse contexto, proponha uma medida, no âmbito das políticas públicas, que tenha como objetivo facilitar o acesso dessas pessoas à cidadania” (BRASIL, 2017).

O cenário de desconforto com o exercício dos papéis tradicionais dos gêneros feminino e masculino também foi reforçado por meio da manifestação de alguns protestantes por ocasião da presença da teórica Judith Butler<sup>2</sup> no Brasil. Em visita ao país em novembro de 2017 por ocasião de um evento acadêmico no SESC Pompeia, a pesquisadora teve sua presença repudiada por militantes de setores conservadores da sociedade. Embora destacada para refletir sobre o conflito entre Israel e Palestina e palestrar sobre os (des)caminhos da democracia, a visitante foi questionada violentamente pelas teorias desenvolvidas em relação à temática de gêneros,

---

<sup>2</sup> Uma das mais importantes pesquisadoras acerca da temática *queer* e dos estudos contemporâneos pós-feministas é a filósofa judia pós-estruturalista estadunidense Judith Butler. É professora do Departamento de Retórica e Literatura Comparada da Universidade de Berkeley, Califórnia.

sobretudo as postuladas no livro “Problemas de Gênero” de 1990, que ainda causa estranhamento nas pessoas. Munidos de crucifixos, alguns manifestantes gritavam “palavras de ordem” enquanto queimavam uma bruxa de boneca com o rosto de Butler, talvez esta uma versão moderna da caça às bruxas parodiando a perseguição às mulheres que ocorreu durante a Inquisição na Idade Média. Estas pontuações reforçam a importância da discussão sobre as desigualdades que existem em relação ao tratamento empregado à diversidade sexual e de gênero que pululam na nossa sociedade, o que reforça como viver papéis de gênero “invertidos” incomoda.

Dado que as práticas de exercício do saber são resultantes das construções humanas e que a escola é o espaço reservado para a reflexão crítica acerca dos modos de exercício de poder, é vital que ela seja democraticamente responsável. Desse maneira, os indivíduos que de algum modo fazem parte dela podem conhecer a si mesmos, articular conhecimentos em relação ao espaço em que vivem e aos outros atores sociais e também construir saberes diversos de modo a interpretar respeitosa e criticamente a realidade que os cerca. Apesar dessa tentativa, em algumas instituições sociais, entre elas a escola, ainda se observa a circulação de discursividades, ideias e ideais que fazem alusão à perpetuação das estruturas hegemônicas de relações de poder que fortalecem redes hegemônicas ao usarem de discursos normativos e transformam a diferença em desigualdade social.

A escola, instituição responsável por promover ensino crítico (e socialmente responsável) deveria promover a reflexão acerca das noções de cidadania de modo a propor [um]a superação destas desigualdades. No entanto, ela discute muitas vezes insuficientemente modos de equalizá-las. Isso se deve à – por vezes – insuficiente preparação nos cursos de formação de professores que eventualmente podem cristalizar papéis sociais fundamentados no senso comum que necessitam de desconstrução e reconstrução. É esperado que nas escolas de formação básica, secundária, média e nas de formação de professores novos saberes sejam construídos e desconstruídos, que as estruturas que nos regulam sejam pensadas de forma crítica para que o indivíduo possa ser uma agente de questionamento e transformação no espaço em que se encontra. Considerando que uma grande parte da vida das crianças e dos adolescentes é passada dentro da instituição escolar, é possível afirmar que os valores que nela são propagados exercem (algum tipo de) influência no modo de pensar, de ser e de agir destes indivíduos de modo que toda a sociedade é por ela afetada de algum modo.

E é desta forma que o tema importa para a área de Linguística Aplicada: devido à necessidade de se discutir diferentes formas de exercícios da sexualidade no mundo contemporâneo a partir de discussões multiculturais no exercício do saber, a escola e os indivíduos que a constroem criam uma sociedade mais justa, menos opressora e, portanto, mais cidadã. Surgem, pois, novas possibilidades de atuação dos envolvidos no processo educacional dado que a escola é, por vezes, o terreno primeiro em que o jovem pode discutir criticamente valores por vezes fortalecidos na cristalização dos estereótipos do senso comum. Tendo em mente que o discurso tem natureza constitutiva, é da alçada da cidadania participativa e democrática também tratar a diversidade sexual e de gênero nas políticas públicas educacionais. Deixar de fazê-lo é sinônimo de omissão e intransigência aos direitos fundamentais das mulheres e dos homens.

À escola cabe dissolver imperativos culturais que insistem em delimitar os modos de ser em razão da presença ou ausência da genitália, e o pressuposto teórico que embasa este questionamento é o tratado pela teoria *queer*<sup>3</sup>. Esta (d)enuncia questões sobre a formação da identidade e da subjetividade, segundo Salih (2015, p.10) descrevendo os processos pelos quais nos tornamos sujeitos ao assumir as identidades sexuadas, generificadas, racializadas que são construídas para nós no interior das estruturas de poder existentes. A partir dela, questionam-se modelos que propõem um ideal de identidades fixas de modo que surge a possibilidade de “reconstruções subversivas de identidade” (2015, p.11) no mundo contemporâneo. É neste cenário de rompimento de uma estrutura sexualizante hegemônica heterocisnormativa, sobretudo a partir da primazia dos discursos sobre o que significa ser mulher e sobre o que significa ser homem, que surgiu a teoria *queer*, que é embasada nos estudos feministas.

O reconhecimento e o entendimento do *queer* como natural pode ocorrer a partir de um processo reflexivo na escola que eventualmente auxilia na reconstrução de aprendizagens de todos os sujeitos envolvidos na intervenção educacional. Considerando a sedução e o fetichismo que é exercido pelo discurso midiático, além

---

<sup>3</sup> A palavra *queer* surge do inglês e designa modos de vivenciar a sexualidade e as múltiplas atuações de gênero a partir de uma perspectiva mais ampla do que aquela consagrada pelo binarismo macho vs fêmea, homem vs mulher. Guarda uma relação de sentido pejorativa e marginal para qualificar modos de ser gay. Na acepção original da palavra, qualifica a propriedade de algo que se diferencia do comum por meio de atributos distantes da normalidade. Assim, beira o excêntrico, o anticonvencional, o diferente, o estranho e/ou o marginal rompendo, assim, com o discurso *mainstream* de sexualidades binárias.

do alcance desses textos, é vislumbrada a desconstrução da pedagogia da heterossexualidade e são promovidas outras narrativas que podem implodir ou, ao menos, tentar desconstruir e desnaturalizar parte da hegemonia heterocisnormativa e da heterossexualidade compulsória.

Com a consecução deste trabalho, espera-se que haja o aperfeiçoamento da capacidade de leitura crítica de professores e alunos sobre os diferentes modos de se ser homem e mulher e a inclusão de discussões sobre a pluralidade sexual na escola. No entanto, alguns acontecimentos recentes acenam para o contrário como: a votação em 2015 sobre a reformulação do sistema educacional a partir da proposição da *Base Comum Curricular*, que desobriga, por exemplo, a abordagem dos ensinamentos de gênero pelas ciências humanas; a decisão em 2016 da ministra do Supremo Tribunal Federal Carmem Lúcia em favor da Associação Escola sem Partido, que proíbe o/a corretor/a das redações do ENEM de atribuir nota zero às redações com teor considerado ofensivo aos Direitos Humanos; o crescimento das também intenções de voto para a Presidência da República do Brasil em candidatos como Jair Bolsonaro (PP-RJ) – o parlamentar promove a disseminação discursos de ódio e exaltação à ditadura, à torturas e torturadores em nome de “valores da família cristã brasileira” e reforça os papéis consagrados do masculino e do feminino –; a chegada, em 2017, à presidência dos Estados Unidos do multibilionário Donald Trump cuja biografia é manchada por um histórico de assédio à mulheres, uso (re)corrente de discursos de teor racistas, xenófobos, homofóbicos e islamofóbicos e também responsável por revogar a liberação, conferida pelo ex-presidente Barack Obama, a jovens transexuais poderem escolher qual banheiro e vestiário que prefeririam usar, conforme a identidade de gênero com o qual se identificassem, entre outras medidas polêmicas.

Esses fatos ilustram parte da onda conservadora que invade o tecido social em que estão inscritas as formações ideológicas e discursivas que remetem a posturas conservadoras na contemporaneidade. Na maioria das vezes, talvez sempre, estão ligadas a uma tentativa de manutenção da norma, do *status quo* vigente. São marcadas por opiniões que não se mostram dispostas a dialogar e querem perpetuar algum ideal hegemônico. Neste trabalho, nos ocupamos de mapear as ocorrências de teor conservador que se apresentaram na materialidade linguística de uma propaganda, de uma história em quadrinho e de duas notícias que propagaram, de alguma forma outra, algum ideal de hegemonia heterocisnormativa. A elas, não interessam a alternância de poder. Questionar a naturalidade deste status de



comando implica questionar a manutenção de privilégios e garantias. A partir do contexto sócio-histórico de revisitação a valores conservadores na contemporaneidade, que é condição de produção e materialização desses discursos conservadores, esta pesquisa tem objetivo verificar os modos de funcionamento, por meio da análise das marcas linguístico-discursivas, dos mecanismos de silenciamento das ocorrências discursivas que tratam da temática *queer*. Isso ocorre pois percebemos a presença de sequências discursivas que se dizem inclusivas, mas que se mostram contrárias à uma agenda *queer* por meio da análise do tratamento dispensado à diversidade sexual e de gênero nesses mesmos materiais.

O escrutínio do discurso midiático com outros discursos institucionais como o da família, o da escola, o da igreja, o publicitário, entre outros, em sala de aula, sobre diversidade sexual e gênero a partir do eixo da sexualidade se faz pertinente devido ao fato de ela ser uma instituição relevante em nossos tempos na qual as identidades sociais estão sendo construídas e reconstruídas (MOITA LOPES, 2004). Daí a importância em se tratar em plano crítico as discursividades *queer* no processo de agenciamento do saber.

As perguntas que norteiam a pesquisa são: 1) de que modo ocorre o tratamento sobre diversidade sexual e de gênero em sequências discursivas de materiais midiáticos? 2) há [e se há, quais são as] fissuras que permitam a penetração desses discursos no contexto da grande mídia e outras esferas discursivas?; e 3) como tratar os temas em uma perspectiva desinscrita de um discurso pautado pelo preconceito. A hipótese da pesquisa é que as vozes *queer* são silenciadas a partir de estratégias de exercício de poder como em uma rede *capilar* (Foucault, 2015), cuja centralidade é dissipada em outros discursos que mantêm a norma de modo que parece haver a perpetuação da relação de sujeição da identidade homo sob a hetero, da feminina sob a masculina, entre outras.

Espera-se que esta pesquisa possa repercutir reflexões acerca do caráter de diversidade que subjaz os modos exercício de sexo e de gênero de modo a contribuir para uma desnaturalização do conceito hegemônico de heterocisnormatividade. Para que isso ocorra, foi analisado criticamente um *corpus* composto por uma peça publicitária, uma HQ além da comparação de duas notícias que trouxeram discussões acerca de diversidade sexual e de gênero a partir das contribuições do quadro teórico da Análise de Discurso de Linha Francesa Pêcheux (1969), das noções de Foucault (1979, 2008, 2015) sobre os modos de exercício de poder e sobre os modos de fazer

silêncio conforme proposta de Orlandi (2007). A análise promoveu uma descrição do tratamento das marcas linguístico-discursivas – e da ausência delas – empregado nessas e por essas sequências discursivas a partir da reflexão dos conceitos de multiplicidades sexuais no mundo contemporâneo.

O trabalho é organizado em 3 capítulos, além desta introdução e das considerações finais. O primeiro discorre sobre o tratamento empregado pelos textos da esfera midiática aos conceitos de sexo, sexualidade e performatividade de gênero sobretudo a partir das postulações de Foucault (2015) e Butler (2016). O segundo trata do conceito de discurso e de suas condições de produção, formação discursiva, formação ideológica, posição-sujeito e ideologia guiadas pela perspectivas teóricas da Análise do Discurso de linha francesa, da noção de *poder-saber* conforme proposto por Foucault (2015) e da conceituação dos modos de fazer silêncio de acordo com Orlandi (2007). O último desta dissertação ocupa-se da análise do *corpus* de pesquisa que é composto por uma peça publicitária de 2016 sobre o barbeador Mach3 da Gillette, uma reedição de 1997 de uma HQ sobre do papagaio Zé Carioca e duas notícias veiculadas nos portais *Istoé* e *O Globo* em 2017 que tratam da visita da pesquisadora estadunidense Judith Butler ao país e a efervescência político-ideológica que se estabeleceu a partir da presença da filósofa no país.

## Capítulo 1

### Os (des)caminhos da sexualidade

Ao longo dos séculos, variados setores de diversas sociedades se ocuparam de tratar da diversidade que subjaz o interesse acerca dos (des)caminhos da sexualidade. Desde as representações pictóricas da nudez, que antes não aludiam ao pudor – talvez pelo distanciamento cultural que as religiões ainda não haviam imposto – até a corrente e contemporânea prática de algumas pessoas de enviar fotografias sem roupas, conhecida como *nudes*, o consenso existe na medida que é vasto o interesse que se assenta ao redor do assunto. Ele se faz unânime seja pela inflamação verborrágica ou pelo reducionismo do laconismo de sobremaneira que não se restringe aos dizeres que eventualmente podem ficar anestesiados pelo hermetismo do exercício acadêmico, tampouco se encerra por ocasião do ato sexual, normalmente chamado de sexo. No hiato entre a elucubração do academicismo e o ardor da prática do coito percebemos as diversas filiações a que podemos associar o conceito devido ao interesse multidisciplinar que se instalou ao redor dele.

Em que pese [parte d]o potencial de amostragem que os acontecimentos ditos isolados carregam consigo, aqui nós os encaramos como reflexo de um processo mais intrincado que de certo modo reflete parte do conservadorismo na nossa sociedade. Recentemente, a curadoria do Museu de Arte de São Paulo (MASP) decidiu dedicar uma exposição intitulada *Histórias da Sexualidade* para estimular o debate e a reflexão sobre o sexo por meio da elaboração de uma “antologia de textos, seminários, programação de filmes e vídeos, oficinas e outras exposições” (2017, p.6). Também houve um grande debate coletivo e de abrangência nacional após a polêmica que se criou ao redor da exposição *Queermuseu – Cartografias da Diferença na Arte Brasileira*<sup>4</sup> no centro cultural Santander, em Porto Alegre (RS), que dividiu a

---

<sup>4</sup> A mostra *Queermuseu – Cartografias da Diferença na Arte Brasileira* foi uma exposição de temática *queer* que ocorreu no Centro Cultural Santander em Porto Alegre em 2017. A mostra trouxe um conteúdo ligado à divulgação da diversidade, sobretudo no panorama das sexualidades, articulando conteúdos como sexualidade, história, raça, gênero e (contra)hegemonias por meio da exposição de obras dos artistas Alfredo Volpi, Cândido Portinari, Adriana Varejão entre outros artistas. Ela foi fechada em setembro de 2017, um mês antes do plano inicialmente previsto para 8 de outubro, após protestos de grupos religiosos que alegaram haver blasfêmia contra símbolos católicos e do MBL, que justificou o repúdio garantindo que a exposição promovia apologia à prostituição infantil e à zoofilia. Em nota oficial divulgada após a suspensão da mostra, o grupo Santander, que subsidia financeiramente esse

opinião pública. Na ocasião, manifestantes conservadores se mostraram contrários à intervenção artística ocorrida por acreditarem que os peças expostas tratavam de apologia à pedofilia além de blasfemar contra símbolos sagrados para a religião católica posto que eles não compactuam com a circulação ampla, livre e irrestrita de cenas de nudez e sexo expostas por ocasião da exibição.

Essa postura para além de refletir o caráter conservador das ideias que são elencadas pelos manifestantes, também tangencia parte das discussões sobre a liberdade de expressão dos artistas envolvidos. É importante esclarecer que a noção de liberdade de expressão retoma uma memória discursiva característica dos anos de regime ditatorial no Brasil dado que esse foi um dos pilares da manutenção das práticas de censura típicas da ditadura militar do país, que ocorreu entre os anos de 1964 e 1985. A partir da promulgação da Constituição Brasileira de 1988, que foi celebrada como uma das mais progressistas do mundo à época da publicação, foi garantido aos indivíduos o direito constitucional de expressão livre de pensamento. Conforme o inciso 9 do Art. 5º, que versa que “é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença”, não é constitucional – e portanto não é uma prática típica de um regime democrático – haver um tolhimento das discursividades expressas pelos artistas responsáveis pela exposição. Para além desse modo de compreender a noção de liberdade de expressão, há correntes que defendem que o limite dessa liberdade é aquele em que a expressão fere a dignidade humana. Em outras palavras, o limite da expressividade tem que estar relacionada à dignidade do próximo. Seja qual for a concepção que direciona o entendimento acerca do conceito de liberdade de expressão, é inequívoco que a garantia da estabilidade democrática seja garantida, princípio que parece não ter sido fortalecido pelo posicionamento conservador dos manifestantes contrários à exposição de sobremaneira que esses episódios que ilustram um posicionamento antidemocrático tonificam a noção de controvérsia que cerca a dinâmica da diversidade dos assuntos relacionados às sexualidades.

Tais ocorrências não se restringem ao momento atual dado que historicamente, conforme traz Foucault (2015, p.20), sobre os discursos que remetem ao sexo havia

---

Centro Cultural, retratou-se àqueles que se sentiram ofendidos com a exposição declarando ter compreendido que a exibição desrespeitava símbolos, crenças e pessoas. A disposição e o desenvolvimento dos fatos que contextualizaram o episódio nos permite aproximar a ocorrência a uma manifestação da ordem de um discurso do conservadorismo.

controle das enunciações: definiu-se de maneira muito mais estrita onde e quando era possível falar dele; em que situações, entre quais locutores, e em que relações sociais; estabeleceram-se, assim, regiões, se não de silêncio absoluto, pelo menos de tato e discrição: entre pais e filhos, por exemplo, ou educadores e alunos, patrões e serviçais. É quase certo ter havido aí toda uma economia restritiva. Ela se integra nessa política da língua e da palavra – espontânea por um lado e deliberada por outro – que acompanhou as redistribuições sociais da época clássica.

A despeito da tentativa de se coíberem os dizeres sobre o sexo, houve “uma fermentação discursiva que se acelerou a partir do século XVIII [...] no próprio campo dos exercícios do poder” (FOUCAULT, 2015, p.20). Essa incitação a se falar obstinadamente sobre o tema proliferou-se e chega aos dias atuais em que parece haver uma constante erupção dos discursos engendrados na esteira da globalização sobre o sexo e potencializados pelo alcance virtualmente global e quase instantâneo oferecido pela internet. Anteriores a esse advento e aos complexos desdobramentos que ocorreram a partir dele, as conjecturas do filósofo e ativista francês Foucault se ocuparam em escrutinar e articular [parte d]as relações que se estabelecem a partir de estruturas de poder, conhecimento, verdade, sexo e sexualidade em um contexto pós-estruturalista<sup>5</sup>. Esses conhecimentos desestabilizaram zonas de conforto do conhecimento (episteme), o que ensejou novas reflexões sobre os dizeres construídos sobre sexualidade que até então eram entendidos como seguros e estáveis. É assim que surge o primeiro volume de História da Sexualidade. Segundo Spargo (2017, p.14), “o livro apresentou uma contranarrativa, poderosa e provocante, à consagração da história da repressão sexual na Era Vitoriana<sup>6</sup>”, o que abriu caminho para a libertação e o esclarecimento progressivo dos discursos sobre o sexo no século XX.

---

<sup>5</sup> Diz respeito a uma categoria de análise crítica e cultural em que a “rigidez” dos discursos abre espaço para um tratamento que recusa fundamentos tradicionais da filosofia como as ideias de verdade, objetividade e razão.

<sup>6</sup> “Época Vitoriana: período de 64 anos, compreendidos entre 1837 a 1901, em que governou no Reino Unido a Rainha Vitória. Ela nasceu em 1819; morreu em 1901 e iniciou seu reinado com apenas 19 anos. Durante essa época, inúmeras normas de conduta ao comportamento social e sexual, principalmente da mulher, foram definidas e incorporadas em todas as nações ocidentais, em função da forte influência de colonização cultural e de costumes que a Inglaterra exercia na época. Essas normas de conduta e de comportamento frente à sexualidade foram de caráter repressivo e conservador, e se constituíram num poderoso instrumento de disciplinamento sexual”, segundo Furlani (2009, p.184).

Apesar da pretensão em redefinir o paradigma temático acerca da História da sexualidade, o projeto “ficaria inacabado por ocasião da sua morte” (SPARGO, 2017).

Foucault questionou o que se sabia sobre sexualidade até então, embalado pela não aceitação da(s) “verdade(s)” que estabelecidas sobre sexo a sexualidade já que, conforme esclarece Spargo (2017, p.14),

nos relatos tradicionais, a sexualidade é vista como um aspecto natural da vida humana, que, a partir do século XVIII, foi reprimido na sociedade e na cultura ocidentais, encoberto como se fosse as pernas escondidas dos pianos vitorianos, além de indizível – ou seja, censurado na fala e na escrita.

No entanto,

a sexualidade ainda estava lá, cozinhando lentamente sob a superfície puritana da respeitabilidade burguesa do século XIX, mas sufocada por proibições e repressões. Até que ela e nós fomos libertadas na era da minissaia e da psicanálise, revelando pernas e desejos íntimos, colocando tudo para fora.

Ao contrário do que facilmente pode se supor, até o século XVII, “tinha-se com o ilícito uma tolerante familiaridade” posto que ele não carregava pudores, nem os verbais. Segundo Foucault (2015, p.7), “as práticas [sexuais] não procuravam o segredo; as palavras eram ditas sem reticência excessiva e, as coisas, sem demasiado disfarce”. Assim, havia “gestos diretos, discursos sem vergonha, transgressões visíveis, anatomias mostradas e facilmente misturadas, crianças astutas vagando, sem incômodo nem escândalo, entre os risos dos adultos: os corpos ‘pavoneavam’”.

Considerando a história da sexualidade sob a perspectiva da repressão, Foucault (2015, p.125) encontra dois momentos: um primeiro repressor, o segundo, de certa forma, mais permissivo. O primeiro, como alega Foucault (2015, p.125), ocorrido nos entremeios do século XVII, foi marcado pelo

nascimento das grandes proibições, valorização exclusiva da sexualidade adulta e matrimonial, imperativos de decência esquiva obrigatória do corpo, contenção e pudores imperativos da linguagem.

O segundo, no século XX, é aquele do esgarçamento,

é o momento em que os mecanismos da repressão teriam começado a afrouxar; passar-se-ia das interdições sexuais imperiosas a uma relativa tolerância a propósito das relações pré-nupciais ou extra-matrimoniais; a desqualificação dos perversos teria sido atenuada e, sua condenação pela lei, eliminada em parte; ter-se-iam eliminado em grande parte os tabus que pesavam sobre a sexualidade das crianças.

A partir do século XIX, o sexo seria, como traz Foucault (2015, p.8) reduzido à mera “função de reproduzir”. A norma que passa a vigorar foi a da interdição, da marginalização dos discursos sobre sexo e sexualidade. Passou-se a valorizar “um único lugar [de sexualidade] reconhecida: o quarto dos pais” (2015, p.8). Outras formas de sexualidades precisariam ser realocadas de modo a (re)negociar sua existência. Se não no quarto dos pais, onde? Elas que *incomodem* em outro lugar (FOUCAULT, 2015, p.8-9):

lá onde possam ser reinscritas [...] a prostituta, o cliente, o rufião, o psiquiatra e sua histérica — estes “outros vitorianos”[...] parecem ter feito passar, de maneira subreptícia, o prazer a que não se alude, para a ordem das coisas que não se contam; as palavras, os gestos, então autorizados em surdina, trocam-se nestes lugares a preço alto.

Passou-se, como assegura Foucault (2015, p.29), a “analisar a taxa de natalidade, a idade do casamento, os nascimentos legítimos e ilegítimos, a precocidade e a frequência das relações sexuais, a maneira de torná-las fecunda ou estéreis” dado que “a conduta sexual da população é tomada, ao mesmo tempo, como objeto de análise e alvo de intervenção”. Embora pudesse parecer que os interesses buscavam silenciar os discursos sobre sexo e sexualidade, Foucault, como assente Spargo (2017, p.15), “rejeitou essa ‘hipótese repressiva’ e alegou que, a partir do século XIX, as evidências apontavam não para a proibição de falar sobre a sexualidade, mas para uma notável proliferação dos discursos sobre a sexualidade”. Foucault (2015, p.30) sentencia que “não se fala menos do sexo, pelo contrário. Fala-se dele de outra maneira; são outras pessoas que falam, a partir de outros pontos de vista, e para obter outros efeitos”.

Nesse cenário, a quem competiria sentenciar os ditames sexuais ao “tríplice decreto de interdição, inexistência e mutismo?” (FOUCAULT, 2015, p.9) selecionando os locais sociais em que se poderia falar sobre o sexo? E quem poder(*ia*) falar sobre

ele? A identidade chave no paradigma sobre o qual Foucault escreve é a do casal heterossexual cisnormativo, branco e católico, que interrogava (FOUCAULT, 2015, p.43) “a sexualidade das crianças, a dos loucos e dos criminosos” e a dos *homossexuais*.

Como atesta Foucault (2015, p.60), o fato de o discurso científico ser “subordinado aos imperativos de uma moral” foi o que permitiu que normas médicas fossem criadas para controlar essas “aberrações, perversões, extravagâncias excepcionais, anulações patológicas e exasperações mórbidas” (2015, p.59) atribuindo “às menores oscilações da sexualidade uma dinastia imaginária de males fadados a repercutirem sobre gerações”.

Neste paradigma, não havia possibilidade de resistência e menos ainda a possibilidade de um questionamento bem-sucedido desta intrincada rede de poderes. As poucas erupções de resistência [transgressões] à norma eram sentenciadas à marginalidade, muitas vezes patologizadas como loucura. Isto empoderou o discurso médico que, juntamente com os aparatos eclesiásticos e financeiros – não é em vão que o capitalismo surge neste contexto –, desenvolveram e mantiveram sistemas de funcionamento e manutenção de seu poder-saber-fazer, “sob forma de análise, de contabilidade, de classificação e de especificação” (2015, p.26) passando a determinar, então, o que era – e ainda é – aceito e tratado como normal e o que não o era.

Foucault (2015, p.10) sustenta que “esse discurso sobre a repressão moderna do sexo [ainda] se sustenta”. Apesar desta constatação, há de existir espaço para que se fale sobre e para que se pratique o sexo. Embora não fosse desejável a dissipação de energias vitais nos prazeres, dado o então contexto burguês de exploração de mão de obra, havia a necessidade da reprodução e, portanto, a compensação, que se dá por um “ar de transgressão deliberada” (2015, p.11).

Ao se estabelecer uma relação opressiva entre poder, sexo e desejo, sobre a qual não se deveria falar em qualquer lugar, cria(va)-se o oposto. Ecoa(ra)m vozes que rasga(ra)m a *ordem* vigente. Falar sobre sexo era o mesmo que “empregar um discurso em que confluíam o ardor do saber, a vontade de mudar a lei e o esperado jardim” (2015, p.11-12). Para aqueles que ousa(ra)m questionar as complexas estruturas de poder, blasfemar significa(ou) (re)escrever parte de sua história.



## 1.1 Sexo, gênero e orientação sexual

Há, no decorrer da história, equívocos conceituais que aprofundam as diferenças entre quem não segue a heteronorma [a concepção *queer* encara as formas de exercício da sexualidade de modo distanciado de uma norma heterossexista compulsória] e aqueles que julgam a heterossexualidade como natural. Em última instância, o deslize de sentidos contribui para agravar a marginalização de quem escapa à essa heteronorma. É necessário, pois, reconhecer os traços que singularizam o que é sexo, gênero e orientação sexual para redefinirmos orientações quanto ao tratamento crítico e analítico que são conferidos a essas discursividades sobre diversidade sexual e de gênero.

O caráter estritamente sexual diz respeito às atribuições cromossômicas e biológicas ligadas à genitália – ou à ausência dela – que determinam diferenças orgânicas entre homens (cromossomicamente XY) mulheres (cromossomicamente XX) e interssexuais<sup>7</sup> (cromossomicamente desafiadores). Essas diferenças estão ligadas, por exemplo, ao maior grau de desenvolvimento das glândulas mamárias nas mulheres; ao passo que, nos homens, é comum observar um mais acentuado crescimento de pelos faciais, como a barba ou o bigode. Já para os interssexuais, a relação não obedece a uma lógica simplista e desafia raciocínios rápidos e binariamente reducionistas.

A conceituação de gênero guarda relação com as práticas culturais, portanto arbitrárias, e os papéis sociais que são atribuídos à ideia de masculinidade ou de feminilidade em variadas épocas e culturas de modo que

não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado; tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo

---

<sup>7</sup> Interssexualidade diz respeito à condição de indefinição de traços distintivos binários (homem vs mulher) nos corpos. Os órgãos sexuais e reprodutores dos interssexuais não correspondem às expectativas lineares depositadas nos corpos na ocasião do nascimento. Dado o equívoco, que advém da superficialidade do binarismo sobre a interssexualidade, surge um desafio a respeito dos discursos correntes sobre sexo. Vale considerar que “são vários os fatores que determinam o sexo biológico de uma pessoa. No caso dos interssexo, esses fatores se apresentam ‘misturados’. Por conta dessas combinações, pode haver mais de 40 tipos de intersexualidade. No pseudo-hermafroditismo feminino, por exemplo, o bebê possui ovários, DNA feminino (cromossomos XX), genitália interna feminina (ovários e útero) e genitália externa – esta, no entanto, tem características tanto de vagina como de pênis.” <http://www.guiaglbts.com.br/blog/?p=1451> Acessado em 01/11/2017 às 11h29.

qual “a natureza sexuada” ou um “sexo natural” é produzido e estabelecido como “pré-disursivo”, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura (BUTLER, 2016, p.26).

É comum ouvir que o gênero refere-se à maneira como a pessoa se identifica psíquicamente em relação ao seu padrão de comportamento. Segundo Butler (2016, p.25), embora a noção de “mulheres’ [que guarda relação com a ideia de gênero] seja frequentemente invocada para construir uma solidariedade da identidade, uma divisão se introduz no sujeito feminista por meio da distinção entre sexo e gênero” isso porquê

por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: conseqüentemente, não é nem resultado causal do sexo nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo. Assim, a unidade do sujeito já é potencialmente contestada pela distinção que abre espaço ao gênero como interpretação múltipla do sexo. (BUTLER, 2016, p.26)

É consenso supor que as distinções entre mulheres e homens já fundamentaram práticas pautadas pelo preconceito dado que

o argumento de que homens e mulheres são biologicamente distintos e que a relação entre ambos decorre dessa distinção, que é complementar e na qual cada um deve desempenhar um papel determinado secularmente, acaba por ter o caráter de argumento final, irrecorrível. Seja no âmbito do senso comum, seja revestido por uma linguagem “científica”, a distinção biológica, ou melhor, a distinção sexual, serve para compreender – e justificar – a desigualdade social. (LOURO, 1997, p.17-8)

Além do mais,

and perhaps most important, “gender” as a term offered by those who claimed that women’s scholarship would fundamentally transform disciplinary paradigms. Feminist scholars pointed out early on that the study of women would not only add new subject matter but would also force a critical reexamination of the premises and standers of existing scholarly work<sup>8</sup> (SCOTT, 1986, p.1054)

---

<sup>8</sup> “o que é talvez mais importante, ‘gênero’ era um termo proposto por aquelas que sustentavam que a pesquisa sobre as mulheres transformaria fundamentalmente os paradigmas disciplinares. As pesquisadoras feministas assinalaram desde o início que o estudo das mulheres não acrescentaria somente novos temas, mas que iria igualmente impor um reexame crítico das premissas e dos critérios do trabalho científico existente”. Tradução disponível em SCOTT, Joan Wallach. “Gênero:uma

Butler sugere o desmantelamento de um binarismo que simplifica os entendimentos acerca dos conceitos de sexo e gênero. O que se coloca a partir desse desmonte da dualidade é que os sujeitos devem ser visto à luz da História. A autora propõe um entendimento que considera essas noções como uma fusão posto que “a hipótese de um sistema binário dos gêneros encerra implicitamente a crença numa relação mimética entre gênero e sexo, na qual o gênero reflete o sexo ou é por ele restrito” (BUTLER, 2016, p.26)

Para além dessas noções, há a maneira como a pessoa decide exercer o seu afeto e se relacionar sexualmente e/ou afetivamente com o(s) outro(s). A isto chamamos de orientação sexual, que pode ser heterossexual, quando o afeto é direcionado a alguém do sexo oposto; homossexual, quando se direciona ao mesmo sexo; bissexual, que diz respeito ao desejo por ambos os ; ou assexual, quando o afeto não se manifesta por nenhum dos sexos. O lapso conceitual embasa práticas que guardam relação primordial com o exercício de formas de opressão como o machismo, a transfobia, a lesbofobia, a bifobia, a homofobia e a misoginia. A princípio, a atribuição de sexo é permanente, “já o papel de gênero muda no espaço e no tempo (principalmente com a tomada de consciência de distinções que são construídas socialmente, e que podem e devem ser em inúmeros casos ‘desconstruídas’, para que haja igualdade do ponto de vista social).”<sup>9</sup>

## **1.2 Práticas culturais sobre sexo alastradas ao redor do mundo**

São variadas as formas de vivenciar masculinidades e feminilidades em uma perspectiva cultural. Essa dinamicidade questiona a hegemonia dos consagrados papéis tradicionais de exercício de gênero e demonstra como ela é assentada em práticas que se ligam intimamente com as condições de produção e com as formações discursivas e ideológicas de cada lugar e dos sujeitos que as constroem. Ainda assim, algumas “verdades”, inscritas nos comportamentos atribuídos ao gêneros masculino e feminino, são ratificadas como próprias a um determinado gênero.

---

categoria útil de análise histórica”. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

<sup>9</sup> <http://direitoadm.com.br/qual-a-diferenca-entre-genero-e-sexo/> Acessado em 01/11/2017 às 11h52.

A título de ilustração pensemos em como o uso de calças por mulheres em um momento foi entendido como indicador de traços da masculinidade; o uso de piercings e tatuagens já foi caracterizado como signo máximo da delinquência, sobretudo a masculina; ter cabelo grande ou curto, decidir usar esmaltes, brincos, saias, maquiagem, calcinha ou cueca, juntamente com a arbitrária atribuição da cor azul aos bebês do sexo masculino e rosa aos do sexo feminino, entre outras práticas, mostra como elas foram e continuam sendo ressignificadas ao sabor da cultura de modo que hoje servem a outros propósitos e não tem seus usos restritos a um ou outro rincão generificado. Esta é uma prova de que essas posturas são culturalmente inscritas em um modo de pensar que pode ser localizado tanto geográfica quanto temporalmente posto que evidenciam como se espera um determinado posicionamento comportamental em consonância com a uma inabalável crença, dentro de um espectro binário (homem vs mulher; masculino vs feminino) simplificado e tradicional, de estabilidade de gêneros.

Atualmente, no discurso corrente na nossa sociedade sobre a masculinidade percebemos não ser comum haver demonstração de carinho entre homens. Quando ocorrem, são confundidas com traços de efeminação<sup>10</sup>. Enquanto o Brasil entende carinho entre homens como “coisa de mulher”, conforme traz Costa (2015, p.90), na Índia,

a liberdade é total para os homens: eles demonstram toda a profundidade de suas amizades andando nas ruas de mãos dadas, às vezes com dedos entrelaçados ou abraçados. São apenas amigos. *Mas muitos estrangeiros que acabam de chegar à Índia pensam que são gays.*

Lá, a confusão existe nos estrangeiros, cujos olhos enxergam com parâmetros culturais próprios os modos de ser “homem” da sociedade indiana. Surge uma solidária tolerância dos estrangeiros, que atribuem à ordem do exótico a conduta que incomodam a linearidade do binarismo sexual. Esses estrangeiros esvaziam seus conceitos de masculinidade e feminilidade em nome da sujeição a que são impostos em território do outro e acatam o “novo”, ocasionando uma evidente contradição.

---

<sup>10</sup> É uma apropriação por homens de características de comportamento associadas ao estereótipo das práticas de gênero do sexo feminino. É, por vezes, entendido a partir de uma recusa da masculinidade, o que por vezes fundamenta posturas preconceituosas.

Goldenson & Anderson (1989 apud Furlani, 2009, p.19) ilustram como diferentes relações culturais em relação ao corpo e às sexualidades constroem essas “verdades” sobre o sexo. No sul da China, Malásia e Bornéu, por exemplo, há um curioso fenômeno, denominado Koro, em que

as vítimas desenvolvem receio mórbido e obsessivo de que seu pênis esteja encolhendo e acabe por desaparecer dentro do adome, levando-as à morte. Para impedir, geralmente amarram um cordão ao redor do pênis ou o encaixam em talas de madeira. Se não resolver, chamam os membros da família para que se revezem, segurando firmemente o órgão. Há também uma versão feminina do distúrbio<sup>11</sup>, na qual a mulher fica convencida de que seus seios estão enolhendo e os lábios vaginais estão sendo sugados para dentro. Em qualquer dos casos, o distúrbio pode estar associado a culpas advindas da masturbação ou promiscuidade.

Goldenson & Anderson (1989 apud Furlani, 2009, p.19-20) trazem também que

algumas sociedades como os Aranda (da Austrália), os habitantes da ilha Trobriand (da Costa da Nova Guiné) e os Yapese (de uma ilha na Micronésia, no Pacífico), são descritos como povos que, convictamente, negam a necessidade dos homens para a procriação; entre os habitantes das ilhas da costa de Papua, na Nova Guiné, os Kiwi, que são geralmente monogâmicos (embora a poligamia seja permitida), observa-se nos seus mitos sexuais a crença de que a mulher dara à luz a gêmeos se comer bananas de uma bananeira com dois cachos, da mesma forma que uma mulher pode superar a esterelidade comendo aranhas e ovos de aranhas. Os Tucano, uma tribo indígena brasileira, acreditam que uma mulher grávida deve evitar ter relações sexuais para impedir que o número de fetos aumente tanto que ela chegue a explodir.

Na sociedade brasileira os dentes “são considerados por muitos o ‘cartão’ de visitas de uma pessoa”, isso por conta da importância, sobretudo para as culturas ocidentais, do beijo. Ainda para Goldenson & Anderson (1989 apud Furlani, 2009, p.22),

---

<sup>11</sup> “Mantive aqui, a expressão ‘distúrbio’, conforme a citação original”, (FURLANI, 2009, p. 183).

algumas das sociedades africanas e entre os aborígenes australianos, com o propósito de aumentar a atração sexual e especialmente como parte de cerimônias de iniciação sexual, costuma-se alterar os dentes: limar, tingir, perfurar, puxar e arrancá-los.

Já entre os Yapese, segundo Goldenson & Anderson (1989 apud Furlani, 2009, p.22), habitantes de uma grande ilha nas Carolinas, “entre seus costumes e crenças destacam-se o escurecimento dos dentes como embelezamento e atrativo sexual”. Não somente a relação com o beijo, mas também a “coloração da pele” (FURLANI, 2009, p.22-23),

pode se constituir num componente de atração sexual. Mesmo tendo a retórica da construção de nossa identidade estético-cultural se originado na Europa, a partir da hegemonia da raça branca e sob a égide do poder masculino, ao contrário do que se acredita, a pele de cor branca (pálida) não é tão universalmente apreciada. Muitos preferem os tons mais escuros. Talvez esta ideia seja mais facilmente admitida pela constatação da grande disputa por um “lugar ao sol”, na busca pela “cor massa”, que angustia os jovens (e não só eles), por ocasião do verão. A mídia vende o corpo preconizado pelo mito. Não há propagandas em que não se veja gente jovem, “bonita”, “bronzada”, “saudável” e atlética. Se na época Vitoriana as mulheres usavam sombrinhas para evitar o bronzeamento, hoje em dia, rostos e corpos bronzeados são considerados extremamente sensuais.

O mito do corpo perfeito, a título de ilustração, varia de acordo com a época e as expressões culturais em questão. “Cicatrizes podem estar associadas à bravura e ao heroísmo” (FURLANI, 2009, p.24); mas também “à preferência por práticas sadomasoquistas”. Costumes como moldar o tamanho da cabeça, na França, no início do século XX; diminuir o tamanho do pé a partir do enfaixamento de pés de mulheres pertencentes às classes mais altas, na China; ou até mesmo o (f)ato de alongar o pescoço com o uso de argolas, como observado nas “mulheres-girafas”, na Tailândia (Furlani, 2009, p.25); são maneiras de expressar o modo como o ideal de beleza é socialmente construído a partir dos valores e ideais que cada sociedade elege para si.

Apesar de na Índia haver uma benevolente tolerância com os modos de homens expressarem seus afetos para com outros homens, lá se pune a homofobia de tal modo que

a homossexualidade também enfrenta fortes preconceitos. Uma lei de 1861, da era britânica, iguala a relação sexual entre homens ou entre mulheres ao sexo feito com animais e com crianças. Um crime que teoricamente poderia ser punido com até 10 anos de cadeia. (COSTA, 2015, p.90)

No Irã há uma curiosa contradição que evidencia a complexidade no tratamento das sexualidades ao redor do mundo posto que lá a

homosexuality is a crime, punishable with death for men and lashings for women. But Iran is also the only Muslim country in the Persian Gulf region that gives transcitizens the right to have their gender identity recognized by the law. In fact, the Islamic Republic of Iran not only allows sex reassignment, but also subsidizes it.<sup>12</sup>

E lá também se observa uma claro entendimento de que há tolerância e respeito com a conformidade de papéis de gênero. Um indivíduo que tenha nascido com a genitália masculina, mas que não se identifica com ela, pode se submeter a um procedimento cirúrgico subsidiado pelo estado para estabelecer conformidade entre o sexo e a identidade de gênero e satisfazer o tradicional enquadramento linear binário dos discursos sobre diversidade sexual e de gênero. O estado Islâmico do Irã não contemporiza com práticas homossexuais, que são violentamente punidas. No entanto, há condescendência com a linearidade da atribuição biológica da genitália e a identidade de gênero. Neste contexto, um homem não pode ser visto com adereços – como em uma paródia/performance *drag* – tipicamente femininos. Mas lá, a ele cabe o direito de se submeter a um procedimento de redesignação sexual para que haja concordância entre o atributo biológico e as normas/regulações de comportamento esperadas para os gêneros. Para além disso, a cessão voluntária do preconceito também parece existir no Brasil. Cá, o Carnaval concede uma carta branca para a paródia de gêneros, uma (des)autorização do modo de ser outro com data e local marcados. É frequente encontrar em algumas cidades brasileiras blocos de Carnaval e marchinhas que carregam multidões de homens heterossexuais, muitos deles

---

<sup>12</sup> No Irã, a homossexualidade é um crime punido com morte para os homens e chicoteamento para as mulheres. Mas o Irã é o único país na região do Golfo Pérsico que oferece aos seus transcidadãos o direito de ter suas identidades de gênero respeitadas. De fato, a República Islâmica do Irã não somente permite a redesignação sexual como também a subsidia. Tradução do autor. <https://qz.com/889548/everyone-treated-me-like-a-saint-in-iran-theres-only-one-way-to-survive-as-a-transgender-person/> Acessado em 01/11/2017 às 16h00.

cisgêneros, vestidos como mulheres e vice-versa. As sanções moralizadoras deixam de surtir efeito em nome de um discurso que revela que “no Carnaval, tudo pode!”.

No que diz respeito à criminalização da homossexualidade ao redor do mundo, de acordo com um relatório divulgado pelo jornal inglês The Guardian, ser gay ainda figura como transgressão judicial em 73 países, conforme mapeado pelo jornal. No

Iran, Sudan, Saudi Arabia and Yemen, homosexuality is still punishable by death, under sharia\*<sup>13</sup> law. The same applies in parts of Somalia and northern Nigeria. In two other countries – Syria and Iraq – the death penalty is carried out by non-state actors, including Islamic State<sup>14</sup>.

No Brasil, país que mais mata homossexuais e transsexuais no mundo, não parece ser diferente. Relatório do Grupo Gay da Bahia estima que

343 LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transexuais) foram assassinados no Brasil em 2016. A cada 25 horas um LGBT é barbaramente assassinado vítima da “LGBTfobia”, o que faz do Brasil o campeão mundial de crimes contra as minorias sexuais. Matam-se mais homossexuais aqui do que nos 13 países do Oriente e África onde há pena de morte contra os LGBT.

Estes números são aqueles computados nas estatísticas oficiais. Ficam à margem dessas estatísticas aqueles cujo sangue tingem o chão das ruas e se apagam na memória discursiva da população. Muitas vezes as mortes não são contabilizadas como homofobia, lesbofobia ou transfobia por ingerência das autoridades em não protocolar os crimes como da ordem da *LGBTfobia* ou por ficarem perdidos na vergonha de pais e familiares que preferem tratar o crime como um assassinato comum do que um crime de ódio, “desonrando” a reputação da família ou fundamentando a omissão na vergonha de o crime figurar nas estatísticas de crime de ódio contra a (homos)sexualidade.

---

<sup>13</sup> A Sharia é o código de leis do islamismo que rege os estados em que a religião é praticada. Em muitos dos países que a adotam, não há distinção entre religião e Estado ou entre religião e justiça.

<sup>14</sup> No Irã, Sudão, Arábia Saudita e Yemem, a homossexualidade ainda é punida com pena de morte, sob a lei da soaria. O mesmo se aplica a partes da Somália e ao norte da Nigéria. Em outros dois países — Síria e Iraque — a pena de morte é realizada por atores que não fazem parte da política, incluindo o Estado Islâmico. \*A Sharia é o código de leis do Islamismo. Tradução do autor. <https://www.theguardian.com/world/2017/jul/27/gay-relationships-still-criminalised-countries-report> Acessado em 02/11/2017 às 12h15.



No Brasil, também, [alguns] progressos (s)urgem, dado o contexto de aprovação de medidas em favor das sexualidades *queer*. Segundo a dissertação de mestrado de Bebiano (2017, p.50),

o que ocorre, de fato, é que historicamente não é a prática da homossexualidade por si só, ou em si, a causa primeira da homofobia, mas, sim, o não enquadramento do indivíduo ao *gênero* a que se destinou em função do seu sexo biológico; a não correspondência das atitudes e comportamentos às atitudes e aos comportamentos prescritos socioculturalmente àquele gênero leva à discriminação e ao preconceito.

Apesar de não ser ainda criminalizada no Brasil, a homofobia tem sido tratada de maneira diferenciada, sobretudo após o advento de chegada ao poder dos ex-presidentes Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2011/PT-SP) e Dilma Rousseff (2012/2016/PT-RS), que muito mudaram o tratamento conferido em relação à pluralidade sexual e as formas de enxergarmos os gêneros. Alguns desses avanços são<sup>15</sup>:

- a) 2003 – ascensão da Secretária de Direitos Humanos a Ministério da República;
- b) 2004 – criação do programa “Brasil sem Homofobia”;
- c) 2005 – fortalecimento, em 2005, do Conselho Nacional de Combate à Discriminação e Promoção dos Direitos LGBT;
- d) 2006 – sanção da Lei Maria da Penha;
- e) 2008 – realização da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas e Direitos Humanos LGBT;
- f) 2008 – convocação da conferência que, em 2008, ouviu pela primeira vez as demandas da população LGBT;
- g) 2009 – criação da Coordenação Geral de Promoção dos Direitos de LGBT;
- h) 2010 – criação do Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos LGBT e a extensão de direito de declaração conjunta de renda para casais homoafetivos pelo Ministério da Fazenda;

---

<sup>15</sup> <http://www.pt.org.br/com-lula-e-dilma-direitos-lgbt-conquistam-resultados-ineditos/> Acesso em 31/10/2017 às 11h50.

i) 2011 – criação do módulo LGBT no Disque 100<sup>16</sup>, a elaboração do 1º Relatório sobre Violência Homofóbica no Brasil e a realização da 2ª Conferência Nacional de Políticas Públicas e Direitos Humanos LGBT;

j) 2013 – alteração no Sistema Único de Saúde (SUS), que passou a contemplar o atendimento completo para travestis, transexuais e transgêneros, como terapia hormonal e cirurgias na procedimento de redesignação sexual, o reconhecimento dos direitos de casais de mesmo sexo no serviço público federal, a assinatura do governo brasileiro à Convenção contra Todas as Formas de Discriminação e Intolerância da Organização dos Estados Americanos e a criação do Sistema Nacional de Promoção de Direitos e Enfrentamento à Violência contra LGBT;

k) 2015 – posse de Symmy Larrat, que é travesti, como Coordenadora-Geral de Promoção dos Direitos LGBT da Secretaria de Direitos Humanos;

l) 2016 – sanção de decreto<sup>17</sup> em um dos últimos despachos da Presidenta Dilma Rousseff, ainda em exercício antes do impeachment ser concretizado, que dispõe sobre o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional.

Ainda considerando o aspecto reducionista binário de compreensão da diversidade de sexo e gênero ao qual as mulheres foram relegadas, a elas coube por muito tempo cumprir com obrigações como executar tarefas domésticas de limpeza e manutenção da casa e a de cuidar dos filhos; ao homem se atribuiu a função de desempenhar atividades prioritariamente externas à casa e prover o sustento da família. A despeito disso, tem havido gradualmente uma relação de ruptura desta dualidade. A fratura se observa por meio de conquistas das mulheres (que definitivamente não são minorias, mas que ainda seguem subjugadas ao desejo masculino) e das populações *queer* em tentativa de equalizar/reparar danos históricos

---

<sup>16</sup> Segundo o site do Ministério dos Direitos Humanos, disque 100 é o número que deve ser discado para acionar o “Departamento de Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos [que] tem a competência de receber, examinar e encaminhar denúncias e reclamações, atuar na resolução de tensões e conflitos sociais que envolvam violações de direitos humanos, além de orientar e adotar providências para o tratamento dos casos de violação de direitos humanos, podendo agir de ofício e atuar diretamente ou em articulação com outros órgãos públicos e organizações da sociedade. As denúncias poderão ser anônimas ou, quando solicitado pelo denunciante, é garantido o sigilo da fonte das informações”. Disponível em: <http://www.sdh.gov.br/disque100/disque-direitos-humanos>

<sup>17</sup> [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2016/decreto/D8727.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/decreto/D8727.htm) Acesso em 31/10/2017 às 11h50.

que permanecem na raiz de muitos problemas que derivam do machismo e outras formas de expressão de ódio direcionadas à diversidade sexual e de gênero. Este retrato é tão complexo como o observado no cenário brasileiro em que há crescentes e alarmantes índices de violência doméstica, crimes de feminicídio<sup>18</sup>. A violência contra a mulher foi, inclusive, o estopim do contexto de aprovação da Lei Maria da Penha 11340/06, de 7 de agosto de 2006<sup>19</sup>, que trata de uma não equidade no tratamento conferido às mulheres quando comparado ao dos homens. Por muito tempo, como explicado anteriormente, foi [ainda é] especialmente “reservado” um papel de submissão doméstica à mulher. Ao contestar esse modelo, mulheres são vítimas da fúria masculina, que acaba por se traduzir em violências verbal e física.

Os signos apontam para práticas sociais que inscrevem arbitrariamente ideias de gêneros a serem performadas/ realizadas/ usadas em uma espera coerência de práticas sociais com as atribuições biológicas. É como se houvesse um cardápio de práticas, roupas, acessórios, trejeitos, afetos, papéis de gênero e modos de ser e viver que são automaticamente inscritos nos corpos dos recém-nascidos por ocasião da genitália. Dado que cada cultura elege um modelo que sugere modos de se relacionar com as sexualidades priorizando algumas questões em detrimento a outras, esse caráter de oscilação reforça a arbitrariedade dos sistemas de representações das masculinidades e feminilidades.

Dado que esses hábitos são produtos de celebrações arbitrárias, contingenciais e inscritas em um determinado espaço e tempo em relação aos referenciais culturais que os regem, eles podem, portanto, ser (re)definidos e ressignificados. E cabe à educação discutir, sob o prisma analítico, a quem se autoriza discursar em nome dessas “verdades” e quais redes de poder sustentam essas falas que legitimam algumas – poucas – formas de viver a diversidade sexual e de gênero e marginalizam outras tantas que não se enquadram no na dicotomia do binarismo.

Nesse paradigma, ser homem no nosso país implica apresentar comportamentos entendidos como socialmente inscritos em um discurso de masculinidade ao passo que ser mulher implica apresentar comportamentos entendidos como socialmente inscritos em um discurso de feminilidade. Ser *homem*

---

<sup>18</sup> Refere-se ao assassinato de mulheres em contextos marcados pela desigualdade de gênero.

<sup>19</sup> Promulgada no governo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT-SP), a lei recebeu esse nome a partir dos constantes episódios de agressão verbal contra a farmacêutica Maria da Penha. Ela cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher e acelerar a condenação de crimes de misoginia.

*feminino* ou *mulher masculina*, dentro da heteronorma norma, seria o equivalente a negar um chamado da natureza, por isso o entendimento (equivocado, é claro!) de um descompasso do comportamento que contraria a norma. Cria-se, a partir da *legitimidade* do discurso biológico, bíblico e das práticas consagradas de gênero, uma ojeriza àqueles que apresentam em suas atitudes, condutas e comportamentos características majoritariamente atribuídas ao gênero oposto.

É assim que culturalmente se constroem algumas das “verdades”, ou dos discursos que fundamentalmente tentam se apresentar como verdadeiros a partir de uma perspectiva naturalizante sobre a diversidade sexual e de gêneros. Segundo Furnali (2009, p.24),

a sexualidade observada no final do século XX se mostrou extremamente fetichizada em estilos que acentuaram procedimentos ousados para uns, contestadores para outros, bizarros e esquisitos para a maioria conservadora.

A postura de distanciamento das práticas socioculturalmente generificadas embasa uma “construção ideológica que consiste na promoção de uma forma de sexualidade (hetero) em detrimento de outra (homo), a homofobia organiza uma hierarquização das sexualidades e, dessa postura, extrai consequências políticas” (BORRILLO, 2010, p.34). Há uma primazia que ocorre entre as dicotomias homem vs mulher, hetero vs homo, branco vs negro, ocidental vs oriental, tradicional vs inovador. Ainda, de acordo com Borrilo (2010, p.34), Este é um

fenômeno global, ao mesmo tempo, cognitivo e normativo, o heterossexismo pressupõe a diferenciação elementar entre os grupos homos/héteros, reservando a este último, sistematicamente, um tratamento preferencial.

Considerando que “a construção binária do ser masculino e do ser feminino foi dissociada da economia da reprodução e do fato natural puramente dado graças à distinção entre gênero (identidade), sexo (marcas biológicas) e desejo (orientação sexual)” (GONÇALVES, 2015, p.1-2) e que ainda há estruturas de dominação, surgem alguns questionamentos como: “Quem [e por qual motivo] tem a primazia nesse processo? Que instâncias e espaços sociais têm o poder de decidir e inscrever em nossos corpos as marcas e as normas que devem ser seguidas?” (LOURO, 2008,

p.18). A autora antecipa: “qualquer resposta cabal e definitiva a tais questões será ingênua e inadequada”. Gonçalves (2015, p.2) elenca, na tabela a seguir, as instâncias e discriminação e opressão de gênero e sexualidade conforme segue:

Performatividade de Gênero e Sexualidade	Expressão de Opressão/Ódio	Estrutura de Dominação
Mulheres cisgêneras e transgêneras	Machismo e misoginia	Patriarcado e falocentrismo
Lésbicas, gays e bissexuais	Lesbofobia, homofobia e bifobia	Heterossexualidade compulsória
Travestis, mulheres transexuais e homens transexuais	Transfobia	Cisnormatividade

Tabela 1: proposta por Gonçalves (2015) sobre a estrutura de dominação em articulação com os modos de expressão de opressão e ódio

É possível afirmar que o “ar de transgressão deliberada” e “fora do alcance do poder desordena a lei, antecipa, por menos que seja, a liberdade futura” (FOUCAULT, 2013, p.11) em contraste à tentativa de imposição de um enquadramento heterocisnormativo aos corpos. A prescrição comportamental não surte efeito e a criatividade nos modos de ser apontam novos caminhos no modo de ser *queer*. Essa dinamicidade dos modos de ser enquanto corpo se dão por meio da *performance* fluída de identidades sexuais diferentes. Surge a noção do devir, do sujeito em construção. Qualquer tentativa de normatização dos corpos ou enquadramento em uma norma são contrárias ao *queer*. Não serve enquanto molde de (transform)ação em uma perspectiva crítica de ensino. É pela facilitação do professor na escola e por meio de um processo crítico de ensino-aprendizagem que a proposição de atividades *queer*, segundo Moita Lopes (2006, p.5), “pode[m] ser entendida[s] como arena[s] de construção das identidades sociais”.

Deste modo, não é cabido explicar porque as pessoas assumem determinadas condutas, mas sim desconstruir o conceito de cultura para compreender porque elas se tornaram o que são e quais contingências sócio-histórico culturais e econômicas engendraram tais ocorrências na sociedade. Em outras palavras, as redes de sustentação discursivas que recusam o (s) desejo(s) homossexual (ais) devem ser intercaladas a fim de que os meandros que geraram a recusa à homossexualidade e à transitividade de gênero sejam compreendidos.

A resistência se dá por meio da ousadia em desobedecer a norma. A violação questiona as instâncias de poder as quais Foucault convencionou chamar de *poder disciplinar*. Esta nova relação de subordinação se caracteriza não mais pela subserviência dos dominados a uma ordem, mas, sim por uma classificação daqueles a quem é aplicado. Ele se sustenta por meio de três mecanismos distintos: a vigilância hierárquica; a sanção moralizadora e o exame. A que mais nos interessa neste trabalho é a sanção moralizadora que, conforme Paula (2009, p.38) explica, visa a

qualificar e reprimir todas as micropenalidades: do tempo (atrasos e falta); da atividade (desatenção e negligência); da maneira de ser (grosseria e desobediência); dos discursos (tagarelice e insolência), do corpo (atitudes incorretas e gestos não conformes, da sexualidade)

Percebe-se como atitudes e gestos indesejados são assujeitados a uma (re)interpretação para que, como tencionam algumas ordens do poder, eles se (re)inscrevam em uma relação da heteronorma em caráter de transgressão para negociar as suas vivências e um dos modos de reconstrução é por meio da reflexão que a teoria *queer* ocasiona.

### **1.3 O ponto em que a teoria *queer* encontra a mídia e a AD**

A teoria *queer*, que tem a filósofa contemporânea Judith Butler como um de seus maiores expoentes, discorre sobre o conceito de performatividade em que, conforme Salih (2015, p.21), “os processos pelos quais a identidade é construída [ocorrem] no interior da linguagem e do discurso”. Dado que todo ato e toda fala estão localizados em um eixo contínuo que conjuga os planos social, histórico, econômico, racial, sexual e discursivo, não há isenção na fala, mas sim uma multiplicidade de vozes que constituem os enunciados e ecoam discursos anteriores. Assim tomamos os sujeitos a partir das posições que assumem nas condições que propiciam a emergência das sequências discursivas que proferem. Segundo Authier-Revuz (1990, p.3),

somente [um] Adão mítico, abordando com sua primeira fala um mundo ainda não posto em questão, estaria em condições de ser ele próprio o produtor e um discurso isento do já dito na fala do outro. Nenhuma palavra é “neutra”, mas inevitavelmente “carregada”, “ocupada”, “habitada”, “atravessada” pelos discursos nos quais “viveu sua existência socialmente sustentada”

Vale também lembrar que os discursos são assentados em enunciações já realizadas e vão se reconfigurando conforme as ocorrências emergem na/pela linguagem. A noção de performatividade que aqui surge garante que “as teorias construtivistas não tentam reduzir tudo a construções linguísticas, mas estão interessadas em descrever as condições de emergência – neste caso – do sujeito” (SALIH, 2005 p.21) clivado pelas instâncias e discursividades que o atravessam. Para além disso, é notório reconhecer também que “o estilo de Butler é, *ele próprio*, parte das intervenções teóricas e filosóficas que ela está tentando fazer” (SALIH, 2005, p. 24) e que “seria inconsistente para Butler contestar as normas de gênero que ela afirma ser construídas e mediadas linguisticamente sem contestar também a própria linguagem e a gramática nas quais essas normas são instituídas” (SALIH, 2005, p. 25).

É neste sentido que a maneira como se usa a língua emerge como fator determinante nas relações de equidade quando se negociam discursividades *queer*. A partir das seleções linguísticas enunciadas nas sequências discursivas, é possível recapitular a ideologia e também alguns aspectos sociais, históricos, culturais e econômicos que se entrelaçam na constituição do sujeito formando seu o discurso que, segundo a dissertação de mestrado de Bebiano (2016, p.106),

deve ser tomado como um conjunto de ideias sobre as quais pesam, incontestavelmente, o inconsciente e nas quais a memória do dizer, ou seja, o interdiscurso, ou memória constituída social e historicamente ecoa.

Não se toma a sexualidade de maneira isolada. Conforme Moita Lopes (2004, p.4), ela

tem que ser considerada em relação a outras identidades sociais como classe social, gênero, raça, etnia etc que entrecruzam nossa construção discursiva como amalgamadas identidades sociais em práticas discursivas particulares.

Sobre os estudos de Foucault (1987, apud Louro, 1997, p. 38), o poder

tem um lugar significativo [que é] inovador e instigante. Foucault desorganiza as concepções convencionais — que usualmente remetem à centralidade e à posse do poder — e propõe que observemos o poder sendo exercido em muitas e variadas direções, como se fosse uma rede que, "capilarmente", se constitui por toda a sociedade. Para ele, o poder deveria ser concebido mais como "uma estratégia"; ele não seria, portanto, um privilégio que alguém possui (e transmite) ou do qual alguém se "apropria". Mais preocupado com os efeitos do poder, Foucault diz que seria importante que se percebesse esses efeitos como estando vinculados "a disposições, a manobras, a táticas, a técnicas, a funcionamentos" .

Butler traz em *Subjects of desire*, (1990 apud SALIH, 2015, p. 41) noções relevantes sobre a constituição do "Eu" a partir de considerações do filósofo alemão Hegel, que afirma que

é apenas através do reconhecimento e do conhecimento de um outro que o "Eu" pode conhecer a si mesmo, de modo que desejo é sempre o desejo por algo que é "Outro", o que acaba por ser um desejo pelo próprio sujeito. Há na *Fenomenologia* dois modos de desejar: o desejo pelo Outro, que leva à perda do Eu, e o desejo por si mesmo (ou, em outras palavras, a autoconsciência) que leva à perda do mundo. Dito de outro modo, o sujeito só pode conhecer a si mesmo *através de um outro*, mas no processo de conhecer a si mesmo e constituir sua própria autoconsciência, ele deve superar ou aniquilar o Outro, caso contrário ele coloca em risco sua própria existência. O desejo é, em outras palavras, equivalente à consumação do Outro.

Em outro trabalho, intitulado *Gender Trouble*, considerado um estudo fundamental sobre os estudos feministas, Salih (2015, p.65) esclarece a afirmação de Butler sobre existirem "modos de 'construir nossa identidade' que irão perturbar mais ainda quem está diretamente interessado em preservar as oposições existentes". Aqui, continua Salih, passam a ser questionados os binarismos existentes entre macho/fêmea, masculino/feminino, gay/hétero.



Para além desta consideração, Salih (2015, p.65) explica que em *Gender Trouble* se duvida d“a categoria do ‘sujeito’”, que é pensado como um constructo performativo. Este “sujeito de Butler é um ator que simplesmente se põe de pé e ‘encena’ sua identidade num palco metafórico de sua própria escolha”. E, esclarece a distinção estabelecida por Butler entre “*performance* (que pressupõe a existência de um sujeito) e *performatividade* (que não o faz)” de maneira que isto não implica a noção de que “não há sujeito, mas que o sujeito não está exatamente onde esperaríamos encontrá-lo – isto é, ‘atrás’ ou ‘antes’ de seus feitos”.

Tamanho é o atravessamento e contradições que constituem os indivíduos que questionamentos podem surgir. Em um contexto que acena para mais liberdade de existir e ao mesmo tempo em que há um fortalecimento das formações discursivas conservadoras, que razões levam, por exemplo, alguns indivíduos *queer* a não se sentirem confortáveis dentro de um universo majoritariamente gay e a reivindicarem pertencimento a heteronorma? Segundo Pelúcio (2017, p.12),

as buscas mediadas por aplicativos móveis (apps) para fins sexuais e/ou amorosos mudaram a paisagem sentimental contemporânea [sobretudo a homoafetiva]. No caso daqueles que procuram homens para relacionamentos, os *apps* prometem suavizar os incidentes anódinos da rua, tão previsíveis quando indesejados. Ser publicamente heterossexual ainda é uma espécie de imperativo, e enfrentar esse regime regulatório da visibilidade dos desejos e afetos pode ter custos sociais altos.

Isso se deve pelo fato de “as ruas da grande metrópole terem assistido desfiles de corpos que desafiaram regimes regulatórios do sexo, ainda hoje se humilha, agride e mata quem ousa viver fora da heteronorma”, segundo Pelúcio (2017, p.12), que completa (p.13):

nesse cenário de flagrantes transformações, existem terríveis permanências. De modo que a internet se mostra como um lugar onde se pode estar a salvo. Sobretudo para aqueles/as que, historicamente, tiveram seus desejos proscritos. Regular a exposição física no intuito de evitar violências de diversas ordens é uma possibilidade muito recente e que pauta outros roteiros para a paquera. Diante da histórica marginalização dos locais de encontro gays, o serviço comercial dos aplicativos acena com o que antes era praticamente impossível: buscar um parceiro do mesmo sexo sem se expor no espaço público, ou seja, sem temor, sem vergonha e, fato a ser sublinhado, sem ter que reconhecer a si mesmo como parte do segmento homossexual. O chamado “meio gay”, tido por muitos homens como um espaço físico contaminado e contaminante, parece se encerrar em uma geografia evitável.

Por que há a necessidade ainda premente de se ocultar o desejo na nossa sociedade? Em que medida os materiais didáticos podem contribuir para a desconstrução de um paradigma heterocisnormativo? Parece que o medo de assumir uma identidade que contraria valores tão caros a nossa sociedade como a instituição familiar, sobretudo a pautada pela moralidade religiosa, o desconforto que diferença gera e a violência explicam parte do posicionamento *queer* ainda tentar se enquadrar em matrizes heterocisnormativas. Para Roudinesco (2003, p.11), a ordem homossexual como maneira de inserção a uma economia liberal já que

nossa época gera, assim, a propósito da família, um discurso profundo, do qual o desejo homossexual, transformado em desejo de normatividade, seria [...] um dos reveladores, no mesmo momento em que os poderes do sexo parecem nunca ter sido tão escondidos, no seio de uma economia liberal que tende a reduzir cada vez mais o homem a uma mercadoria.

A despeito dos clichês que por vezes eufemizam ou servem como caricatura para o sentido emprestado ao significado do ser *queer*, muitos dos discursos que ajudam a compor parte do estereótipo circulam na sociedade como materiais midiáticos de modo que é imprescindível que a mídia seja colocada em análise observação.

#### 1.4 O porquê da escolha de textos midiáticos como corpus da pesquisa

A representatividade que o discurso midiático exerce nos jovens, adolescentes e nos adultos por meio do fetiche da narrativa e dos textos que nele se enquadram ou são veiculados (artigo de opinião, notícias, reportagens, crônicas, peças publicitárias, histórias em quadrinho críticas entre outros) foram fator decisivo no que tange à escolha do corpus desta pesquisa .

A análise empreendida busca, senão desconstruir, ao menos vislumbrar o modo sub-reptício de manutenção da heteronorma e contribuir para sua desnaturalização. Seria levemente fácil e, inclusive, ingênuo supor uma unicidade responsável pela manutenção deste poder já que, segundo Foucault (1979, p.71)

‘dominar’, ‘dirigir’, ‘governar’, ‘grupo no poder’, ‘aparelho de Estado’, etc é todo um conjunto de noções que exige análise. Além disso, seria necessário saber até onde se exerce o poder, através de que revezamentos e até que instâncias, frequentemente ínfimas, de controle, de vigilância, de proibições, de coerções. Onde há poder, ele se exerce. Ninguém é, propriamente falando, seu titular; e, no entanto, ele sempre se exerce em determinada direção, com uns de um lado e outros do outro; não se sabe ao certo quem o detém; mas se sabe quem não o possui.

Dada a influência que o discurso midiático exerce nas diversas instâncias da sociedade moderna, lhe foi dado, não desmerecidamente, o título de quarto poder<sup>20</sup>. A título de ilustração, tome-se a influência que exerce em eleitores em suas intenções de voto a partir de coberturas midiáticas, muitas vezes parciais, em favor de um candidato e em desfavor a outro(s), do advento de *fake news*<sup>21</sup> e da penetração e

---

<sup>20</sup> É uma expressão que surge em um contexto democrático de organização dos poderes que regem [a maioria dos Estados contemporâneos. Tradicionalmente, as instâncias de poder são o Executivo, o Legislativo e o Judiciário. A mídia surge como quarto poder para contrabalancear as (in)equidades advindas do abuso de algum desses poderes principalmente a partir da verificação das atividades empreendidas em cada um deles.

<sup>21</sup> *Fake News*, ou notícia(s) falsa(s), se refere ao ato de disseminação de histórias, que contam com uma roupagem jornalística, responsáveis por fazer o leitor, muitas vezes ingênuo, acreditar em mentiras. Elas contrariam a veracidade dos eventos por meio da subversão dos fatos e vão de encontro aos princípios éticos que regem a prática jornalística de modo a servir a um fim específico. Elas ganharam forte notoriedade a partir do comportamento do atual presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, que flerta com discursos ultraconservadores, de classificar órgãos de verificação de fatos e equipes jornalísticas como sendo propagadores de mitos, a fim de legitimar sua presidência marcada pelo conservadorismo.

relevância das redes sociais na globalizada vida contemporânea, sobretudo, ocidental. Dessa forma, entendemos que de alguma forma essas sequências discursivas influenciam no processo de formação de opinião dos jovens.

Com uma multiplicidade de vozes que, justamente por assim o serem, ecoam outros discursos, cabe buscar reflexões acerca de alguns comportamentos que, inscritos em uma perspectiva pós moderna, parecem ser contraditórios mesmo dentro do trânsito discursivo *queer*. É neste cenário de muitas dúvidas e poucas certezas que se situa este trabalho, em que são apresentados dados de uma pesquisa sobre o tratamento de discursos publicitários e jornalísticos, histórias em quadrinho (HQ) que se debruçam sobre os temas sexo e sexualidade em publicações de periódicos de atualidades e de outros discursos que circulam no tecido social majoritariamente urbano, embora não restrito a ele.

## CAPÍTULO 2

### **Conceitos e noções da Análise de Discurso francesa: fundamentos teórico-metodológico e analítico da pesquisa**

Os estudos sobre a Análise de Discurso (AD) se mostram um campo fértil para as reflexões empreendidas nessa pesquisa devido à amplitude da área que reflete sobre uma variada gama de textos. Essa mesma constatação acerca da diversidade dos objetos de análise da área é o que caracteriza a disciplina como um campo fronteiriço justamente por ela estabelecer contato com diversas disciplinas. Nesse sentido, vale definirmos qual é o foco da AD que, em linhas gerais, não reside no estudo da organização textual nem na situação da comunicação, mas sim considera a relação que existe entre o modo de enunciação e a ocorrência desta em determinado lugar.

O que se entende por “sujeito” nesta dissertação, portanto, é aquele versado a partir da concepção da Análise de Discurso de linha francesa. Ele é entendido como constituído pelo inconsciente e pela ideologia. Orlandi (2015, p.44) define, a partir dos estudos de Michel Pêcheux, que “a ideologia faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. Neste quadro teórico, o indivíduo “é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer”. Este capítulo dedica-se a explicar os pressupostos da Análise de Discurso (AD) como suporte para a análise dos registros do *corpus*, apresentada no Capítulo 3.

De acordo com Orlandi (2015, p.13), dentro dos parâmetro da AD, não se trabalha

com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos seja enquanto membros de uma forma de sociedade.

Desse modo, a AD procura verificar as regularidades da linguagem em sua produção e relacioná-las à exterioridade (ORLANDI, 2015, p.14) de modo a refletir

sobre a maneira como “a linguagem está materializada na ideologia e como a ideologia se manifesta na língua”. Isso quer dizer que os saberes que são envolvidos em um processo discursivo são conjugados histórica, social e ideologicamente.

## **2.1 Interdiscurso, formação discursiva e ideológica, condições de produção e discurso**

Um conceito crucial para a AD é o de interdiscurso, que diz respeito à relação que um discurso estabelece com os outros. Segundo Orlandi (2015, p.40), esse conceito “disponibiliza dizeres determinando, pelo já-dito, aquilo que constitui uma formação discursiva (FD) em relação a outra” de modo que o interesse do analista é perceber o modo de funcionamento dessas relações. Nesse sentido, todas as falas dos sujeitos se assentam em um contínuo de outros discursos já proferidos que, por sua vez, vão apontar para outros que ainda serão formulados e continuamente ressignificados de modo que é nesse movimento discursivo/interdiscursivo que se dá a autoria, a particularidade de um dizer. Esse interdiscurso “designa o ‘exterior específico’ de uma FD para indicar a inscrição no interior do discurso do exterior discursivo” (2015, p.43). Para compreendermos o conceito de interdiscurso, é fundamental considerarmos o de formação discursiva.

Para Orlandi (2015, p.41), pautada nos estudos de Michel Pêcheux, elas: “se definem como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determinam o que pode e deve ser dito”. Esse é um conceito básico na AD “pois permite compreender o processo de produção dos sentidos, a sua relação com a ideologia e também dá ao analista a possibilidade de estabelecer regularidades no funcionamento do discurso”. Vale retomar que tanto a noção de sujeito, quanto a de FD se forma a partir de elementos univocamente ligados entre si: são, pois, tomados como frutos da dispersão. Pêcheux (1997, p. 314) afirma que a noção de FD

está em relação paradoxal com eu ‘exterior’: uma FD não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente ‘invadida’ por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras FD) que se repetem nela, fornecendo-lhes suas evidências discursivas fundamentais (por exemplo sob a forma de ‘pré construídos’ e de ‘discursos transversos’)

Orlandi (2015, p.40-41) completa que para entendermos a FD, é necessário entender

que o sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas. As palavras mudam de sentido, segundo as posições daqueles que as empregam. Elas “tiram” seu sentido dessas posições, isto é, em relação às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem. [...]

No corpus analisado, percebemos basicamente a incidência de dois discursos contraditórios, que fazem parte da mesma FD e formação ideológica, a da sexualidade. Um deles diz respeito às abordagens que são mais arejadas, portanto progressistas, em relação ao tratamento empregado ao tratar da diversidade sexual e de gênero, a ser visto na notícia sobre a visita da pesquisadora Judith Butler, veiculada pelo jornal *O Globo*. O outro tipo materializa na/pela língua posicionamentos conservadores, mas que se apresentam com uma roupagem progressista conforme observado notícia da *IstoÉ*. Em AD, o sujeito é sempre tomado como clivado, heterogêneo e contraditório e, ao tomar uma posição-sujeito num dado discurso, nos seus dizeres revela a posição que ocupa, o lugar de onde fala e as projeções que faz de seus leitores.

Também as condições de produção de um discurso são um dos conceitos do quadro teórico da AD, as quais podem ser restritas (contexto do ato enunciativo) ou amplas (contexto sócio-histórico-ideológico), funcionamento que pressupõe sempre o sujeito e o lugar de onde enuncia. Conforme traz Pêcheux (1969, p.75-6),

o discurso é tomado [...] como uma parte de um mecanismo em funcionamento, isto é, como pertencente a um sistema de normas nem puramente individuais nem globalmente universais, mas que derivam da estrutura de uma ideologia política, correspondendo, pois, a um *certo lugar* no interior de uma formação social dada.

Ao tomarmos, a título de ilustração, um dizer de um deputado na Câmara de Deputados, este sendo “representante exemplar de processos discursivos” (PÊCHEUX, 1969, p.76), devemos fazê-lo a partir do contexto de enunciação haja vista que

um discurso é sempre pronunciado a partir de *condições de produção* dadas: por exemplo, o deputado pertence a um partido político que participa do governo ou a um partido da oposição; é porta-voz de tal ou tal grupo que representa tal ou tal interesse, ou então está “isolado” etc. Ele está, pois, bem ou mal, situado no interior da *relação de forças* existentes entre os elementos antagonistas de um campo político dado: o que diz, o que anuncia, promete ou denuncia não tem o mesmo estatuto conforme o lugar que ele ocupa; a mesma declaração pode ser uma arma temível ou uma comédia ridícula segundo a posição do orador e do que ele representa, em relação ao que diz: um discurso pode ser um ato político direto ou um gesto vazio, para “dar o troco”, o que é uma outra forma de ação política (PÉCHEUX, 1969, p.76).

Conforme o que expusemos acima e considerando Orlandi (2015, p.28-9), as condições de produção podem ser definidas em sentido estrito como o contexto imediato de produção da enunciação. Essas condições de produção restritas são as que levaram os autores dos textos do *corpus* a elaborarem os textos que produziram: a HQ quer conferir um ar progressista ao tratamento empregado às mulheres, então, (re)produz uma HQ primeiramente veiculada em 1997 com uma roupagem contemporânea; o encarte da Gillette quer ampliar o quadro de consumidores de modo a promover engajamento dos consumidores à marca e vender mais lâminas; já as/os jornalistas querem obter maior alcance com suas notícias seja pelo aumento na venda da edição impressa da revista e do jornal, seja para ampliar o número de visualizações da página – e dos anúncios – em que essas notícias estão veiculadas.

A consideração dessas condições de produção ajuda a entender os interesses dos enunciadores e das empresas às quais estão ligados que subjazem a ocorrência das sequências discursivas e, assim, apontam em sentido amplo para “as condições de produção que incluem o contexto sócio-histórico e ideológico”. Nas análises dos registros do *corpus*, a serem analisadas no capítulo 3 desta dissertação, o cenário que engloba essas (d)enunciações é a da manifestação de posições ideológicas conservadoras em relação à diversidade sexual e de gênero, que se materializam nos discursos que circulam na nossa sociedade a partir da tonificação de um contexto macroestrutural de revigoramento de (f)atos conservadores que têm pululado ao redor do mundo. Alguns exemplos – para ficarmos em poucos – que ilustram parte desse recrudescimento a uma FI da ordem do conservadorismo são: a ascensão de Donald Trump à Presidência dos Estados Unidos, os consideráveis índices de voto atribuídos



pelos institutos de pesquisa ao deputado Jair Bolsonaro (PP-RJ), que é o candidato que mais fielmente representa o ideal de político desejado pela extrema direita brasileira e a criação do Movimento Brasil Livre (MBL), entre outros.

Outra noção importante no aporte teórico da disciplina é o de formação ideológica (FI) que, segundo Brandão (2004, p. 107), diz respeito à constituição de um

conjunto complexo de atitudes e representações que não são nem individuais nem universais, mas dizem respeito, mais ou menos diretamente às posições de classe em conflito umas com as outras [...de modo que] cada FI pode compreender várias formações discursivas interligadas.

Dado que a mediação entre as posições que os sujeitos ocupam na sociedade não são lineares, essas “imagens resultam de projeções que permitem passar de situações empíricas – os lugares dos sujeitos – para as posições dos sujeitos nos discursos” (ORLANDI, 2015, p.37), que acaba sendo a distinção entre lugar e posição. Essas posições significam em relação ao contexto histórico e à memória que “assentam-se no modo como as relações sociais se inscrevem na história e são regidas, em um sociedade como a nossa, por relações de poder.”. Dessa forma, ainda segundo Orlandi (2015, p.40), “a imagem é constituída pelo confronto do simbólico com o político, em processos que ligam discursos e instituições.”

## **2.2 Noção de sujeito, relações de sentido, silêncio e heterogeneidade constitutiva**

Retomemos a noção de que as condições de produção de um discurso é o que permite que determinada enunciação possa emergir em determinada época em determinado lugar de modo que o discurso proferido “remete a tal outro, frente ao qual é uma resposta direta ou indireta, ou do qual ele ‘orquestra’ os termos principais ou anula os argumentos. (PÊCHEUX, 1969, p.77). Ainda segundo o filósofo, o processo discursivo

não tem, de direito, início: o discurso se conjuga sempre sobre um discursivo prévio, ao qual ele atribui o papel de matéria-prima, e o orador sabe que quando evoca tal acontecimento, que já foi objeto de discurso, ressuscita no espírito dos ouvintes o discurso no qual este acontecimento era alegado, com as “deformações” que a situação presente introduz e da qual pode tirar partido (PÊCHEUX, 1969, p.77)

Assentada nas considerações de Pêcheux, Orlandi (2015, p.29) sentencia que

não há discurso que não se relacione com os outros. Em outras palavras, os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros. Todo discurso é visto como um estado de um processo discursivo mais amplo, contínuo. Não há, desse modo, começo absoluto nem ponto final para o discurso. Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis.

E é dessa forma que o “orador experimenta de certa maneira o lugar do ouvinte” (1969, p.77) de modo que se estabelece o mecanismo da antecipação. Ele diz respeito à “habilidade de imaginar, de preceder o ouvinte” (1969, p.77), traço que é

constitutivo de qualquer discurso, através de variações que são definidas ao mesmo tempo pelo campo dos possíveis da patologia mental aplicada ao comportamento verbal e pelos modos de resposta que o funcionamento da instituição autoriza ao ouvinte. (PÊCHEUX, 1969, p.78)

Nas palavras de Orlandi (2015), graças ao mecanismo de antecipação “todo sujeito tem a capacidade de experimentar, ou melhor, de colocar-se no lugar em que o seu interlocutor ‘ouve’ suas palavras. Ele antecipa-se assim a seu interlocutor quanto ao sentido que suas palavras produzem” (p.37). Esse artifício é importante posto que vivemos em uma sociedade hierarquizada em que as palavras valem (significam) mais dependendo do lugar em que forem (d)enunciadas. Ademais, Pêcheux (1969, p.79) suspeita que

a um estado dado das condições de produção corresponde uma estrutura definida dos processos de produção do discurso a partir da língua, o que significa que, se o estado das condições é fixado, o conjunto dos discursos suscetíveis de serem engendrados nessas condições manifesta invariantes semântico-retóricas estáveis no conjunto considerado e que são características do processo de produção colocado em jogo.

Nesse sentido, partindo do pressuposto de que “o texto é uma sequência linguística fechada sobre si mesma”, Pêcheux (1969, p.78) conclui que é “impossível analisar um discurso como um texto, mas que é necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido das condições de produção”.

O sujeito ao enunciar assume determinada “posição-sujeito” no fio do discurso. Segundo Courtine (1982<sup>22</sup> apud GRIGOLETTO, 2007, p.2),

pensar o funcionamento da posição-sujeito, Courtine (1982) trabalha com a noção de enunciado dividido. Assim, diz ele, a especificidade da posição-sujeito se dá no funcionamento polêmico do discurso em que o sujeito universal (ou sujeito do saber) é interpelado e se constitui em sujeito ideológico e, ao se identificar com o sujeito enunciador, assume uma posição. Então, diferentes indivíduos, relacionando-se com o sujeito de saber de uma mesma FD, constituem-se em sujeitos ideológicos e podem ocupar uma mesma ou diferentes posições.

Na análise a ser apresentada no Capítulo 3 desta dissertação, consideramos que as sequências discursivas mostram as posições de onde se enuncia. No caso da propaganda da Gillette, consideramos a posição-sujeito aquela do publicitário, que pode ser um ou mais), responsável por desenvolver a campanha, e a do empresário, personificado nos acionistas da Procter & Gamble, grupo que controla a marca Gillette. É de se supor que o efeito de sentido desejado por ambos seja naturalmente o de agregação ao valor da marca e também do engajamento dos consumidores por meio da aquisição do produto. Já a HQ de Zé Carioca, que tem como leitor pressuposto crianças, jovens e adultos que apreciam a leitura desse tipo de texto, a posição-sujeito é a do grupo editorial que controla a publicação, que no caso é o grupo Abril, dono de inúmeras outras revistas, dentre as quais a revista *Veja*, semanário de

---

<sup>22</sup> COURTINE, Jean-Jacques. Définition d'orientations théoriques et construction de procédures en analyse du discours. Philosophiques, vol. IX, número 2, octobre 1982.

notícias e reportagens, que tem a maior circulação no varejo brasileiro e é marcada por fortes posicionamentos conservadores. Quanto aos efeitos de sentido que o grupo almeja, pensamos que ele se remete à seara do entretenimento e, de certa forma, ao pedagógico posto que parte do público a quem se direciona a HQ ainda está em fase escolar do Ensino Fundamental. No que tange às notícias, os sujeitos que enunciam são os da esfera jornalística. O texto desse domínio embora tenha autoria, como todas as sequências enunciativas, pode imiscuir-se – comumente o faz – ao sabor dos interesses do grupo editorial, representado em última instância pelo editor geral. Os textos jornalísticos normalmente almejam (in)formar seu público-alvo, que pensamos ser adultos escolarizados de em posição econômico-social que permite acesso à internet.

Para Pêcheux, não devemos ignorar os interesses que subjazem esses locais de produção dos discursos materializados pelos dizeres, textos. Nas palavras do filósofo (1969, p.82), “no interior da esfera da produção econômica, os lugares do ‘patrão’ [e, portanto, as do empregado também] são marcados por propriedades diferenciais determináveis” uma vez que o que

funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a *si* e *ao outro*, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro (PÊCHEUX, 1969, p.82).

Nesse sentido, “existem nos mecanismos de qualquer formação social regras de projeção, que estabelecem as relações entre as situações (objetivamente definíveis) e as posições (representações dessas posições)” (PÊCHEUX, 1969, p.82) de maneira que essas projeções “podem corresponder a uma mesma posição e uma situação pode ser representada como várias posições”, diferença que “somente uma investigação sociológica poderá responder”. Esse jogo de projeções é uma característica fundamental para a delimitação da própria condição de produção de uma materialidade linguística posto que essas suposições entre interlocutores podem ou não se concretizar porquanto tratamos de um “objeto imaginário (a saber, o ponto de vista do sujeito) e não da realidade física” (1969, p.83). A partir desse delineamento teórico se conclui “que todo processo discursivo supunha, por parte do emissor, uma *antecipação das representações do receptor*, sobre a qual se funda a estratégia do discurso” (1969, p.84). Essa antecipação guarda relação com “a distância que A supõe

entre A e B” (p.85). Se essas representações fossem representadas em um *continuum*, em uma das extremidades encontraríamos os discursos em que o orador deseja “*transformar o ouvinte* (tentativa de persuasão, por exemplo)” e em outra “*aqueles em que o orador e seu ouvinte se identificam* (fenômeno de cumplicidade cultural)”. Para além disso, é importante em uma análise discursiva “verificar a ligação entre as *relações de força* (exteriores à situação do discurso) e as *relações de sentido* que se manifestam nessa situação, colocando sistematicamente em evidência as *variações de dominância*”.

Esse é um dos pontos em que a postulação teórica de Pêcheux pode ser considerada juntamente com o conceito de *poder-saber*, conforme proposto por Foucault (2015), que assenta as postulações sobre uma rede multidirecional de exercício do poder por meio de uma rede capilar de manutenção dessa estrutura de comando e domínio. Aqui propomos também a aproximação desse quadro teórico com as formas de se criar uma tentativa de silenciamento dos discursos por meio da seleção de palavras, expressões, organizações sintática e textual, como apontado por Orlandi (2007).

Distanciando-se da perspectiva do “tudo com o linguístico definido por sua totalidade” (ORLANDI, 2007, p.44), reflexão que “não leva em conta a irracionalidade, o equívoco, a desorganização tanto do sentido quanto do sujeito” em oposição ao silêncio do vazio conforme proposto pelos estruturalistas, a pesquisadora propõe inicialmente “uma concepção não-negativa do silêncio” (p.42) mesmo porque “o silêncio não é diretamente observável e no entanto ele não é o vazio, mesmo do ponto de vista da percepção: nós o sentimos, ele está ‘lá’ (no sorriso da Gioconda, no amarelo de Van Gogh, nas grandes extensões, nas pausas). Segundo atesta, ele “não fala, [mas] significa” de múltiplas maneiras tais quais por meio d’o silêncio das emoções, o místico, o da contemplação, o da introspecção, o da revolta, o da resistência, o da disciplina, o do *exercício do poder*, o da derrota da vontade etc”. Dessa maneira, a abordagem primeira feita pela pesquisadora se dá por não o definirmos “negativamente em relação à linguagem (o que ele *não é*) mas em sua relação *constitutiva* com a significação o que ele *é*” (p.42). Orlandi também se opõe “à ideia de que sem silêncio não há sentido, sendo que o silêncio não é apenas um acidente que intervém ocasionalmente: ele é necessário à significação” (p.45).

A pesquisadora garante ser impossível compreender o silêncio “sem considerar a historicidade do texto, os processos de construção dos efeitos de sentido” e instrui

que “para torná-lo visível, é preciso observá-lo *indiretamente* por métodos (discursivos) históricos, críticos, desconstrutivistas” (ORLANDI, 2007, p.45). Cabe retomarmos que “a significação não se desenvolve sobre uma linha reta, mensurável, calculável, segmentável. Os sentidos são dispersos, eles se desenvolvem em todas as direções e se fazem por diferentes matérias, entre as quais se encontra o silêncio” (p.46) da mesma forma que o poder o é. Para tanto, é necessária atenção ao olhá-lo já que ele se acoberta. Do silêncio “não temos marcas formais, mas pistas, traços. É por fissuras, rupturas, falhas que [ele] se mostra” (p.46) de tal modo que podemos observá-lo “senão por seus efeitos (retóricos, políticos) e pelos muitos modos de construção da significação” (p.46).

A linguagem verbal significa por unidades discretas e formais (2007) ao passo que o silêncio significa de modo contínuo, absoluto (2007, p.47) de tal modo que “a linguagem empurra o que ela não é para o ‘nada’. Mas o silêncio significa esse ‘nada’ se multiplicando em sentidos: quanto mais falta, mais silêncio se instala, mais possibilidades de sentidos se apresentam” (p.47). Tal qual uma moeda de duas faces, a incompletude está para o sujeito da mesma maneira que o silêncio está para as significações, haja vista que “o dizer precisa da falta” (p.47) para (de)formar a polissemia. Dizemos, pois, que o silêncio é fundante. Dada a sua não-completude, que é própria a todo processo discursivo, vista na perspectiva do silêncio, fica então assim:

o silêncio, na constituição do sujeito, rompe com a absolutização narcisista do eu que seria a asfixia do sujeito, já que o apagamento é necessário para sua constituição: o silenciamento é parte da experiência da identidade, pois é parte constitutiva do processo de identificação, é o que lhe dá espaço diferencial, condição de movimento; b) o silêncio, na constituição do sentido, é o que impede o *non sense* pelo muito cheio, produzindo o espaço em que se move a materialidade significativa (o não-dito necessário para o dito) (ORLANDI, 2007, p.49).

A pesquisadora atesta que “o silêncio não é interpretável, mas compreensível” (2007, p.50), porque compreender o silêncio significa explicitar o modo pelo qual ele significa. Ela categoriza o silêncio em *silêncio fundante* e *política do silêncio*. O *silêncio fundante* “nos indica que todo processo de significação traz uma relação necessária ao silêncio”, pois o “silêncio é a própria condição de produção de sentido”

(p.68). Assim, conclui-se que o silêncio não é vazio nem falta, mas sim é horizonte de compreensão. A *política do silêncio (o silenciamento)* “ao dizer estará necessariamente não dizendo ‘outros’ sentidos” (2007, p.53). Orlandi (2007, p.73) ainda categoriza dois modos das *políticas do silêncio*: o constitutivo e o local. A *política do silêncio* se define pelo fato de que ao dizer algo apagamos necessariamente outros sentidos possíveis, mas indesejáveis, em uma situação discursiva dada” (ORLANDI, 2007, p.73). Segundo a pesquisadora, o que diferencia o *silêncio fundante* das *políticas do silêncio* é o fato de que esta “produz um recorte entre o que se diz e o que não se diz, enquanto aquele não estabelece nenhuma divisão: ele significa em (por) si mesmo (p.73).

Podemos observar modos de silenciamento nos registros do *corpus* que seguem no Capítulo 3. Todavia, não nos esqueçamos de que “o sentido é sempre produzido de um lugar, a partir de uma posição-sujeito” de tal modo que existe uma dimensão política do silêncio que “resulta no silenciamento como forma de não calar mas de fazer dizer “uma” coisa, para não deixar dizer “outras”. Ou seja, o silêncio recorta o dizer. (ORLANDI, 2007, p.49). Esse silenciamento não é vazio nem falta, mas sim horizonte de compreensão conforme observado na peça publicitária do encarte da Gillette que, ao reforçar o sentido da heterossexualidade compulsória representada na propaganda, indica que propositadamente as/os publicitários decidem obliterar outras organizações afetivas. Na HQ de Zé carioca, seria bastante natural que um malandro carioca soubesse do que se trata um “clube de mulheres”, mas o sentido verdadeiro do que é um “clube de mulheres” foi apagado. Essa parece ser uma estratégia didática de contorno do discurso da sexualidade, portanto, um modo de silenciamento, para apresentar o sentido de tal clube para o leitor infantil ou estudante do Ensino Fundamental pressuposto que talvez não saiba do que um “clube de mulheres” se trata. Já na análise das notícias, percebemos as maneiras que se (des)colocam a apresentação acerca do trabalho de Judith Butler e dos reais motivos que contextualizaram a visita da pesquisadora ao Brasil.

Para além das considerações sobre o silêncio, pensamos nas heterogeneidades constitutivas. Ao considerar a influência de outras formações discursivas apontando o caráter constitutivo que elas têm, Catherine Fuchs e Pêcheux (1975) ampliam o quadro de interesse e abrangência da AD de maneira que um estudo do sujeito e das marcas da enunciação passam a vigorar como importantes para o quadro teórico da disciplina.

A certificação de que a natureza do discurso é constitutivamente heterogênea faz surgir o seguinte questionamento: quais são os modos de percebermos o outro no texto? Além dele, como indaga Pêcheux (1997, p.317),

Se a análise de discurso se quer uma (nova) maneira de “ler” as materialidades escritas e orais, que relação nova ela deve construir entre a leitura, a interlocução, a memória e o pensamento? O que faz com que textos e sequências orais venham, em tal momento preciso, entrecruzar-se, reunir-se ou dissociar-se? Como reconstruir, através desses entrecruzamentos, conjunções e dissociações, o espaço de memória de um corpo sócio-histórico de traços discursivos, atravessado de divisões heterogêneas, de rupturas e de contradições? Como tal corpo interdiscursivo de traços se inscreve através de uma língua, isto é, não somente por ela mas também nela?

Considerando a formação epistemológica do quadro de referências da AD, que é uma campo interdisciplinar, pensaremos nos conceitos de Authier-Revuz (1990) sobre heterogeneidades enunciativas, que auxiliam a entender parte do processo de referenciação ao outro na enunciação por meio do funcionamento de princípios interdiscursivos pela/na língua. Authier-Revuz (1990) recorre ao conceito de dialogismo concebido pelo círculo de Bakhtin para apontar formas de heterogeneidades constitutivas. O primeiro deles é a heterogeneidade mostrada marcada, em que se podem encontrar recursos linguísticos explícitos que denotam em quais discursos esses se apoiam. Diz respeito ao (f)ato de o locutor usar as próprias palavras ou as recortar para trazer outra voz por meio do discurso direto ou do indireto. No discurso direto, o locutor “coloca-se como ‘porta-voz’, recorta as palavras do outro e cita-as.”; no indireto, “o locutor, colocando-se enquanto tradutor, usa de suas próprias palavras para remeter a uma outra fonte do ‘sentido” (BRANDÃO, 2004, p.60).

A segunda maneira de discursos imiscuirem-se é por meio de marcações explícitas que não irrompem no fio discursivo pelo uso de

aspas, do itálico, de uma entonação específica, quer através de um comentário, uma glosa, um ajustamento, ou de uma remissão a um outro discurso, funcionando como “marcas de uma atividade de controle/regulagem do processo de comunicação” (BRANDÃO, 2004, p.60).



Para Authier-Revuz (1982), a heterogeneidade mostrada é uma tentativa do sujeito de explicitar a presença do outro no fio discursivo para harmonizar as diferentes vozes que atravessam o seu discurso numa busca pela unidade, mesmo que ela seja ilusória. Um terceiro tipo de referenciação ao discurso do Outro – mais complexo por não ser marcado – é aquele que se mostra implicitamente como pelo emprego

do discurso indireto livre, da ironia, da antífrase, da alusão, da imitação, da reminiscência em que se joga com o outro discurso (às vezes, tornando-o mais vivo) não mais no nível da transparência, do explicitamente mostrado ou dito, mas no espaço do implícito, do semi desvelado, do sugerido. Aqui não há uma fronteira linguística nítida entre a fala do locutor e a do outro, as vozes se imiscuem nos limites de uma única construção linguística. (BRANDÃO, 2004, p. 61)

Apesar do caráter didático que nos auxilia a encontrar essas marcas no discurso, “todas essas formas de heterogeneidades estão ancoradas no princípio da heterogeneidade constitutiva” (MUSSALIM, 2001, p. 128). Essas são algumas das considerações sobre as quais a análise dos registros que seguem estão ancoradas.

## Capítulo 3

### **Deslizamentos de sentidos em textos midiáticos: aparência progressista, teor conservador**

Neste capítulo, apresentamos a análise dos registros que compõem o corpus desta dissertação. A despeito de apresentarem um verniz de aceitação em relação ao exercício fluído das sexualidades, revelam discursos que se prestam à manutenção da FD da heterocisnormatividade que por vezes se crê hegemônica. O corpus é composto pela análise de um encarte do barbeador Gillette, de uma história em quadrinhos (HQ) do Zé Carioca, do Walt Disney, e de duas notícias sobre a vinda ao Brasil da filósofa estadunidense Judith Butler, uma delas publicada no jornal *O Globo* e a outra no semanário *IstoÉ*. A escolha desses materiais foi feita a partir da relevância na sociedade contemporânea dos textos midiáticos e da influência que eles exercem de maneiras diversas no processo das subjetividades dos leitores/consumidores desses textos/produtos.

Como veremos na análise, em linhas gerais, o encarte da Gillette reforça um paradigma que cristaliza o exercício de papéis supostamente desempenhados por jovens heterossexuais na sociedade contemporânea por meio da promoção de um discurso normatizador em momentos distintos da vida de um adolescente ou um jovem. A HQ sobre a personagem de Zé Carioca apresenta uma concepção equivocada acerca dos papéis da mulher na sociedade. Na história, são reforçados estereótipos acerca do que é ser mulher na sociedade brasileira, que muitas vezes seguem estacionados no senso-comum. Com a análise das duas notícias sobre a vinda de Judith Butler ao Brasil foi possível perceber as distintas maneiras e estratégias que os grupos *O Globo* e *IstoÉ* empregaram para (des)informar o leitor tanto sobre o propósito da visita, a partir da noção do exercício da função social da prática do *ethos* jornalístico.

Os dois primeiros materiais analisados, o encarte da Gillette e a HQ, neste capítulo têm probabilidade maior de virem a fazer parte do repertório de alguma atividade em sala de aula, devido à maior proximidade dos jovens com os textos

publicitários, que muitas vezes fetichiza o consumo para seduzir tal público-alvo de modo a engajá-lo no consumo, e com as HQs, vendidas em bancas de jornais – talvez não por muito mais tempo – e despontam em clubes de assinaturas. Naturalmente as notícias também podem se transformar em um exercício de desconstrução em uma aula de ensino de línguas. Elas podem servir para ilustrar tanto a truculência no tratamento empregado às diferenças quanto o impedimento da livre expressão de ideais e ideias servem para nos distanciar de um quadro de exercício pleno de democracia e respeito, sobretudo no momento sócio-histórico pelo qual passamos em que parece haver uma profusão de discursos conservadores e preconceituosos. No entanto, devido ao fato de que muitos jovens podem não se interessar pela leitura do texto “notícia”, pensamos que ele pode intervir na formação do educador para que ela/e sofistifique o olhar e tanto reconheça mecanismos de perpetuação do *status quo* quanto esteja preparado para desmontar essas pedagogias hegemônicas e reconstruir um novo pilar assentado na naturalização das diferenças.

### **3.1 Encarte de um barbeador da Gillette<sup>23</sup>**

Nesta seção, analisaremos uma campanha publicitária de um barbeador com lâminas descartáveis da Gillette, que se dirige a homens heterocisnormativos e metrossexuais. O termo metrossexual designa indivíduos do sexo masculino que apresentam comportamentos que supervalorizam a beleza e o cuidado de si. Esse comportamento ocorre, sobretudo, por meio do uso de produtos de beleza e tendências de consumo que geralmente são associados às mulheres. Sob a aparência de um ideal de diversidade que contempla múltiplas possibilidades de exercício de gênero, a campanha a ser analisada reforça convicções de natureza preconceituosa. Ela se dirige abertamente ao público heterossexual e subjacentemente ao metrossexual.

Para estimular o consumo do barbeador MACH3, a Gillette desenvolveu uma campanha de publicidade veiculada na internet no início de 2017. Ela consiste em um apelo publicitário em sua página no Facebook<sup>24</sup> para aumentar o número de curtidas

---

<sup>23</sup> A reprodução do encarte segue registrada no Anexo 1 desta dissertação.

<sup>24</sup> Facebook é uma rede social de amplo alcance na sociedade atual, que é fortemente marcada pelas interações virtuais. Por meio dela, usuários interagem com outros usuários e marcas. As empresas aproveitam a abrangência da rede para divulgar seus produtos, marcas, serviços e ideologias. Essa

e interações dos usuários com a marca por meio de likes (curtidas) e, obviamente, a penetração do produto no mercado de consumo.

Na ocasião da campanha, os consumidores interessados em receber uma amostra grátis deveriam fornecer seus endereços para o recebimento, pelo serviço de correios, do produto MACH3, que consistiu em um barbeador com lâminas descartáveis. O pacote de brinde acompanhava, além da lâmina e do cabo, um encarte de divulgação do produto, que é um dos objetos de análise desta seção (Anexo 1).

O público-alvo da empresa nesta campanha é predominantemente o masculino adulto bem-sucedido, o que pode ser comprovado pelo fato de que além do valor do produto Mach3 ser mais elevado que outros da mesma categoria, a lâmina conta com um bem elaborado texto publicitário que, ao mesmo tempo que consolida a suposta qualidade do item anunciado, julga naturalizadas as noções de gênero masculina e feminina. Em uma tentativa de cristalização dos papéis típica e confortavelmente “seguros” sobre o que significa ser homem na sociedade brasileira contemporânea, parece que o encarte funciona como um manual em que é ensinado o que significa ser homem a partir dos papéis e experiências que projeta sobre esse indivíduos. Vale a pena também notarmos que o nome do barbeador, “Mach3”, remete fonética/fonologicamente e também em sua grafia à palavra “macho”. Na campanha, confundem-se as noções de sexo biológico, atribuições genitais e hormonais, que correspondem ao desenvolvimento de características biológicas exclusivas do que viria a se tornar o ideal de um homem ou de uma mulher e aquelas de gêneros, que tratam dos papéis desempenhados aquém, além ou em conformidade com as noções de masculino e feminino construídas ao longo dos séculos.

A primeira fase representada no encarte corresponde à infância, período em que o uso de barbeador não se faz necessário. Já o segundo momento é aquele da fase adulta, que é marcado pelo surgimento de pelos, sobretudo, no corpo dos meninos e pelo desenvolvimento das glândulas mamárias nas meninas, por exemplo. Na campanha se constrói um ideal de oposição dessas duas fases da vida: o primeiro é o da infância e o que se segue a ele é o que remete ao discurso “de verdade”, que representa a fase adulta.

---

rede possibilita a exposição de textos, fotos e vídeos e tem um mecanismo para se marcar os “likes”, “curtir/curtidas”, caso o usuário goste de ou se identifique com determinada postagem

É possível afirmar que o momento que é chamado de verdadeiro na campanha se não é o da fase adulta, no mínimo é o da adolescência. Dado que este é um período da vida em que há a necessidade por parte dos jovens da (a)firmiação da identidade justamente pelas experiências de transformação pelas quais passam e da insegurança típica da fase, uma campanha de publicidade de um produto bem-sucedido que associa o consumo a “experiências verdadeiras” aparenta se mostrar próspera e sinaliza um ideal que, de acordo com o apelo, deve ser seguido. Além da chancela biológica que os pelos faciais imprimem aos jovens, socialmente a experiência criada na/pela campanha completa que a transformação em adulto “de verdade” se dá pelo consumo do barbeador da Gillette. A FD a partir da qual o discurso é projetado diz respeito ao consumo.

No encarte, não se está somente tentando conseguir mais um consumidor para um produto. Muito mais do que isso, nesse material publicitário, a adolescência é fetichizada por meio da aproximação dos dizeres que remetem à infância, fase do desenvolvimento humano considerado de grande imaturidade. Assim, é semeado no jovem consumidor a ideia de que ao assumir responsabilidade sobre si quando escolhe a marca do barbeador ele “estaria” automaticamente habilitado para essas outras experiências, como ter a primeira namorada “de verdade”, assistir ao primeiro show “de verdade”, ter o primeiro terno “de verdade” e fazer o primeiro corte de cabelo “de verdade”, construídos pela/na campanha. Mas qual é a razão que fez os publicitários criadores do encarte criar essa oposição entre infância e adulta. É de se pensar que essa seja uma estratégia do discurso publicitário para insinuar a ideia de que não somente o desenvolvimento dos pelos faciais representa um marco na vida desse jovem, mas que o seu suposto afastamento da infância seria marcado por outro evento. O rito de passagem se completaria com o (con)sumo do produto veiculado ao se assumir responsabilidades.

É “comum” supor que a peça conte com um público-alvo específico. À atividade publicitária compete estudar tendências de comportamento do consumidor de modo a desenvolver peças de publicidades que promovam o consumo de um produto, serviço e/ou ideologia de um determinado segmento da sociedade. O emprego de modalidades e abordagens discursivas variadas de maneira bem-sucedida é o principal objetivo dos profissionais da seara da publicidade. No entanto, não compete a eles e nem a ninguém acentuar ideias que aludem a discursividades que perpetuam discursividades heterocisnormativas, como o observado e analisado nesta

publicidade, que se encaminha ao homem masculino e masculinizado. O anúncio interpela a identidade de gênero masculina heterocisnormativa, aquela em que há conformidade das performances de gênero em consonância com aquilo que se entende como masculino na contemporaneidade, conforme pode ser observado, por exemplo, pela construção do ideal de uma namorada verdadeira.

Dado que as mulheres geralmente não apresentam o desenvolvimento de pelos faciais, é criada a impressão no encarte de que o ideal de namorada con

3.2  
 struído para um homem é aquele que é representado por Mariana e é dessa forma que a campanha cria um paradigma que afirma o que é ser masculino a partir da negação do feminino. Isso pode ser comprovado pelas sequências discursivas do encarte a ser analisado que somente engloba os homens, que são o centro da campanha, como consumidores da lâmina. A recusa do consumo do produto por parte das mulheres que podem (ou não) querer eliminar pelos com a lâmina é percebida pela ausência de representação de namoro que não siga um ideal heterocisnormativo já que no encarte somente é contemplado um relacionamento heterocisnormativo que, no caso, seria o do consumidor do produto e de “Mariana”. A despeito disso, é muito comum e natural supormos que homens gays ou mesmo mulheres, público que (vale ressaltar) não é alvo da campanha publicitária, também podem consumir o produto. Esses homens e essas mulheres podem ou não se sentirem representados em seus relacionamentos pelo que é proposto na campanha.



Reprodução de página do encarte da Gillette.

Ademais, associa o uso da lâmina com experiências supostamente verdadeiras de um possível consumidor do produto com esse perfil. Na campanha<sup>25</sup>, estas experiências são tratadas como aquelas "de verdade", ao passo que outras experiências do consumidor supostamente não gozariam do mesmo status de fidedignidade.

As primeiras experiências, aquelas às quais não se atribui o status de autenticidade, referem-se ao momento da infância ao passo que as outras se situam na fase adulta. Esta conjuntura apresenta: a) a primeira namorada "de verdade", que tem nome próprio na campanha, expressa um ar de maturidade que é reforçado pelas roupas não tão comuns para o perfil de uma brasileira média em contexto de informalidade: cachecol, paletó e uma camisa social que compoem o repertório pictórico construído de uma jovem mulher profissionalmente bem-sucedida; b) o primeiro show, aquele em que "o ouvido zune por dois dias"; c) o primeiro terno de verdade, que é customizado; d) o primeiro corte de cabelo, que considera parâmetros, como o arco da cabeça, a nuca, a coroa, o afunilamento, a decisão de picotar e/ou manter ou não uma possível franja. Dado que muitas vezes nos discursos correntes sobre heterossexualidade se associou uma imagem de desleixo nos cuidados de si, o excesso de zelo pela aparência permite afirmar que este quadro está arrolado em uma FD de metrossexualidade, homossexualidade e transexualidade, que fazem alusão à memória discursiva relacionada aos cuidados no asseio que são comuns a esses grupos. Esse dizer que materializa um discurso em que o excesso de cuidados com a aparência é visto como natural destoa do resto dos dizeres do encarte, dizeres que procuram construir a imagem de um leitor/consumidor como sendo muito másculo. Esse deslize, conforme previsto pelos preceitos da AD, provam que a circunstância (d)enunciativa aponta para um sujeito disperso e marcado pelas heterogeneidades discursivas que o configuram.

Nesta concepção, a infância é tida como um momento de experimentação e amadorismo, já que estas não são as experiências genuinamente verdadeiras, não podem ser inscritas em um plano de verdade. Somente o mundo dos adultos guardaria consigo a *genealogia da verdade*, que, segundo Spargo (2017, p.52),

---

<sup>25</sup> O encarte não identifica a agência de publicidade responsável pela peça.

é o termo chave de Foucault, derivado de Nietzsche, para definir uma investigação do desenvolvimento dos discursos, que se concentra não na continuidade ou na progressão linear, mas no que é específico, relacional e descontínuo. A genealogia foi interpretada por Judith Butler como algo que delinea a instalação e o modo de funcionamento de falsos universais.

Desta maneira, o esforço da campanha reside no estabelecimento de um marco na vida do consumidor presumido: um antes dessa lâmina e de um depois por meio das supostas experiências por ele vividas: “talvez essa não seja a sua primeira Gillette, **mas vai ser a sua primeira GILLETTE de verdade**”.

Há na nossa sociedade um discurso corrente de que a primeira vez refere-se à primeira experiência sexual, que comumente ocorre na adolescência, fase em que jovens passam por transformações comportamentais e corporais de variadas sortes, sendo muitas dessas mudanças acompanhadas pela insegurança emocional. A desconfiança das certezas advém das novidades que surgem a partir da vivência de novas contingências e novas interpelações que surgem com o avançar do tempo. É um período de experimentações: portanto, de acertos e erros — como tudo na vida o é. Como sendo a introdutória em uma nova fase da vida, ela é entendida como incompleta dada a inépcia do jovem em vivenciar com plenitude as possibilidades de desejo e prazer que seu corpo lhe traz. A expressão “primeira vez” materializa discurso sobre a sexualidade ainda não maturada. Para se estabelecer como um sujeito maduro, há de se ter algumas experiências e é disso que trata a propaganda.

É de se imaginar que os publicitários responsáveis pela campanha e os responsáveis pelo departamento de marketing incumbidos da elaboração da peça publicitária não são ingênuos em supor que a lâmina seja exclusivamente consumida por homens semelhantes aos retratados. Há consumo por parte daqueles que se situam fora da norma contemplada na/pela campanha, quem segue (as)sujeit(ad)os que estão à margem do desejo da heteronorma, conforme corrobora Orlandi (2015, p.37) ao tratar da antecipação na enunciação,



segundo o mecanismo da antecipação, [que(m)] tem a capacidade de experimentar, ou melhor, de colocar-se no lugar em que seu interlocutor “ouve” suas palavras. Ele antecipa-se assim a seu interlocutor quanto ao sentido que suas palavras produzem. Esse mecanismo regulamenta a argumentação, de tal forma que o sujeito dirá de um modo, ou de outro, segundo o efeito que pensa produzir em seu ouvinte. Este espectro varia amplamente desde a previsão de um interlocutor que é seu cúmplice até aquele que, no outro extremo, ele prevê como adversário absoluto. Dessa maneira, esse mecanismo dirige o processo de argumentação visando seus efeitos sobre o interlocutor.

A campanha é construída a partir das seguintes dicotomias, conforme seguem descritas:

<p>PRIMEIRA NAMORADA</p> <p>Desculpa amigo, mas ela dava bola para a sala toda</p> <p><b>vs</b></p> <p>PRIMEIRA NAMORADA DE VERDADE</p> <p>Existe apenas uma Mariana</p>
--

A imagem da primeira namorada é de uma menina, que aparenta ter entre dez a 12 anos, segurando a figura de um coração desenhado em uma cartolina, com vestido e tênis rosas e meias coloridas. No entanto, nem todas as experiências afetivas da infância são semelhantes para todos os homens e, assim como nem todas contam sobre alguém como a namorada retratada que “dava bola para a sala toda”. Além disso, muitos “relacionamentos” que ocorrem na infância não ultrapassam esta fase da vida, o que não torna essas vivências inválidas mesmo porque os denominados “namoros” na infância geralmente são inconsequentes e não duram por muito tempo. Ao se defender uma ideia sobre fidelidade em que o “locutor” da campanha “precisa” se desculpar, já que “[ela, sua namorada] dava bola a toda a sala”, é materializado um discurso de relação monogaminal, estilo largamente alastrado na cultura ocidental e disseminado sob valores religiosos, que é amplamente – mas não unicamente – constitutiva de subjetividades no Brasil. Também se percebe uma maneira de reforçar o estereótipo do senso comum da mulher que seduz o homem posto que a campanha insinua que a garota “dava bola para toda a sala”. Na sociedade em que vivemos, que é marcada por inúmeros modos de exercícios de

opressão como o do machismo e em que se reserva um papel secundário às mulheres, dar a entender que a garota é que “dava bola” para todos serve como pretexto para a absurda justificativa tardia de estupradores que fundamentam o crime a partir de provocações “lançadas” pelas mulheres.

Em um tom intimista, por meio do uso da desinência nominal na marcação de gênero do substantivo “amigo”, identifica-se o sujeito delineado pela campanha: o homem heterossexual. Vale também percebermos o uso do vocativo “amigo” para chamar a atenção do leitor. Este é outro artifício criado no/pelo encarte para corroborar com um tom de proximidade do discurso publicitário para com o jovem consumidor. Para a campanha, um relacionamento legítimo seria aquele em que “existe apenas uma Mariana”.

<p>PRIMEIRO SHOW</p> <p>Tocar em um auditório cheio de pais orgulhosos.</p> <p><b>vs</b></p> <p>PRIMEIRO SHOW DE VERDADE</p> <p>O ouvido zune por dois dias, a ainda assim vale a pena.</p>
---

Dado o contexto de dificuldades na promoção de oportunidades educacionais para os jovens, e a ausência de recursos e estrutura em (muitas) escolas, sobretudo as públicas, dados os insuficientes — e mal-utilizados — investimentos na seara educacional, nem todas as crianças tem a oportunidade de tocar em um auditório “cheio de pais orgulhosos”. Menor ainda, infelizmente, é o número de crianças que dispõe de uma guitarra e pode participar de uma apresentação infantil escolar devido à ausência de tais recursos estruturais e financeiros das escolas, assim como uma grade que englobe aula de música e um evento para a sua promoção. De modo análogo, geralmente são inscritas na identidade social de uma parcela socioeconômica privilegiada com acesso a bens culturais, a participação em shows que fazem o ouvido zunir por dois dias.

<p>PRIMEIRO TERNO</p> <p>Alugado na sexta, devolvido na segunda</p> <p><b>vs</b></p> <p>PRIMEIRO TERNO DE VERDADE</p>
<p><b>Ombros:</b> feitos em linha reta sobre as costas, de uma ponta do ombro até a outra.</p> <p><b>Mangas:</b> feitas sob medida, do colarinho até o ombro e debaixo do braço até o punho.</p> <p><b>Cintura:</b> feito sob medida, um pouco abaixo do osso do quadril, passando uma fita métrica em torno do corpo, até dar uma volta completa.</p> <p><b>Paletó:</b> feito sob medida, da garganta até o meio da coxa.</p> <p><b>Peito:</b> feito sob medida, da parte mais larga do peito, próximo às axilas.</p> <p><b>Calças:</b> feitas sob medida, da virilha até o calcanhar.</p>

Novamente, lançam-se mão de um sujeito que goza da oportunidade de ter um primeiro terno. Em que pese a situação de vulnerabilidade social de muitos jovens no Brasil, muitos dos quais precisam trabalhar para auxiliar na composição da renda familiar, dispor de um terno equivale a um luxo. Para além disso, essa vestimenta é associada desde a ocasiões formais, tais como formaturas, pouco acessível a muitos; e aquelas empresariais, alugadas em conjunturas também formais, quase sempre distantes do cotidiano daqueles que não podem arcar com os custos de um terno. Também podem ser associadas com os jovens evangélicos que costumam ter um terno para participarem das celebrações da igreja. Partindo do pressuposto de que esses jovens evangélicos não tenham a disponibilidade financeira de ter um terno sob medida – muitos dos usados são frutos de doações –, a imagem construída no/pelo encarte é aquela que filia o fato de se ter um traje sob medida tanto à FD do excesso de cuidados com a aparência, com o corpo (tão comum em nossa época) quanto a que seria típica de um grupo econômico.

O mesmo raciocínio vale para o que se atribui ao primeiro terno de verdade. Na fase adulta da vida, aqueles que não usam ternos em situações empresariais de trabalho, quando não o fazem, em contextos formais em que precisam de um, acabam por alugá-los. Outros o utilizam em contextos profissionais associados a profissões de menor prestígio social como porteiros, seguranças de prédios, dentre outras, ao passo que profissionais que têm outras profissões podem dispor de um terno estilizado, como aquele retratado no encarte deles da marca Gillette.

**PRIMEIRO CORTE DE CABELO**

Foto do colégio que vai assombrar você para sempre

**vs**

**PRIMEIRO CORTE DE CABELO DE VERDADE**

Tudo começa com um grande corte de cabelo. Então, aprenda a falar com o barbeiro.

**Arco?** É a área logo acima da sua orelha que conecta sua costeleta com a parte de trás da sua cabeça.

**Nuca?** É aquele cabelo atrás da sua cabeça. Peça para cortar em linha reta ou em forma de cone.

**Coroa?** É a parte superior atrás da cabeça, normalmente onde o cabelo cresce em um tipo de redemoinho.

**Afunilar?** É uma mudança gradual e suave de uma parte da cabeça para outra.

**Picotar?** É cortar o cabelo em diferentes comprimentos, removendo grandes quantidades para deixar o cabelo com um ar mais moderno.

**Franja?** É quando o cabelo fica pendurado sobre a testa.

A noção – naturalmente ilusória – de um “homem completo” difundida subrepticamente na/pela peça ocorre a partir da manipulação de características que somente são dominadas após o sujeito aprender “a falar com o barbeiro”. Ora, sem considerar os profissionais da área e os entusiastas da seara capilar, poucos são aqueles que conhecem detalhadamente o métier e as especificidades da profissão. Poucos usuários do serviço sabem das particularidades (arco, nuca, coroa, afunilar, picotar e franja) abordadas no encarte.

## PRIMEIRO BARBEAR

O seu primeiro barbear não vai transformar você em um homem, mas o seu primeiro barbear de verdade vai deixar você bem perto disso.

**vs**

## PRIMEIRO BARBEAR DE VERDADE

Primeiro barbear de verdade: Gillette MACH3 Sensitive\*

**Avançada cabeça pivotante** - Redistribui a pressão para um barbear confortável.

**3 lâmina montadas sobre as molas** - Ajustam-se automaticamente à pressão e às variações na pele.

**Microtensores** - Ajuda a esticar a pele e preparar o pelo para ser cortado cada vez mais rente.

\*vc. Prestobarba Ultragrip Descartável

## PRIMEIRO BARBEAR DE VERDADE

**Step 1** Amolecendo

Comece o dia enxaguando sua pele com água morna.

**Step 2** Suavize os pelos

Com um gel ou espuma de barbear, espalhe para deixar os pelos mais macios.

**Step 3** Mantenha a lâmina afiada

Verifique suas lâminas. Elas estão afiadas? Se não, pegue novas no cartucho.

**Step 4** FAZENDO A BARBA

Fique tranquilo e deixe que as lâminas façam o trabalho.

**Step 5** Refrescando

Um bom hidratante vai garantir que sua pele fique REVIGORADA o dia inteiro.

O texto do encarte se entrelaça em um nível de complexidade que remete a possíveis vivências de um homem heterossexual. Essas supostas experiências são aquelas pelas quais o sujeito a quem o encarte se direcionou supostamente teria se constituído. Dentro da lógica estabelecida no/pelo encarte, um barbear genuíno não é aquele que pode ser empreendido por ocasião do aparecimento de pelos faciais. Para que a experiência seja completa e as experiências “de verdade”, há de haver (con)sumo posto que o MACH3, “não vai transformar você em um homem, mas vai deixar você bem perto disso”.

Após a construção da campanha, é possível supor a quem o encarte se dirige: a um homem, heterocisnormativo monogâmico, filiado a formações discursivas que seriam tipicamente associadas a um sujeito “típico” de uma posição econômico-social mais endinheirada no que diz respeito ao “poder de compra”, , a quem diria respeito um repertório de experiências que não são fruidas por todos.

Dada a conjuntura heterocisnormativa que é instalada no/pelo encarte, se percebe uma insistência no equívoco dos conceitos de sexo e gênero. Este é um ideal fortalecido na crença de um discurso da heterossexualidade em que se reforçam alguns papéis tradicionalmente exercidos por alguns dos sujeitos-alvo do encarte e consumidores da lâmina. Ela não engloba outros homens e outros modos de ser homem que não aqueles assinalados na publicidade, embora eles participem ativamente da cartela de clientes do produto. Os dispositivos visuais da/na campanha retratam alguém que namora uma garota, participa de uma modalidade de shows, traça um terno, vai ao barbeiro e que se barbeia com o MACH3. Ele pertence a um seleto grupo que participa de um estilo de vida que é romanticamente naturalizado na/pela campanha em um paradigma heterocisnormativo.

Às existências *queer* cabe a resignação ao silêncio ou o enquadramento à heteronorma. Elas não figuram no imaginário coletivo de homens que se barbeiam. A desestabilização da aparente naturalidade conferida a este discurso inscreve esta análise em uma perspectiva desconstrutiva *queer*. O que perturbaria essa aparente segurança necessária para manter a estabilidade de noções de gênero? Segundo Louro (1997, p.67-8),

a linguagem institui e demarca os lugares dos gêneros não apenas pelo ocultamento do feminino, e sim, também, pelas diferenciadas adjetivações que são atribuídas aos sujeitos, pelo uso (ou não) do diminutivo, pela escolha dos verbos, pelas associações e pelas analogias feitas entre determinadas qualidades, atributos ou comportamentos e os gêneros (do mesmo modo como utiliza esses mecanismos em relação às raças, etnias, classes, sexualidades etc). Além disso, tão ou mais importante do que escutar o que é dito sobre os sujeitos, parece ser perceber o não-dito, aquilo que é silenciado — os sujeitos que não são, seja porque não podem ser associados aos atributos desejados, seja porque não podem existir por não poderem ser nomeados.

Dado que parte das práticas comuns aos jovens metrossexuais, homossexuais e transsexuais fazem parte das existências *queer*, a única brecha que a propaganda possibilita é para os metrossexuais e de maneira escondida, secundária, nas entrelinhas. Nomear algumas experiências e circunscrevê-las a um discurso de verdade não invalida aquilo que ela não é. No caso desta publicidade, não haver

dizeres sobre outros modo se ser “homem” legitima a heteronorma e fortalece o silenciamento de vidas *queer*.

A publicidade poderia ter se alicerçado em uma multiplicidade de vozes que englobam sexualidades outras dentro de um espectro de diversidade. No entanto, a escolha dos publicitários e dos dirigentes da marca Gillette se pautou na polarização de dois grupos: de um primeiro se espera uma multiplicidade de experiências que aglutinariam características que marcam o ideal generificado de um homem heterocisnormativo; de outro, aqueles que não se enquadram dentro da simbologia indicada, sequer cabe outra possibilidade de ser/existir na representação da campanha.

Ao escolher se posicionar da forma que o fez, recusa-se a reconhecer vozes outras que compõem a pluralidade das complexas formas de ser homem (e também mulher) na sociedade em que se insere.

Assim, atrela-se ao consumo do produto MACH3 a uma representação imaginária de masculinidade socialmente construída pelos discursos hegemônicos que invalida os êxitos políticos acima descritos. A propaganda parece querer atingir pelo menos dois grupos: dos homens heterossexuais cisgêneros e dos metrossexuais. Para os heteros, as informações e os direcionamentos discursivos são explícitos. Já para os metrossexuais as informações são passadas subrepticiamente, o que colabora para um discurso que dialogue com heterossexuais abertamente e com os metrossexuais de forma furtiva, quase clandestinamente. "O seu **primeiro barbear** não vai transformar você em um homem, mas o seu **primeiro barbear de verdade** vai deixar você bem perto disso" E, não é sem propósito que, para a campanha da MACH3, "Gillette, [é] o melhor para o homem". Não somente no discurso publicitário, mas também nas Histórias em Quadrinho, são percebidas tentativas de manutenção da norma.

### 3.2 História em quadrinhos do Zé Carioca

Zé carioca é um papagaio, personagem de revista em quadrinhos, criado pelo cartunista estadunidense Walt Disney em ocasião de uma visita do famoso ilustrador ao Rio de Janeiro, em 1941. Ele apresenta a concepção estereotipada do malandro

carioca pelo olhar do estrangeiro e, de certa forma, ironiza os modos do povo brasileiro. A HQ<sup>26</sup> encontra-se no anexo 2 desta dissertação.

Os personagens que mais frequentemente compõem o contexto das histórias de Zé Carioca são seus amigos Nestor, Pedrão e Afonsinho; sua namorada, Rosinha; o pai de Rosinha, Rocha Vaz; seu rival, Zé Galo e seus sobrinhos, Zico e Zeca.

É notório que os quadrinhos da Disney estão arrolados em uma FD que remete à propagação de uma agenda ideológica de hegemonia do discurso imperialista estadunidense. Conforme afirma Orlandi (2015, p.43), "um dos pontos fortes da Análise do Discurso é ressignificar a noção de ideologia a partir da consideração da linguagem" e assim empreenderemos o *modus operandi* desse capital ideológico em exercício.

Para que o ideal de supremacia dos valores conservadores do estado democrático de direito dos Estados Unidos encontravam manipulassem, nos anos 1940, uma maneira de solapadamente inculcar identificações com o *American way of life* foi decidida a criação do personagem Zé Carioca. Na HQ analisada percebemos um tratamento desrespeitoso acerca da diversidade sexual e de gênero.

A ideologia operada nessa HQ interpela uma das identidades acerca do que é ser brasileiro, especialmente o carioca, no entanto não é a única tentativa de se forjar uma ideia homogênea acerca do povo brasileiro. Talvez a idealização empreendida servisse a um pretexto de exploração do potencial turístico do Brasil pelos Estados Unidos. Segundo Orlandi (2015, p.60), "por definição, todo discurso se estabelece na relação com um discurso anterior e aponta para outro". Não é a toa que o Rio de Janeiro era a capital do Brasil no momento da criação da personagem Zé carioca e que o Brasil ganhava uma visibilidade ao despontar como parte do circuito internacional de turismo. Não somente a partir do *presente* do cartunista norte-americano ao país, mas também pela projeção internacional conferida à atriz e cantora Carmen Miranda associamos a criação do papagaio ao contexto de visibilidade necessário para o Brasil atrair mais turistas.

Seria irracional desconsiderarmos o tamanho do império cultural criado por Walt Disney, empresa de entretenimento surgida nos Estados Unidos. Também não se pode deixar de considerar o contexto de fim da Segunda Guerra Mundial em que os Estados Unidos (pr)enunciavam uma dominação em escala global de seu estilo de

---

<sup>26</sup> Ficha técnica da publicação: Revista Zé Carioca. Publicação mensal, Edição 1318, 05/05/2017, Walt Disney, Disney Comics, SP, Editora Abril.



vida e do *modus operandi* dos valores da então – e ainda – mais poderosa e rica nação do mundo por meio da difusão de valores capitalistas, que serviam a esse pretexto de escalada da expansão econômica em escala global. Logo entrariam em conflito com a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), que por sua vez pleiteavam a mesma hegemonia só que por meio da propagação dos ideias socialistas. Zé Carioca surge como aglutinador de características que são ideologicamente atreladas ao estereótipo de um malandro, um *bon vivant*. Ele ama os prazeres da vida, é preguiçoso de modo que quer usufruir o bônus de tudo, mas não quer arcar com o ônus. Essa configuração das características da personalidade de Zé é o fator que fundamenta a restrição que impõe à liberdade de Rosinha. Essa HQ foi originalmente publicada em 1997 e reproduzida em maio de 2017.

O papagaio, que representa o arquétipo do malandro carioca, é retratado na tirinha inicial ligando para um interlocutor não identificado para investigar o paradeiro de Rosinha, sua namorada. Ele está em uma cabine telefônica identificada como TELEV (Telecomunicações da Vila). Ambos são apresentados com posturas relaxadas e descompromissada: Zé está com uma mão na cintura, pernas cruzadas e sorriso no rosto; Nestor, de boné, faz embaixadinhas<sup>27</sup> enquanto aguarda o amigo realizar a chamada. Estes são gestos estereotipados entendidos a partir do senso comum do que significaria ser um “malandro carioca”. Não se sabe nada além do fato de que o interlocutor de Zé ao telefone deva saber o paradeiro de Rosinha, afinal Zé realiza a ligação para descobrir onde ela está.

O sossego é perturbado pela informação que Zé repassa ao amigo quando questionado sobre o paradeiro de Rosinha: “Ela foi num tal de **Clube de Mulheres**, lá na Urca”. O “Clube de mulheres”<sup>28</sup> são em geral casas noturnas – que também funcionam durante o dia – que se apresentam como uma opção de entretenimento cuja entrada é restrita às mulheres, onde há dançarinos, geralmente com corpos tonificados, que se insinuam em poses sensuais realizando *strip-teases*. Eventualmente, pode haver a relação de prostituição masculina nestes locais, o que descaracteriza a proposta de alguns empreendimentos do ramo noturno de

---

<sup>27</sup> Movimento típico do futebol que consiste em controlar a bola sobretudo com os pés ou com a cabeça, com exceção das mãos e dos braços, de forma a não deixa-la a bola cair no chão.

<sup>28</sup> A modalidade que os homens podem frequentar é chamada de “Clube dos homens”.

entretenimento como local exclusivamente como casa de dança. O clube tem sido a escolha de algumas mulheres em festas de despedida de solteira<sup>29</sup>.

Recentemente, o negócio ampliou o leque de possibilidades de atuação em face da demanda contemporânea: há festas para descasadas, pocket shows, shows vips, baile de máscaras, feiras e eventos nestes clubes, além do consumo de bebidas alcoólicas pelas frequentadoras. É comum encontrar homens fantasiados como “tequileiros, bombeiros, médicos, cowboys, policiais, toureiros e cozinheiros”<sup>30</sup> conforme anunciado em uma oferta em um site de compra coletiva na internet. A oferta pode ser tão variada que, inclusive, personagens fictícios da cultura erótica como o sedutor magnata Christian Grey, criado pela escritora Erika Leonard James em 2011, da franquia *Cinquenta tons de cinza*<sup>31</sup>, servem como atrativo nestes estabelecimentos.

É seguro afirmar que Zé Carioca não sabia do que se tratava o clube. E é por isso que Nestor se exaspera: “IH!”. Vale notarmos o grifo em negrito que marca destaque para o “Clube de Mulheres”, que é marcado na cor rosa<sup>32</sup> no título da tirinha. Qual seria a intenção do destaque conferida pelo grifo? Seria a ausência do uso da expressão no vocábulo cotidiano, talvez a possibilidade de a língua não registrar tantas situações de mulheres que frequentassem “clube de mulheres” à época da primeira publicação do quadrinho em 1997? Haveria a possibilidade de sua namorada, Rosinha, estar em um “clube de mulheres”, local em que homens se despem de suas roupas assim como as mulheres se despem de seus pudores para alimentar a curiosidade em relação ao funcionamento do próprio clube? Estaria Rosinha interessada nos corpos dos dançarinos? Na história, a alusão do discurso de sexualidade é encoberta devido à manobra didática de apresentação do que seria um “clube de mulheres” para as crianças, pela suavização do *strip-tease* pela fala de

---

<sup>29</sup> A despedida de solteira, também conhecida como “chá de cozinha”, é uma celebração que ocorre entre mulheres para comemorar os últimos dias antes da mudança de estado civil. Essas ocasiões são marcadas desde por brincadeiras descontraídas e despreziosas a algumas que envolvem o relacionamento sexual da noiva com outra pessoa para ironicamente selar o voto de fidelidade a ser realizado no casamento. A versão masculina dessa celebração é chamada de “despedida de solteiro”.

<sup>30</sup> <https://www.groupon.com.br/deals/clube-das-mulheres-ladies-club> Acessado em 17/10/2017 às 10h25.

<sup>31</sup> *Cinquenta tons de cinza* é uma trilogia de romance erótico escrito pela inglesa Erika Leonard James. Trata-se do envolvimento, sobretudo o sexual, entre um magnata norte-americano, Grey, e uma virgem jovem estudante de literatura, chamada Anastasia. Grey propõe um contrato segundo o qual a garota deve se submeter aos desejos e as vontades sexuais do empresário. Os livros ganharam notoriedade ao redor do mundo sobretudo pela descrição pormenorizada de cenas que envolvem as práticas do bondage, do sadismo e do sadomasoquismo. A trilogia também foi adaptada para a linguagem cinematográfica, o que contribuiu para a popularização da história.

<sup>32</sup> Culturalmente no Brasil e em muitos outros países a cor rosa é atribuída no senso comum à noção do feminino ao passo que o azul é relacionado ao masculino.

Nestor em “nesse clube só entram mulheres pra ver uns caras dançando com roupa de ursinho”.

Há, pelo menos, dois discursos correntes na nossa sociedade sobre “clube de mulheres”, um deles seria o de que frequentar um “clube de mulheres” pode ser uma programação somente associada à curiosidade, mas pode ser confundida, também, com um eventual interesse da mulher em buscar prazeres por meio da prostituição masculina.



Reprodução de uma tirinha da HQ de Zé Carioca

“Por que esse ‘IH!’”, questiona Zé, aparentemente sem entender o motivo do estranhamento do colega. É possível posicionarmos a surpresa de Nestor que parece se chocar ao descobrir que um malandro não saiba do que se trata o clube. A distância entre aquilo que se escolhe não falar se revela como uma estratégia de silenciamento (ORLANDI, 2007). Imediatamente, Nestor interpela a Deus<sup>33</sup>: “Ah, senhor, perdoa essa pobre alma desinformada que...”. de modo que essa fala se inscreve em um contexto em que poder-saber, informação e Deus se entrelaçam. Talvez a ideia de Deus, como é entendida por Nestor, seja pouco ou nada além de uma expressão de uso corrente na língua, mas certamente ela denuncia uma tradição histórico-religiosa construída ao longo de séculos de dominação da Igreja Católica no imaginário coletivo brasileiro.

Dado que se atribui uma variedade de experiências a Zé Carioca, na condição de “malandro carioca”, seria natural supor que ele soubesse do que trata um “clube de

<sup>33</sup> Pressupõem-se a noção de Deus contemplada pelo imaginário coletivo cristão católico posta a influência e a importância desta religião na matriz cultural brasileira.

mulheres”. Isto porque, na maioria das vezes, o arquétipo do “malandro carioca” guarda relação com situações ligadas à marginalidade, àquilo que “precisa” ser encoberto, como frequentar um “clube de mulheres”. Aqui cabe questionarmos quem são os leitores pressupostos pela HQ. Levando em consideração que muitas vezes são crianças e adolescentes que consomem esse tipo de texto, o grupo editorial desenvolve uma função didática ao retratar o desconhecimento de Zé Carioca para apresentar o “clube de mulheres” e esta é uma tentativa de contornar os adornos do pudor.

A HQ trabalha com o duplo significado do que seria esse “clube de mulheres”: uma de antigamente, que era para discussão de questões relacionadas sobretudo à emancipação da mulher na sociedade e o descolamento da figura do feminino como apêndice do homem; e “clube de mulheres” de hoje, que é (res)significado a partir de valores contemporâneos.

A HQ traz em seu bojo a ideia de que uma mulher “direita”, “séria”, “correta” pode frequentar um “clube de mulheres” que discutam e lutem por direitos, mas que não poderiam frequentar um clube de *strip-tease* masculino ou mesmo contratar um garoto de programa para se satisfazer. Por que uma mulher “séria” não poderia frequentar os dois tipos de clubes de mulheres? Qual o problema que haveria nisso a não ser aquele pautado pelo noção de moralismo e preconceito?

A expressão é uma investida de Nestor para que Deus exima Zé de expiar seus pecados. Vale notar que o perdão somente existe a partir do seu contrário: o pecado. Mas qual seria o pecado de Zé: 1) não saber o que ocorre dentro de um “clube de mulheres”? 2) a possibilidade, mesmo que remota, de sua namorada frequentar um clube onde os homens fazem *strip-tease*? 3) seria possível afirmar que, na concepção ideológica do roteiro da tirinha, a nudez se confundiria, mesmo que de modo distante, com a consumação do ato sexual e de uma possível traição de Rosinha?

Zé, exaltado pela curiosidade, violentamente agarra Nestor pela blusa e o suspende no ar querendo descobrir o que é este tal “clube de Mulheres” e o que é que elas lá fazem. “Nesse clube, só entram mulheres pra ver uns caras dançando com roupa de ursinho”, desvenda Nestor. Dado o contexto de nudez masculino típico nos clubes de mulheres, a “roupa de ursinho” apazigua a nudez dos dançarinhos de tais clubes, novamente o uso de uma estratégia da HQ para compor o repertório social de seus leitores por meio da suavização do conteúdo que alude à sexualidade.

Este é o conflito que serve de pano de fundo para o desenvolvimento da narrativa da tirinha: Zé decide, após ser enxotado pela porteira do local ao tentar entrar não tão *amistosamente* entre elas, a todo custo, invadir o clube. Ele se disfarça de entregador de pizza e de “*ursinho*”. Ao perceber que suas tentativas insinceras e desonestas de trapacear seu limite de locomoção no espaço social restrito às mulheres se provaram frustradas, a força se mostra como último recurso. Zé decide invadir o clube. “Vou entrar sim, minha namorada tá aí!”. Insiste na transgressão: “Agora vai no peito e na raça” resistindo ao ignorar a restrição de entrada da porteira do clube e da placa de avisos: Clube Privativo para Mulheres.

“Rosinha, que negócio é esse de... Ih, **rapaz**”. O imprevisto, marcado pelo uso de reticências, a partir da surpresa não poderia ter sido maior. Zé se espanta com o cartaz que comunica a finalidade do “clube de mulheres”:



É de se notar o cartaz retratado na tirinha que elenca itens de reivindicação de direitos femininos desassociados, por exemplo, de trabalhos domésticos. Podemos, pois posicionar a fala de Rosinha como inscrita em um quadro de desestabilização da hegemonia do masculino sobre o feminino. Essa postura remete a uma FD dos discursos feministas, que tem se tornado cada vez mais popularizados no nosso país. Essa popularização é percebida pela divulgação em novelas, por exemplo, de modos de a mulher coibir episódios de agressões e assédios. Essa posição que ela assume alude, portanto, a uma FI de exercício pleno da cidadania em que não somente

mulheres, mas também outros grupos que sofrem opressão como travestis, negros, pobres, nordestinos – para ficarmos em alguns somente – passaram a reivindicar as prerrogativas de que somos todos iguais perante a lei.

Vale percebermos que a HQ novamente se vale de uma estratégia didática de esvaziamento dos sentidos pela imprecisão dos pronomes demonstrativos “isso “ e “aquilo” expressos nos itens “4 – a mulher *isso*” e “5 – a mulher *aquilo*” no cartaz. O esvaziamento de sentido dos pronomes desobriga o comprometimento dos autores da tirinha em se responsabilizar pelo acoplamento de sentido aos dêiticos, sejam eles quais forem.

Tendo em mente crianças e adolescentes como público pressuposto para esse tipo de texto, é de se supor que muitos desses jovens não completem o sentido das lutas de reivindicação de equidade dos grupos feministas propostas nessa tentativa de silenciamento. A despeito disso, o item “6 – *sempre* a mulher” parece remeter-se a um discurso de presença maciça das mulheres em espaços historicamente circunscritos ao masculino. A despeito da postura progressista de Rosinha pelas suas reivindicações, esta HQ, que parece discursar em favor de uma agenda feminista, faz um desfavor à causa e reforça o papel submisso e doméstico de Rosinha.

Tem sido cada vez mais comum encontrar discussões que versam sobre a possibilidade de homens, sobretudo aqueles que são *cis*, de tomarem partido em discussões feministas, o que (n)os enquadra em uma FD do feminismo. Não há consenso no grupo de feministas: algumas mulheres restringem a militância àqueles que são vítimas do machismo, denominando outrem como *pró-feminista(s)*. Outra vertente encara a militância masculina (não restrita aos homossexuais que apresentam características afeminadas), inclusive a *cis*, como necessária e como base de fortalecimento das discussões que versam sobre os efeitos do machismo sobretudo na sociedade pós-moderna.

A fala da militante do quadrinho questiona — ou tenta fazê-lo — o posicionamento de Zé carioca. Dentro da lógica narrativa do quadrinho, na categoria de “um feminista”, o que a faz pertencer ao grupo que encara a militância masculina como bem-vinda no protagonismo que não se restringe às mulheres. Para Orlandi (2015, p.40),



o sentido não existe em si mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas. As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam. Elas “tiram” seu sentido dessas posições, isto é, em relação às formações nas quais essas posições se inscrevem.

E é, portanto, a partir do entendimento de Orlandi (2007), sobre silenciamentos que a fala ser “um feminista” faz referência àquilo que não é, ou seja, ser uma “pró-feminista”. Logo, a fala inscreve a atitude da personagem militante em um lado do espectro ideológico, da FD, do lugar de fala, da referência ao gênero feminino, n’aquela em que a militância masculina é desejada e bem acolhida, ou aparenta ser pela personagem.

Embora a militância *masculina* seja “desejada”, Rosinha se vê confusa pela presença de Zé e o interpela sobre sua presença no clube: “Não sabia que você apoiava nossa causa”. Claramente nervoso, de penas para o alto, Zé tenta se esclarecer: “Nem eu! Digo... É claro que apóio!”. A partir desta informação, Rosinha convida Zé para ficar na palestra. Ainda nervoso e enervado pelo convite, tartamudeia: “T-tudo bem, mas... posso convidar **uma colega**”.

O viés jocoso da tirinha se dá a partir da leitura estereotipada do brasileiro carioca que se “*vinga*” do amigo por ter sido colocado em uma situação que, para Zé, é vexatória, vergonhosa e, talvez, desonrosa: a de ter que se submeter a debates que tratem do papel da mulher na sociedade. Isto o incomoda.

De modo a desmerecer o papel do feminino e, portanto, tentar fissurar os avanços que se apresentam, cada vez mais, na luta pela igualdade de gêneros, Zé se refere ao amigo Nestor usando o artigo indefinido “*uma*”, seguido da palavra *colega*. Por que Zé se distancia do amigo a partir da (des)caracterização que faz dele pelo uso do

artigo indefinido com marcação de gênero *uma*? Será que Zé encara Nestor a partir de uma identidade de gênero feminina agora que ele está peruca,



Reprodução de tirinha da HQ do Zé Carioca

brinco e blusa rosa? Teria Nestor aberto mão de sua identidade de gênero masculina? Mesmo a contragosto, não seria esta apenas uma paródia *drag* de gênero a partir da estilização do corpo de Nestor?

O tom de vingança segue por meio da ameaça proferida em tom imperioso – que se note a postura de arrogância do papagaio por meio de seu nariz empinado – por Zé: “Ah, é? Da próxima vez, fale somente quando tiver **certeza!**”, negrito do quadrinho.

Para além disto, na cena em que se segue, talvez surpreenda o leitor previsto, majoritariamente composto por crianças e adolescentes e por adultos que remanescem nestas leituras muitas vezes infantilizado devido à aparente simplicidade tida como inerente ao gênero, encontrar Nestor de peruca. A surpresa acontece a partir da caracterização de gênero, por meio do uso de acessórios típicos, na tirinha, em dois espectros: Nestor, em um primeiro momento, aparece com uma bola e com um boné (signos **ainda** masculinizados e masculinizantes); e, na última tirinha, com uma peruca, brincos e uma blusa rosa (signos **ainda** da feminilidade, ou das paródias que surgem a partir dela). Para além disto, a peruca contrasta com sua cor negra, o que indica que o cabelo é tingido, prática própria às mulheres, comum na época da 1ª



edição da HQ, em 1997. Estas ideias ajudam a compor parte do cristalizado mosaico de atitudes, posturas e experiências geralmente associados ao que corre no imaginário coletivo do que significa ser mulher. Nestor, dentro do paradigma heterocisnormativo forjado na tirinha de recusa ao feminino, ao se passar por “mulher”, encontra-se em uma posição inferiorizada em relação a Zé Carioca. No nexos criado pela tirinha, o fato de Nestor se (tra)vestir de mulher equivale ao se fazer passar por (papel de) ridículo. Vale notarmos o uso da expressão “blá, blá, blá”, que vêm depois de “E acho que a mulher *deve* blá, blá, blá”. O emprego do verbo “deve” carrega um sentido de obrigação que corrobora para uma rede de exercício de poderes a partir da noção de obrigação que atravessa o sentido do verbo. Para além disso, segue de forma corrente no imaginário coletivo a ideia de que um “blá, blá, blá” significa uma conversa sem fundamento, lenta e cansativa. Essas constatações nos ajudam a localizar o excerto da tirinha em um espectro conservador que se presta a desmerecer as reivindicações das mulheres, que são representadas por Rosinha na tirinha.

Nestor termina a história em uma posição desqualificada após se vestir de mulher ao passo que Zé Carioca, que tem uma postura machista, desfruta dos privilégios da hegemonia de gênero que se dá a partir da preservação de sua identidade masculina. Para o papagaio, o que Rosinha está fazendo é menos pior do que ir a um “clube de mulheres”, mas ainda assim ele não “adere” à postura de preservação das discussões feministas propostas no cartaz exposto na última tirinha da HQ.

Vale ressaltar que em paródias das posturas associadas à ideia de feminino, a peruca se mostra de grande valor. Este adereço é frequentemente utilizado em *performances* de drag-queens. A paródia exercida por pessoas do sexo masculino que se travestem de mulheres lança mão deste apetrecho.

Dado o contexto de inovação promovido pela empresa de entretenimento Disney, poderia se supor que os quadrinhos que veiculam a linha ideológica da empresa apresentariam uma linha inovadora, sobretudo se considerarmos que o público primeiro são as crianças e os adolescentes. No entanto, como vimos com a análise, a HQ se mostra bastante conservadora em relação ao gênero.

### 3.3 Notícias de *O Globo* e *IstoÉ*

Nesta seção, analisaremos duas notícias de jornais, retiradas dos portais *O Globo* e *IstoÉ*, que tratam da divulgação da visita da pesquisadora norte-americana Judith Butler ao Brasil em novembro de 2017. Supor que o interesse acerca do fato tenha se dado a partir da dimensão da envergadura dos trabalhos da pesquisadora seria um lugar-comum dado que ela é referência mundial nos estudos *queer*. No entanto, o valor-notícia, que é o verniz de importância atribuído a um fato e que o torna relevante de se tornar uma notícia, ocorreu a partir de uma manifestação de grupos conservadores que se opuseram à presença da filósofa no evento realizado no SESC Pompeia, em São Paulo.

O motivo da escolha desses dois textos da esfera jornalística que tratam do assunto reflete a sumária importância que esse setor exerce em nossa sociedade. Essa relevância se dá tanto pelo alcance desses veículos quanto pelo fato de que eles, além de informar, ajudam a moldar parte do pensamento de uma época e de uma sociedade. Trocando em miúdos, o jornal goza de um importante papel não somente no sentido de informar o leitor, mas também de auxiliar na composição de parte da formação crítica do cidadão.

Esse tema merece uma análise mais aprofundada pois recentemente surgiu uma onda de conservadorismo nos cenários nacional e internacional. Ela não somente se presta a protelar o avanço de novas conquistas em relação à identidade de gênero, como, por exemplo, a recente decisão do Superior Tribunal de Justiça que garante a transexuais o direito à alteração do registro civil sem a necessidade de cirurgia, mas também ameaça retroagir os avanços já celebrados que visam nivelar as diferenças que historicamente se construíram em relação à subjugação do feminino ao masculino. As análises da HQ de Zé Carioca e do encarte publicitário da Gillette são exemplares que ilustram modos de se perpetuar essa submissão inculcando valores que não desconstroem esse panorama de sujeição; já as duas notícias contrastam duas perspectivas que, acomodadas sob o manto da – falsa – isenção da ordem do discurso jornalístico, se prestam a informar, mas que por meio daquilo que é dito e do que é silenciado descobrem-se nuances que não se descortina a uma leitura desatenta, fazendo ruir a pretensão dessa isonomia pretendida pela ordem do discurso jornalístico.

Um dos pilares que sustentam o exercício da prática do jornalismo diz respeito à garantia de que o conteúdo abordado cumpra o efeito comunicativo desejado, que é informar de modo a apresentar diferentes versões do mesmo fato. O jornalista deve, para tanto, pressupor o desconhecimento do leitor acerca das contingências que ensejaram os desdobramentos de determinado acontecimento de modo que a notícia satisfatoriamente cumpra o papel que lhe cabe.

E é esse o interesse dessa análise que tem por objetivo mostrar quais são as nuances que dois grupos de informação distintos imprimiram à ocasião da visita de Butler ao Brasil e quais são as evidências linguístico-discursivas — e também os vestígios deixados por elas, inclusive nas ausências e nos silenciamentos — que fornecem subsídio para uma análise discursiva dessa materialidade em questão.

Os textos jornalísticos selecionados para a análise são: “Polêmicas cercam segunda vinda de Judith Butler ao Brasil”, *O Globo*, editoria “Cultura”, de 06/11/2017; e “Visita da filósofa Judith Butler agita meios conservadores do Brasil”, portal *IstoÉ*, editoria Mundo, de 06/11/2017. Ambos os textos não trazem as assinaturas dos jornalistas responsáveis pela matéria, o que permite inferir que os seus conteúdos refletem, de algum modo, a opinião dos veículos jornalísticos a que pertencem.

O círculo de palestras que gerou a movimentação contrária à presença da pesquisadora no Brasil trata de um evento organizado pelo Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo em colaboração com a Universidade da Califórnia Berkeley, onde Judith Butler é professora e pesquisadora, intitulado *Os fins da democracia*, que foi o segundo encontro do ciclo de conferências do Convênio Internacional de Programas de Teoria Crítica. O evento ocorreu entre os dias 7 e 9 de novembro de 2017 no SESC Pompeia, na cidade de São Paulo.

A pauta das discussões realizadas se organizou a partir da relevância assumida pelos movimentos populistas “em tempos de tão melindradas interações sociais” e as perguntas que nortearam o debate foram: 1) quais são os fins da democracia, isto é, seus propósitos e promessas?; 2) qual é a possibilidade de um colapso da democracia como uma forma política específica de governo ou um ideal para formas existentes e 3) qual significado, se houver, pode ser dado à soberania popular durante este período, e como isto se relaciona com as ideias predominantes de populismo?

A descrição do evento conta que

seguindo o espírito da abordagem crítica formulada pela geração frankfurtiana da teoria crítica<sup>34</sup>, esta conferência reúne filósofos, sociólogos, antropólogos, cientistas políticos e psicanalistas de vários países para abordar a necessidade de uma reatualização da teoria crítica à luz dos presentes desafios políticos<sup>35</sup>.

O evento, de caráter multidisciplinar, contou com a presença da/os palestrantes brasileiros e estrangeiros: Paula Biglieri, Natalia Brizuela, Osvaldo Lamborghini, Wendy Brown, Susan Buck-morss, Judith Butler, Rodrigo de la Fabián, Christian Ingo Lenz Dunker, Zeynep Gambetti, Rahel Jaeggi, Jimmy Casas Klausen, Juan Obarrio, Suely Rolnik, e Vladimir Safatle, que vieram tratar do (des)caminhos da/para a democracia reforçando os possíveis significados em uma sociedade.

O texto que fundamenta a petição, organizado pelo MBL<sup>36</sup>, alega que

ela [Judith Butler] propõe a desconstrução da identidade humana por meio da desconstrução da sexualidade. Segundo ela, 'homem e masculino podem facilmente significar tanto um corpo feminino como um corpo masculino, e mulher e feminino podem significar tanto um corpo masculino como um corpo feminino'. Porém, ela não se satisfaz em constatar isso. Por meio daquilo que chama de performance, propõe que as pessoas vivenciem todo tipo de experiência sexual.

---

<sup>34</sup> A Escola Crítica de Frankfurt foi um movimento acadêmico que nasceu no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Frankfurt, Alemanha, que buscou entender como um projeto de indústria cultural, comandado por uma elite econômica, social e política se estabeleceu. O pressuposto dessa corrente é que o objetivo dessa elite é estabelecer estratégias de controle social por meio da produção de bens culturais, sobretudo os mediados, como programas de televisão, livros, filmes, séries, histórias em quadrinhos, revistas, jornais entre outros de modo a perpetuar essa estrutura de dominação e opressão. Foi fundada em meados do século XX em Frankfurt – daí o seu nome – e se apoiou em uma perspectiva marxista de escrutínio da sociedade como um todo por meio da promoção de atitudes a fim de revelar estruturas ocultas que auxiliam na opressão do proletariado. Os maiores expoentes da primeira corrente da escola foram Theodor Adorno, Max Horkheimer e Herbert Marcuse. Por conta do contexto de pós-guerra e da perseguição dos judeus na Alemanha, parte considerável dos pesquisadores, filiados ao judaísmo, expatriaram-se para os Estados Unidos, que passou a ganhar notoriedade na perspectiva crítica das atividades da Indústria Cultural.

<sup>35</sup> Disponível em <https://www.sescsp.org.br/files/artigo/4a5b867f/8285/452a/96da/f3a0a9950bd1.pdf>

<sup>36</sup> MBL (Movimento Brasil Livre) se refere a um grupo de ativismo político de ordem conservadora surgido em 2014 com sede na cidade de São Paulo – SP. Ao movimento se atribuem as convocações das manifestações políticas que incendiaram o Brasil em 2015 e que insuflaram manifestações contrárias ao governo petista no Brasil. Esses protestos deram um fôlego ao processo de impeachment da ex-Presidenta Dilma Rousseff do Partido dos Trabalhadores (PT), que acabou deposta do cargo em 2016. Pautado por princípios do liberalismo econômico, que diz respeito a uma intervenção mínima do Estado nos rumos do país, o grupo atualmente coaduna com agendas ideológicas conservadoras baseadas no interesse do capital privado. Além de não haver afinidade com as teorias de gênero e a *queer*, o grupo defende pautas como a Reforma Trabalhista, que já é lei em vigor; a Previdenciária, ainda projeto de lei em discussão no momento da redação dessa dissertação; a redução da maioria penal, entre outros projetos. Alguns de seus maiores expoentes são os ativistas políticos Alexandre Frota e Kim Kataguirí e o político Fernando Holiday (DEM-SP), a quem se atribui a coordenação do movimento.

O texto que esclarece a petição “previne” os manifestantes a partir da especulação sobre “alguns exemplos graves da aplicação da ideologia de gênero em nossas escolas” sinalizando que a presença de Butler tem “por objetivo acelerar o processo de corrupção e fragmentação da sociedade”, segundo alegam os grupos de manifestantes conservadores. Ela [Judith Butler],

não é bem-vinda no Brasil! Nossa nação negou a ideologia de gênero no Plano Nacional de Educação e nos Planos Municipais de Educação de quase todos os municípios. Não queremos uma ideologia que mascara um objetivo político marxista. Seus livros querem nos fazer crer que a identidade é variável e fruto da cultura. A ciência e, acima de tudo, a realidade nos mostram o contrário.

Sua presença em nosso país num simpósio comunista, pago com o dinheiro de uma fundação internacional, não é desejada pela esmagadora maioria da população nacional.

Zelamos pelas nossas crianças e pelo futuro do nosso Brasil.  
#ForaButler

Atenciosamente,  
Seu nome

O objetivo da petição foi coletar assinaturas digitais de pessoas que recusavam a visita da pesquisadora. Curiosamente, a plataforma utilizada não requer a inserção do número de CPF, o que permite que uma pessoa mal-intencionada possa assiná-la mais de uma vez. Somente são requeridos o nome, sobrenome, email e o CEP de quem adere à petição. Outras plataformas de coleta de assinatura digital requerem algum número de identificação pessoal para validar a mobilização online e ao menos tentar coibir a duplicação de quem anui com o conteúdo proposto.

Para além disso, esses militantes realizaram um ativismo digital cujo objetivo foi diminuir a avaliação online de modo a denegrir a imagem da instituição na plataforma online *Facebook*. O mesmo ocorreu na página do grupo Santander por ocasião da exposição *Queermuseu*, que se viu igualmente tolido no exercício da prerrogativa democrática de liberdade de expressão por ocasião de uma exposição, anteriormente mencionada no Capítulo 1 deste trabalho.

Embora o texto da petição seja por si só uma materialização do equívoco dos grupos conservadores e um material passível de análise posto que procura confundir calculadamente as ideias que as pessoas têm sobre a pesquisadora, o propósito da análise é concentrarmo-nos apenas nos textos jornalísticos. Para que seja percebido

como se escamoteiam as filiações a uma ou a outra formação ideológica, foram analisadas a partir da perspectiva da AD de linha francesa duas notícias que relataram o repúdio dos grupos conservadores à visita de Butler. A análise buscou marcas linguístico-discursivas – e também a ausência delas – que (d)enunciam como o veículo em que a notícia foi divulgada se posiciona sobre o assunto.

Iniciemos pelos títulos dos textos. Em “Polêmicas cercam segunda vinda de Judith Butler ao Brasil”, do jornal *O Globo*, a palavra “polêmicas” cria efeitos de sentido de debate de ideias, já que uma polêmica sempre opõe um ou mais pessoas ou grupos com posicionamentos díspares, em uma tentativa de equalização das forças antagônicas nesse embate. Reparemos, também, no uso do substantivo “polêmicas” nesse título. Grafado no plural, a escolha da palavra nos remete para um efeito de sentido ligado à discussão, a algum tipo de controvérsia que suscita divergência de opiniões, o que expande o sentido da alteração acerca do (f)ato. Somemos a isso a seleção do verbo “cercam”, que sugere o sentido de encurralamento. Nessa compreensão, o título sugere o caráter conservador da opinião dos manifestantes que é materializado na/pela fala da/o jornalista por meio da repetição do (f)ato de essa primeira visita de Butler não ter causado alvoroço no Brasil da primeira vez: “[a visita] passou despercebida fora do meio acadêmico. Desta vez é diferente”. A posição-sujeito da/o jornalista dá a entender em três momentos do texto que o mal-estar ocasionado pela presença da pesquisadora é uma contenda que entrou em erupção a partir do momento histórico pelo qual o país passa. Essas condições de produção do discurso evidencia a onda do conservadorismo que assola o país. Essa discussão “encurrala” Butler e, se a encurrala, é porque a posição que a quer fora do Brasil seria mais forte.

Essa é uma das estratégias da ordem do discurso jornalístico: perpetuar a impressão de imparcialidade – esforçando-se para isentar o veículo de responsabilidade sobre aquilo que foi (d)enunciado – tanto em textos como nas fotos de modo a suscitar no leitor a impressão de que a atribuição de julgamento de valor não compete ao veículo que os publicaram, mas sim a quem lê. De acordo com o aporte teórico da AD, essa tentativa de imparcialidade é um raciocínio enganoso dado que qualquer texto não apresenta um “conjunto de enunciados unificados por posições ideológicas não conflitantes, como algo homogêneo. Os textos podem se constituir de discursos divergentes cujas fronteiras se intersectam” (Mussalim, 2001, p.124). Ele pode ser, pois, heterogêneo.

Passemos, então, para o texto da *IstoÉ* intitulado “Visita da filósofa Judith Butler agita meios conservadores do Brasil”. No título da notícia de *IstoÉ* se atribui a Butler uma posição-sujeito ao caracterizá-la como filósofa. Essa escolha oculta outros predicados da também pesquisadora, escritora e professora da Universidade de Berkeley na Califórnia. As palavras são assim: escondem sentidos de modo que “quando dizemos que há silêncio nas palavras, estamos dizendo que elas são atravessadas de silêncio; elas produzem silêncio; o silêncio ‘fala’ por elas; elas silenciam.” (Orlandi, 2007, p.14).

O efeito sentido evocado por “agita[r]” traz a ideia de que a movimentação frequente e intensa nesses “meios conservadores do Brasil”. Notemos que, da maneira como foi redigido o título da notícia, essa agitação não se deu entre os entusiastas do trabalho de Butler, mas sim entre “conservadores”, palavra que, grafada no plural, sugere uma não-unicidade nesse grupo ou que há mais de um grupo de manifestantes conservadores.

O valor-notícia está nos aspectos considerados significativos e relevantes para tornar um fato notório de ser difundido, que parece ser o da agitação do meio conservador a partir da presença da pesquisadora no país. Em nenhum dos títulos dos textos há a sinalização da dimensão do trabalho da pesquisadora ou tentativa de maiores “esclarecimentos” acerca do que ela veio fazer no Brasil.

A linguagem tomada em sua materialidade linguística, quando não explicitamente divulga, ao menos denota as posições-sujeito de quem (d)enuncia. Pêcheux traz que as palavras não são neutras e Orlandi (2015, p.41) completa esclarecendo que “o discurso se constitui em seus sentidos porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma FD e não outra para ter um sentido e não outro” de modo que “não é possível definir um dos discursos concretizados na materialidade linguística sem remeter ao outro” (Mussalim, 2001, p.124).

Um dos sustentáculos da AD parte do pressuposto de que o sujeito não é a origem de seu dizer, mas sim atua como suporte desse dizer dado que ele é inscrito em determinadas formações discursivas. Desta forma, o discurso é efeito d(ess)as ideologias. As palavras, cuja seleção nunca é neutra, significam e deixam de significar a partir de outras produzindo efeitos de sentido para quem lê os textos e vê as fotos.

Na notícia, que é um texto supostamente de caráter informativo e neutro, como querem os jornais, os manuais de redação como o do jornal *O Estado de S. Paulo* ou o da *Folha de S. Paulo* sugerem que as frases sejam construídas na ordem direta

(sujeito, verbo e predicado) de modo a facilitar o processo de leitura. Ainda segundo os manuais, o parágrafo inicial de uma notícia deve se prestar ao papel de esclarecer o conteúdo a ser explorado e responder às seguintes perguntas: 1) O que aconteceu?; 2) Onde aconteceu?; 3) Por que aconteceu?; 4) Com quem aconteceu?; 5) Quando aconteceu?; e 6) Como/De que modo aconteceu?.

Quando as respostas a essas perguntas, que são conhecidas na prática jornalística como *lead*<sup>37</sup>, estão organizadas em um parágrafo de maneira satisfatória, elas podem servir como guia para conduzir o leitor a decidir sobre ler ou não o conteúdo a ser abordado. Essa relação não obedece a um paradigma cartesiano, a/o jornalista dispõe da sua singularidade para contornar a camisa de força que o *lead* impõe e satisfazer a necessidade de leitura do seu público.

A despeito do uso do *lead*, que de certa forma tenta normatizar a redação das notícias, é notório perceber como as particularidades do sujeito-jornalistas são fatores que imprimem um caráter singular e singularizador, portanto exclusivo, a cada relato. Nunca um mesmo fato será noticiado nos mesmos termos por duas pessoas diferentes. Nem pela mesma. Um exemplo é a ordem com que se escolhe contar um (f)ato: o que é mais relevante: 1) quando aconteceu o (f)ato? 2) com quem ele aconteceu? Será o modo como ele se desenrolou ou é o motivo que o fez surgir que causa interesse? Não nos esqueçamos do revestimento de precisão que confere credibilidade ao exercício da prática. Nas escolas de jornalismo, o compromisso que se deseja do profissional guarda relação com esse caráter informativo primário da notícia, tipo de texto a partir do qual outros dessa esfera se desenvolvem.

A notícia do portal *O Globo* usa, em seu primeiro parágrafo, uma construção da ordem direta que intercaladamente conta sobre a chegada da pensadora ao Brasil e sobre a controvérsia que se instalou ao redor de “uma das mais importantes filósofas dos Estados Unidos [que] chega [...] cercada de[ssa] polêmica”. Vale notar que, na superfície linguística, a adjetivação em “importante” e a predicação conferidas a Butler como “referência no estudo da teoria de gênero” comportam efeitos de sentido que atribui credibilidade às pesquisas que ela desenvolve.

---

<sup>37</sup> *Lead*: A palavra é grafada em língua portuguesa como lide e se refere às informações essenciais que se encontram em uma notícia. Segundo o jornalista Ricardo Noblat, “data de uma época em que era necessário uniformizar os textos dos jornais, separar informação de opinião e privilegiar a objetividade” (2008, p.83). Embora se argumente que a padronização do *lead* prejudique a criatividade no processo de escrita, essa uniformização serve como um dos aspectos organizacionais linguístico-discursivos desse texto.



Também se percebe um posicionamento da/o jornalista pelo uso da conjunção adversativa “mas”, que desloca o sentido da argumentação ao se apontar que Butler também conta “com uma obra de destaque em outros campos [que não somente o dos estudos de gênero]”, o que acena para uma observação mais arejada acerca da presença da pesquisadora no país e sugere que o debate conservador que surgiu acerca da contenda pode ter sido equivocado. A despeito dos atributos acadêmicos que a autorizam a discursar em nome de uma agenda ideológica *queer*, o trecho destaca que “desta vez [foi] diferente” pois [a visita] foi “cercada de polêmica” ao passo que a primeira “passou despercebida fora do meio acadêmico” já que agora houve “milhares de pessoas bradando contra sua presença no país”.

No que tange aos efeitos de sentido acobertados, percebamos a palavra “cercada”, que imprime à ideia de que ela foi sitiada em sua visita de modo que se impediu a movimentação de Butler. Esse cerceamento da liberdade de circulação é ampliado por uma conjuntura em que houve “milhares de pessoas bradando contra sua presença no país”. Atentemos-nos ao uso do verbo “bradar”, que evoca o sentido de alguma reivindicação que é difundida veementemente aos gritos. Novamente essa é uma maneira da/o jornalista sinalizar que o diálogo com os grupos conservadores se mostra inútil – talvez impossível – uma vez que, ao exigirem o silenciamento de Butler e sua saída do país aos brados e a sitiarem do modo com o fizeram, eles não se mostram abertos a uma tentativa de interação com aqueles que apoiam a vinda da pesquisadora ao país.

O *Globo* parece ter se preocupado em explicar o cenário em que essa polêmica ocorreu ao afirmar que a pesquisadora “parece estar no centro de uma guerra cultural, que vem se espalhando pelo país nos últimos meses”. Os efeitos de sentido que existe no uso do substantivo “guerra” pressupõem um campo semântico ligado às noções de “violência”, “truculência” e “hostilidade”, dentre outras, de modo que esses posicionamentos se articulam de maneira a impor alguma forma de supremacia em favor de alguma ideologia e trazem consigo a noção de uma sucessão de batalhas sugerindo também que o conflito não chegou ao fim. O sentido bélico é reforçado na linha-fina que alega que a filósofa americana foi “atacada” por conservadores no país.

A publicação compara a polêmica que ocorreu com Butler e aquela da exposição intitulada *Queermuseu – Cartografias da Diferença na Arte Brasileira*<sup>38</sup>, que

---

<sup>38</sup> Cf. Nota 4.

ocorreu no Centro Cultural Santander em Porto Alegre (RS). Na ocasião, manifestantes se opuseram à intervenção artística ocorrida na exposição por acreditarem que as obras expostas tratavam de apologia à pedofilia à prostituição infantil e à zoofilia, além de eles não compactuarem com as cenas de nudez e de sexo lá expostas e, dessa maneira, o Centro Cultural se viu “alvo de protestos” e “sofreu ataques online”.

As palavras “alvo” em “que foi alvo de protestos do Movimento Brasil Livre (MBL)” e “ataque” “o Sesc também passou a sofrer ataques online” produzem os efeitos de sentido de que há um objetivo que se almeja alcançar por parte dos movimentos conservadores, com vistas a uma destruição/eliminação total ou parcial desse alvo. Metaforicamente, a mira deseja aniquilar a difusão dos debates acerca da identidade de gênero por meio da recusa à visita de Butler, o que mais uma vez nos remete ao caráter bélico do embate que divide os manifestantes conservadores e aqueles que simpatizam com o aporte teórico e pensamento de Butler. Para além de reforçar esse traço bélico da contenda, ao apontar que esses manifestantes exigiram o cancelamento da participação de Butler no evento no SESC, a/o jornalista mostra a truculência e petulância do pessoal do MBL, denominado “grupos conservadores”. Ao ao mesmo tempo mostra que objetivo foi o inverso do desejado, pois essa polêmica atraiu ainda mais espectadores para o evento.

A/o jornalista, ao informar o número de assinaturas digitais arremetidas na petição online, o faz por meio da grafia “mil” em “350 mil”, conforme é sugerido nos manuais de redação e estilo dos jornais, diferentemente de *IstoÉ*, que redige o número de outra forma – a ser analisada a seguir. Ainda aqui, ao apontar a maneira como os manifestantes se referem a Butler, a/o jornalista lança mão do uso de aspas, recurso empregado na notícia para marcar o título de eventos e de obras, para destacar a fala de Butler e para marcar a insipiência dos conservadores quando o jornalista extrai palavras, expressões e frases da petição. Esse último uso das aspas marcam a opinião do jornalista sobre a aberração das ideias dos conservadores.

Destacamos esse uso intencional dessas aspas pela/o jornalista para se distanciar da postura conservadora exercida pelos movimentos contrários à vinda da filósofa ao Brasil. Ao redigir a notícia da forma como o fez, se percebe o distanciamento do sujeito jornalista d’O *Globo* dessas (d)enunciações: ela/e revela não compactuar com a classificação de Butler como “idealizadora”, “promotora nefasta” [da] “ideologia de gênero” cujo objetivo é “nos fazer crer que a identidade é

fruto da cultura” ao “mascara[r] um objetivo político marxista” em um “simpósio comunista” cujo cancelamento “seria desejado pela esmagadora maioria da população nacional”. Ademais, o uso do verbo “seria”, que é empregado no futuro do pretérito, mais uma vez serve como recurso de argumentação, que marca uma posição-sujeito político-ideológica, da/o jornalista que, ao usá-lo, (d)enuncia algo incerto realizando uma suposição e veiculando uma ideia de hipótese sobre esse desejo e essa suposta “esmagadora maioria da população”.

No parágrafo seguinte, é reiterado o fato de a presença de Butler não ter “provocado polêmicas ou petições em sua primeira vinda ao país, em 2015”. Vale lembrar que a ocasião da primeira visita de Butler ao Brasil foi fomentada por uma parceria entre a revista *Cult* e o SESC Vila Mariana em São Paulo para tratar dos temas “cultura e política”, “educação”, “saúde” e “aprendizados, gênero e sexualidade” e “contra-hegemonias”. O evento intitulado “Seminário *Queer* – Cultura e subversões da identidade” ocorreu entre os dias 9 e 10 de setembro de 2015 e não chamou a atenção desses grupos de manifestantes à época. Vale recordar as condições de produção dessa materialidade linguística esteve inscrita na conjuntura política de então que não tratava da possibilidade do impeachment da ex-Presidenta da República Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores abertamente. Ela se mostrou indisposta à proposição de uma agenda econômica majoritariamente subserviente ao capital estrangeiro. Em 2017, já deposta do cargo e com a chefia do Executivo brasileiro sendo ocupada por Michel Temer (PMDB-SP)<sup>39</sup>, houve sinalização de abertura da economia do país a esse capital, cujo interesse reside na exploração dos recursos sob controle das grandes estatais nacionais como a Petrobrás. Coincidentemente ou não, 2017 representou o fortalecimento desses grupos de manifestantes conservadores como os do MBL, o maior expoente das manifestações contrárias a Butler e favoráveis à queda de Rousseff, que recebeu capital de aporte estrangeiro para financiar esses protestos como dos irmãos Charles e David Koch, herdeiros de um império petrolífero homônimo sediado nos Estados Unidos.

Os irmãos, além de serem herdeiros desse conglomerado petrolífero, têm negócios que se estendem ao ramo madeireiro, às indústrias de papel e celulose, à exploração de fibras-têxteis e são donos de milhares de quilômetros de oleodutos nos

---

<sup>39</sup> A partir de dezembro de 2017, o PMDB passou a ser denominado MDB, a fim de “apagar” o desgastes políticos sofridos pelo partido ao longo dos anos.

EUA<sup>40</sup>. Eles são conhecidos por aportar capital para financiar movimentos de manifestantes conservadores não somente no Brasil, mas também nos Estados Unidos e em outros países de modo a ampliar o projeto expansionista baseado em uma exploração desenfreada de recursos naturais e uso de mão de obra barata.

Além da afinidade ideológica entre o MBL e esse conglomerado de empresas, é possível supor que para que sejam aprovados projetos favoráveis aos irmãos Koch, alguma vantagem seja cedida aos políticos que simpatizam com uma agenda liberal. Esses irmãos – para ficarmos em um exemplo somente – servem como alegoria desse *modus operandi* egocêntrico que não se responsabiliza pelas implicações que ocasionam. Talvez desviar o olhar para a visita de Butler seja uma maneira de distanciar o foco dos escândalos de corrupção do governo Temer, da votação da Reforma Trabalhista e da Reforma da Previdência, entre outros.

Já a ocasião que propiciou a visita de Butler em 2017 se deveu ao fato de ela ser organizadora de um evento cujo objetivo foi discutir “os fins da democracia”, tema do encontro que faz parte do consórcio internacional de teoria crítica promovido pela Universidade de Berkeley na Califórnia e da Universidade de São Paulo sediado pelo SESC. Butler não veio com o objetivo de divulgar seu trabalho na área de gênero. No entanto, foi criada uma petição online no portal *Citizen Go* buscando a aderência de militantes que contestaram a divulgação de conteúdos ligados à “ideologia de gênero”. Os manifestantes parecem enxergar na figura da filósofa uma embaixatriz na difusão dos pressupostos da teoria *queer*, o que pode ser comprovado pelos atos de hostilidade terem se concentrado nela e não em outros participantes do evento.

Portanto, além de tonificar o caráter didático do texto ao reprisar o fato de a primeira visita da pesquisadora não ter causado alarde no Brasil, a recorrência da informação na notícia ajuda a desqualificar os manifestantes que, pelo que se sugere, são mal intencionados por desencaminharem o real motivo da visita da pesquisadora e também mal informados por não saberem de quem ela de fato se trata. A/o jornalista finaliza o parágrafo afirmando que “na verdade [a teoria de gênero] conta com diversos outros teóricos”. O uso da locução adverbial “na verdade” indica uma circunstância de afirmação, mais uma vez se revela a posição-sujeito da/o jornalista que argumenta na notícia ao declarar que o objeto de análise é “estudado pelas principais universidades do mundo”, certificando que o interesse nas teorias de gênero não se resumem ao

---

<sup>40</sup> <https://www.cartacapital.com.br/politica/quem-sao-os-irmaos-koch-2894.html>

Brasil nem a Butler, mas é um assunto que é pesquisado nos maiores centros universitários do planeta.

Em seguida, a/o jornalista assevera que “além da polêmica, a desinformação parece cercar as intervenções”. Para além de perceber a reincidência do verbo “cercar”, que corrobora o sentido bélico anteriormente elucidado, notemos o foco depositado nas frases redigidas na ordem direta que recai sobre o sujeito do verbo, elemento primeiro apresentado no período. Na frase acima, pois, pensemos nesse foco conferido aos substantivos polêmica e desinformação que “parece[m]” cercar as intervenções desses manifestantes conservadores. A/o jornalista usa a tática de modalizar a afirmação pelo uso não categórico do verbo “parecer” na sequência.

Outrossim, esses efeitos de sentido que propalam a insipiência do grupo de manifestantes acerca do trabalho da pesquisadora é reforçado pela/o jornalista quando descreve os atributos acadêmicos da professora “na Universidade da Califórnia em Berkeley, onde leciona no Departamento de Literatura Comparada e no Programa de Teoria Crítica”. A qualificação auxilia para montar um quebra-cabeça que insinua a confiabilidade do trabalho por ela desenvolvido afinal “ela é autora de 15 livros” e “de fato” “um nome importante nos estudos de gênero” responsável por ter introduzido “o conceito de ‘performatividade’”. Para além da atribuição dos predicados acadêmicos, escorre a argumentação por meio do uso da locução adverbial de afirmação “de fato”, que preconiza afinidade da/o jornalista, dada sua posição-sujeito, com as teorias de gênero e com o trabalho de Butler. A/O jornalista empenha-se novamente em imprimir um propósito didático ao texto a partir da breve explicação sobre o conceito de performatividade de gênero, cumprindo o propósito de informar o leitor que pode ou não conhecer a teoria *queer*.

Não somente por ter se tornado fiadora da desconstrução da “obrigatoriedade entre sexo, gênero e desejo” por meio da aderência à FD dos estudos *queer*, a/o jornalista ainda assim assegura a credibilidade do trabalho de Butler afirmando que esses estudos “não são o único campo explorado pela autora”. Butler, “inclusive” – novamente uma tática argumentativa e um modo de revelação da posição-sujeito jornalista – não veio ao país discutir essas teorias, o que desqualifica a reivindicação dos conservadores.

O real motivo que a trouxe se refere “à subjugação colonial exercida [por Israel] sobre o povo palestino”, segundo apontado na notícia. O (f)ato é que, de modo “curioso”, são os posicionamentos sobre outros assuntos [não as teorias de gênero]

que despertam controvérsia na população nos Estados Unidos. Por qual motivo é “curioso” se não pelo a/o jornalista pressupor que o debate sobre o tema já deveria ter sido ultrapassado? Parece que esse efeito de sentido sugere que os debates acerca das teorias de gênero se nos Estados Unidos não foram superados, ao menos não causam um debate parecido como o que ocorreu no Brasil.

O emprego da oração subordinada adverbial com circunstância de proporção em “enquanto se intensificava uma campanha para que usuários avaliassem mal o Sesc Pompeia no Facebook, outras pessoas correram para se inscrever no colóquio de amanhã”, sugere que a despeito das polêmicas geradas e da mobilização que foi incitada, parece ter havido um “efeito contrário” que sabotou o propósito inicial desejado pelo MBL de desprestigiar o evento. Isso foi inesperado porque “normalmente” um evento dessa envergadura “não chamaria atenção” da forma como ocorreu, essa sendo a terceira vez que a/o jornalista se reporta ao fato de a primeira visita de Butler não ter causado tamanha contenda.

Também a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS) se posicionou contrariamente ao repúdio por meio de nota que contesta a represália declarando

apoio integral à vinda da professora Judith Butler ao Brasil e o exercício de sua liberdade de expor seus argumentos, proposições e discussões que não acreditamos poder ser cerceadas. Uma mordida sobre sua fala é uma ameaça para todos e todas nós, cuja vida acadêmica e intelectual não pode prescindir desta liberdade<sup>41</sup>.

Ao esclarecer de que se trata a ANPOCS por meio do uso da oração subordinada adjetiva explicativa em “que agrega 111 programas de pós-graduação no país”, a/o jornalista fundamenta a incoerência da manifestação insinuando um distanciamento da lógica científica, o que contribui para invalidar a especulação sobre a alegada doutrinação que, segundo argumentam os grupos conservadores na petição, ela veio difundir no país. O uso da declaração da ANPOCS como argumento de autoridade dado o reconhecimento da Associação e a credibilidade tanto da importância desses trabalhos nas Ciências Sociais quanto pela parceria de universidades, consideradas de primeira linha, como a Universidade de São Paulo, a

---

<sup>41</sup> <https://anpocs.com/index.php/2741-uncategorized/1808-nota-sobre-a-vinda-de-judith-butler-ao-pais-e-sua-liberdade-academica>

norte-americana Berkeley, a alemã Humboldt e a francesa Universidade de Paris, aproximam o trabalho de Butler aos desenvolvidos nas melhores universidades do planeta, o que ajuda a demonstrar a reivindicação dos manifestantes conservadores.

Que se some ao exposto o fato de, ao final da notícia haver uma seção intitulada “Fatos da visita”, em que a/o jornalista ainda esclarece em tópicos, que foram seguidos de uma breve explanação, as grandes áreas a que a pesquisadora se dedica não só como os estudos sobre identidade de gênero como os sobre judaicidade e democracia e polêmicas com Israel. Essa parece ser [mais] uma estratégia didática de apresentação da pesquisadora a um leitor pressuposto que possivelmente não a conheça, colaborando com a continuidade do caráter pedagógico do texto, distanciando-o do modelo regular de texto geralmente encontrado nas notícias.

A primeira traz um esclarecimento acerca do ato de que apesar de Butler ser uma expoente dos estudos *queer*, ela não criou esse campo. A petição online referencia a “aplicação da teoria de gênero nas escolas [...] Judith, porém veio ao país para falar sobre outros assuntos.” A conjunção adversativa “porém” desloca o verdadeiro motivo da visita dela ao Brasil desta vez, que foi tratar de “outros assuntos”. O segundo item trata da polêmica com Israel que, conforme apontado, não é polêmica nos Estados Unidos, que é país de origem da pesquisadora. A/o jornalista, como mencionado anteriormente, se não sugere que por lá os debates já foram superados, ao menos não causam um debate parecido como o que ocorreu no Brasil.

O terceiro item destaca o fato de o site Citizen Go, que hospeda a petição online contra a pesquisadora, não exigir “CPF de seus usuários e também não possui nenhuma forma de verificação o que permite a qualquer pessoa assinar várias vezes com nomes diferentes”. Essa informação é trazida para mostrar as possíveis “más intenções” dos manifestantes. O texto termina esclarece que ela não veio ao Brasil palestrar no Sesc Pompeia “ao contrário do que afirmam os protestos”.

Ao mesmo tempo que a/o jornalista enaltece o trabalho de Butler ao elencar didaticamente esses “Fatos da visita”, ela/e aponta a ignorância desses manifestantes conservadores. É como se delicadamente a posição-sujeito dessa/e jornalista desmantelasse a ignorância e a má fé dos ativistas do MBL, protagonistas desse repúdio. Com a construção desses itens, é percebido o desmonte da linha de raciocínio que sustenta a rejeição à pesquisadora.

A despeito dessa tentativa de conferir um ar mais arejado à cobertura da visita de Judith Butler ao Brasil e dos desdobramentos que se deram a partir dela, parece haver uma sinalização que avança para o contrário na foto. A partir da perspectiva desta pesquisa, que encara que a cobertura feita pelo *O Globo* parece ser mais ventilado, por qual motivo o grupo escolheu uma imagem de Butler em que ela apresenta traços andrógenos? Essa escolha parece nos mostrar que a/o jornalista, apesar de se mostrar favorável à presença da pesquisadora, deixa escapar parte do pressuposto de que a feminilidade é reforçada pelos imperativos categóricos do que seria ser o feminino. A imagem “empurra” a argumentação para um sentido contrário a uma perspectiva *queer* ao passo que o texto faz o oposto.

As especificidades da redação da/o jornalista definem o caráter singular do sujeito-escritor. Ele se revela a despeito da pretensão da isenção materializada nos textos da ordem jornalística. O sujeito vaza tanto na seleção de palavras como no silêncio. E essa são formas de o sujeito jornalista se revelar politicamente e é justamente

em face dessa sua dimensão política, [que] o silêncio pode ser considerado tanto parte da retórica da dominação (e da opressão) como de sua contrapartida, a retórica do oprimido (a da resistência). (ORLANDI, 2007, p.29).

Desta forma, uma análise de discurso deve levar em consideração não somente a materialidade que se apresenta ao analista como pela seleção de palavras (e os efeitos de sentido que elas evocam), a ordem com que os elementos estão dispostos no texto, os tempos em que os verbos são empregados; mas também se atentar à primazia do silêncio. Orlandi declara que assim se chega “a uma hipótese que é extremamente incômoda para os que trabalham com a linguagem: o silêncio é fundante” (2007, p.31) em que “ao invés de pensar o silêncio como *falta*, podemos, ao contrário, pensar a linguagem como *excesso*.” (p.31). E há

silêncios múltiplos: o silêncio das emoções, o místico, o da contemplação, o da introspecção, o da revolta, o da resistência, o da disciplina, o do exercício do poder, o da derrota da vontade etc. (ORLANDI, 2007, p.42)

Aqui olharemos para os que reproduzem o exercício do poder para “podermos compreender como as relações de poder são significadas, são simbolizadas”



(ORLANDI, 2005 p.10). Na notícia veiculada em *IstoÉ*, “Visita da filósofa Judith Butler agita meios conservadores do Brasil” quais são os modos de se silenciar empregados? Quais são os interesses que subjazem essa tentativa de silenciamento de vozes que não se enquadram no *status quo* da primazia da heterossexualidade?

A notícia veiculada no site da revista *IstoÉ* inicia pela oração subordinada adverbial causal: “acusando-a de promover uma ‘ideologia nefasta’”, que enfatiza o motivo pelo qual o grupo de manifestantes conservadores se reuniu. O deslocamento que posiciona a oração para o início da frase traz o foco para a acusação da promoção dessa suposta “ideologia nefasta” a que se alude em vez de se preocupar em esclarecer com mais propriedade os motivos que levaram a manifestação vir à tona ou o contexto sócio-histórico que encabeça a presença da pesquisadora no país.

Na prática jornalística, é comum usar os numerais da maneira como foi empregada n’O *Globo* “mais de 350 mil”, com a grafia do milhar em letras e não em algarismos. Fazê-lo de modo diferente do que o usual, opção do grupo editorial de *IstoÉ* “363.000<sup>42</sup>” parece ser uma tentativa de impressionar o leitor com o número de signatários para mostrar que o movimento tem força e contou com uma grande adesão por parte dos manifestantes.

A despeito da tentativa de aumentar o número, não se mencionou em *IstoÉ* a falta de parâmetro de segurança para conferir credibilidade a essa petição, que seria o participante registrar o número do seu CPF ou RG, de maneira a evitar que ele se registre mais de uma vez, prática usual em petições online. Esse é um silenciamento que orienta o olhar do leitor para uma compreensão parcial acerca da idoneidade dos usuários do serviço do site *Citizen Go*, que hospeda a petição. Como mencionado anteriormente na análise do texto d’O *Globo*, a plataforma carece dessa proteção que ajudaria a evitar a adulteração de assinaturas digitais de eventuais manifestantes mal-intencionados, o que também pode ter ocasionado uma inflação do número real desses signatários. Essa atitude de *IstoÉ* é um descompromisso com o propósito principal do texto notícia, que, em princípio, é informar. Ao escolher omitir parte da informação que se revela importante para o (f)ato, ou se mostra uma ineficácia da/o jornalista em realizar um trabalho cuidadoso de apuração ou se insinua uma tentativa de argumentar em favor dos manifestantes. De ambas as formas é fácil constatar que

---

<sup>42</sup> No momento da finalização da redação dessa análise em 10/03/2018, o número de signatários da petição registrado no site *Citizen Go* era de 371.877 pessoas, o que sugere que o aumento de signatários foi píffio.

o texto não cumpre o propósito comunicativo do texto “notícia”: nesse caso, inteirar o leitor acerca dos eventos que contextualizaram tanto a vinda da pesquisadora ao Brasil quanto à natureza dos protestos desses manifestantes conservadores. A/o jornalista reproduz, mais uma vez, o trecho da petição que qualifica Butler como difusora de uma “ideologia nefasta”. O uso das aspas em “ideologia nefasta” pelo veículo parece isentar-se de classificar Butler de promotora de uma suposta “tentativa de doutrinação e dogmatização sexual” dos jovens brasileiros por meio da promoção de uma agenda ideológica *queer*

A argumentação persiste no foco dado à petição e apresenta a preocupação de supostos pais que apoiam o repúdio à presença da pesquisadora no Brasil que se preocupam “por nossos filhos” posto que salvaguardam “o futuro do nosso Brasil”. Ao tomarem a parte pelo todo, indicando que o “nosso” Brasil é aquele da ordem conservadora, os manifestantes se se filiam ao discurso do que é ser brasileiro que, aqui, não acomoda os brasileiros que não anuem com a presença de Butler no país. A citação reproduzida em *IstoÉ* ainda faz referência à hashtag<sup>43</sup> #ForaButler que foi utilizada para engajar novas filiações ao movimento de manifestantes conservadores.

A petição, que é um instrumento ligado à formação discursiva do campo do Direito, é um instrumento de manifestação inscrita na ordem democrática que verbaliza algum tipo de insatisfação de um grupo. Na notícia de *IstoÉ*, a/o jornalista à eleva ao status de “manifesto que exige o cancelamento de sua participação no colóquio ‘Os Fins da Democracia’”. O efeito de sentido que a palavra “manifesto” carrega diz respeito à alguma declaração de natureza pública em que são expostas as razões que levaram à prática de certos atos que representam alguma coletividade. Também o (f)ato de os manifestantes conservadores não estarem em posição de “exigir” esse cancelamento confere um caráter autoritário à demanda do grupo. O verniz que lhe é dado amplia o sentido lugar da petição, o que produz efeitos de sentido de que o texto representa ter mais credibilidade do que de fato tem.

Há um breve esclarecimento acerca dos predicados acadêmicos de Butler no texto de *IstoÉ*. O grupo parece resumir a informação ao fato de ela lecionar na Universidade de Berkeley na Califórnia e de ter lançado dezenas de livros. Omitir a

---

<sup>43</sup> *Hashtag* é uma aglutinação de um campo semântico por meio do uso de uma palavra-chave antecedida por uma cerquilha (#). É usada para identificar algum conteúdo compartilhado em redes sociais. Ganhou popularidade na plataforma *Twitter* e se disseminou como hábito dos internautas e atualmente é utilizada em inúmeras mídias sociais.

envergadura do trânsito acadêmico da pesquisadora se mostra como um artifício da estratégia de silenciamento. Também vale atentarmos para o trecho “a doutora em filosofia”. Usando a titulação acadêmica como designativo em “doutora” e o campo de atuação em “filosofia”, parece que a/o jornalista desdenha da posição de Butler a partir da denominação empregada.

Cabe lembrar que, conforme traz Orlandi (2007, p.31) “o homem está ‘condenado’ a significar. Com ou sem palavras, diante do mundo, há uma injunção à ‘interpretação’: tudo tem de fazer sentido – qualquer que ele seja. O homem está irremediavelmente constituído pela sua relação com o simbólico.” Assim, ao escolher não indicar a Universidade em que Butler ensina, que é uma das mais prestigiadas do mundo, além de haver omissão acerca da abrangência dos estudos da pesquisadora – que não se concentram na teoria *queer*, mas que se estende a outras temáticas –, o dizer do/a jornalista produz efeitos de sentido de desqualificação de Butler.

Embora convidada para palestrar sobre o tema do evento – *Os fins da democracia* — um grupo de conservadores, parcialmente encabeçado por Alexandre Frota<sup>44</sup>, que discursou em nome do MBL, exigiu o cancelamento da visita da pesquisadora ao Brasil alegando que ela veio ao país com o intuito de disseminar uma agenda de “ideologia de gênero” que, segundo argumentaram, facilita o processo de “conversão” de crianças e jovens em homossexuais como mencionado anteriormente. Demonstrando ignorância sobre as teorias propostas pela pesquisadora e pelo motivo que a trouxe ao Brasil, os manifestantes repudiaram a visita de Butler por meio da promoção de um abaixo-assinado e da queima em praça pública de bonecos com a representação do rosto de Butler. É de se questionar se a cólera que se instalou a partir da presença de Butler no Brasil seria o mesmo caso se a pesquisadora fosse um homem. No repúdio, eclode misoginia.

A sequência discursiva anuncia que houve uma rejeição à presença de Butler posto que instigaram a criação de um ato de “repúdio a maior propagadora da ideologia de gênero”, novamente uma reprodução da reivindicação dos manifestantes e a ausência de apuração por parte do/a jornalista. Há, de novo, descompromisso com a informação nesse trecho visto que não se diz quem atribui à Butler a qualificação de

---

<sup>44</sup> Alexandre Frota é um ativista político conservador que já atuou como diretor, apresentador de televisão, empresário, ativista político e ator pornográfico. Ele tem ganhado notoriedade no cenário político nacional por se manifestar inflamadamente sobre questões sobre as quais não é referência como na seara da Educação.

maior difusora da “ideologia de gênero”. Embora ela seja, de fato, uma expoente desse campo de estudos, ela não é a única voz desse domínio. Para além disso, o que é chamado na notícia de “ideologia de gênero”, possivelmente não diz respeito aos trabalhos acadêmicos realizados pela pesquisadora nem aqueles desenvolvidos pelo arcabouço da teoria *queer*, mas sim aquilo que os manifestantes entendem a partir dela: um equívoco conceitual a partir do qual eles acreditam que um dos objetivos desse campo de estudos seja uma “tentativa de doutrinação e dogmatização sexual” para transformar jovens em homossexuais. Também os efeitos de sentido que a palavra “convocado” confere ao texto traz a noção de que a presença dos manifestantes não é voluntária. O verbo evoca o efeito de sentido que o comparecimento é obrigatório, não livremente escolhido por aqueles que o apoiam. A obrigação do comparecimento afasta a agremiação de manifestantes da ordem democrática, que tem como premissa o exercício da escolha sem coação.

Somemos a isso a ordem de apresentação do número de manifestantes conservadores contrários à vinda de Butler ao Brasil, que “reunia 972 pessoas confirmadas no Facebook” e aqueles contrários aos conservadores, que “já somava 1.265”. Ao depositar o foco no número de manifestantes contrários à visita de Butler ao Brasil primeiramente – mesmo esse sendo um número inferior – e ao trazer que o número dos que a apoiam “já” somava 1265, parece que há uma estratégia de desqualificar quem respalda a teoria *queer*, personificada unicamente em Butler por esses manifestantes conservadores.

A notícia parece se resumir a uma reprodução de trechos da petição online contrária à presença de Butler e é justamente esse o tom que percorre a redação de toda a notícia. O posicionamento que pode ser depreendido dessa observação permite dizer que o texto além de não cumprir com o princípio de informar o leitor, ainda oferece um panorama oblíquo que dissimula uma aparente equanimidade. Um leitor desavisado ou aquele que simpatize com a afinidade ideológica materializada nesse texto poderia inocentemente alegar que o texto registra pontualmente o decorrer dos fatos. No entanto, uma observação mais criteriosa desmonta esse raciocínio posto que “isso tudo pode ser observado, no pensamento de Pêcheux, quando ele considera que a ideologia não funciona como um mecanismo fechado (e sem falhas) nem a língua como um sistema homogêneo (ORLANDI, 2007, p.19).

Embora majoritariamente conservador, a ocorrência de uma suavização no tratamento empregado à Butler na notícia de *IstoÉ* denota uma característica

preunciada no quadro teórico da AD, que é a circunstância de enunciação a partir de mais de uma FD comportando a contradição no discurso. O sujeito-jornalista, que constitutivamente é clivado e atravessado por essas FD variadas, escorre ao singlar por pelo menos duas dessas formações. Isso pode ser observado pelo caráter majoritariamente conservador do texto que escorre ao longo da sequência enunciativa e da suavização da FD desse conservadorismo nos dois últimos parágrafos. No penúltimo, se apresenta que o número de apoiadores de Butler é maior que o dos conservadores; no último, *IstoÉ* termina o texto com a reprodução de uma fala da pesquisadora. A última palavra do texto é de Butler, não do grupo editorial. À guisa do que os preceitos da AD (pr)enunciam, o sujeito-jornalista não é logicamente coerente, como aquele pensado nos primórdios da AD francesa no final dos anos 1960.

Vale observar nas notícias aquilo que, em primeira instância, desperta a atenção de quem a lê. Sobretudo nos textos que são veiculados na/pela internet, fisgar a atenção do leitor/usuário é de sumária importância. Isso porque as atualizações (quase) instantâneas dos conteúdos das notícias e a oferta de conteúdo variada dão ao leitor (um)a impressão de defasagem sobre o que está sendo divulgado. Garantir a permanência desse leitor na página/portal aumenta o alcance da matéria redigida e amplia o índice de visualizações do conteúdo e obviamente das propagandas, o que gera receita, notoriedade e parece conferir maior credibilidade agregando valor ao grupo editorial que o veicula.

Nesse sentido, a escolha do título e da(s) fotografia(s) que ilustram o texto verbal funcionam como vitrine para o leitor. A notícia assemelha-se, pois, a um produto que deve exercer um fetiche no leitor e despertar não somente o interesse e a curiosidade, mas também trazer a sensação de saciedade e permitir satisfação perante aquilo que está sendo noticiado.

Observemos, então, essas fotografias que foram usadas para ilustrar as notícias veiculados pelo *O Globo* e *IstoÉ*:



Reprodução da foto usada para ilustrar a notícia sobre visita ao Brasil de Judith Butler divulgada pelo portal O GLOBO. Divulgação / Agência O GLOBO.



Reprodução da foto usada para ilustrar a notícia sobre visita ao Brasil de Judith Butler divulgada pelo portal IstoÉ. Divulgação / AFP (Arquivo).

Esse olhar mais atento às discursividades pictóricas manifestadas nas fotos utilizadas para ilustração das/nas notícias em relação ao texto verbal construída e constitutiva nessas/dessas notícias ajudam a compor uma das possibilidades de

leitura das fotos, que parece ser a desejada pela/o jornalista ou que mesmo pode extrapolar os horizontes de compreensão imaginados. Isso porque as fotos auxiliam na composição do todo e pode ser um dos elementos primeiros de observação de quem (não) se decidiu sobre ler a notícia.

No que tange às possibilidades de leitura e interpretação de ambas as fotos, a primazia da linguagem não-verbal merece destaque. Ela exerce papel central e ajuda a balizar a produção de efeitos de sentido pelo leitor. Portanto, o processo de leitura de imagens é um componente que deve ser considerado primordialmente em discursos midiáticos em que, por vezes, o (con)sumo desses objetos, sobretudo na plataforma digital, se resume a, aparentemente, um rápido e desatento olhar que não questiona, apenas (con)some.

Na primeira notícia, a foto em preto e branco escolhida para ilustrar a publicação é a da filósofa Judith Butler. Sua imagem ocupa toda a foto e está centralizada, o que pode ser observado a partir do corte vertical da luz em seu nariz que separa os dois lados da imagem causando a impressão de estabilidade, discrição e proporcionalidade pela simetria. O sorriso esboçado juntamente com a marca dos vincos na pele indicam que ela é uma pessoa mais velha, vivida, experiente e transmite uma aparência serena. Diametralmente oposta a esses efeitos de sentido, na segunda fotografia, que alardeia/incendeia um posicionamento de discurso conservador, percebe-se a construção de uma discursividade imagética que espetaculariza a visita de Butler, indevidamente reproduzida que traz uma fotografia de arquivo que data de 31 de julho de 2016, mais de um ano antes da visita da filósofa, que ocorreu em novembro de 2017.

Nela, se observa uma grande bandeira do Brasil que é levantada por manifestantes vestidos com roupas que trazem as cores da bandeira nacional, sobretudo os tons de verde e os de amarelo. A similaridade que pode ser traçada entre a notícia verbal e a notícia da imagem é em relação às manifestações políticas de ordem conservadora que tomaram conta das ruas do Brasil a partir de 2015, quando inúmeros manifestantes passaram a expressar o descontentamento com os escândalos de corrupção praticados pela classe política, os quais foram divulgados pela mídia. O portal *IstoÉ* associa voluntariamente o conteúdo dessas manifestações ao repúdio à presença de Butler, essa sendo mais uma estratégia argumentativa que subrepticamente compõe o repertório ideológico do grupo editorial. Essa parece ser uma maneira do grupo *IstoÉ* se posicionar e, portanto, argumentar sobre o fato. Isso

porque a arbitrária associação da foto de um grupo de manifestantes conservadores com a ocasião da visita da pesquisadora, exatamente pela ausência de relação dos acontecimentos, compõe parte desse repertório argumentativo.

É nesse sentido que cabe pensarmos na noção de metáfora na análise de discurso. Ela é imprescindível porque é entendida por Orlandi como “a tomada de uma palavra por outra” (2015, p.42): ela “significa basicamente ‘transferência’, estabelecendo o modo como as palavras significam” (2015, p.42). É possível afirmar que a transferência de sentidos que pode ser atribuída por essa associação entre foto e texto diz respeito a uma generalização do comportamento de manifestantes que se posicionam contra os descabimentos dos escândalos de corrupção da classe política com uma envergadura conservadora em relação aos avanços sobre as teorias de gênero.

O momento da (d)enunciação não pode ser deixado de lado dado que a AD “considera como parte constitutiva do sentido o contexto histórico-social” (MUSSALIM, 2001, p.123). É possível, portanto, contextualizar o acontecimento em um momento em que, cada vez mais, surgem posicionamentos ideológicos inscritos em abordagens conservadoras no Brasil. É possível afirmar que o elo que aproxima a formulação da redação da notícia com a seleção pictórica, ou seja, as condições de produção desse texto, é atravessado pelo momento histórico em que esse enunciado foi proferido/divulgado. Talvez a presença de Butler não tivesse ocasionado o alarde do modo como o fez se não estivéssemos passando por uma turbulência social devido sobretudo a uma onda conservadora que surgiu no Brasil e que, entre outros eventos, culminou na deposição da ex-presidenta Dilma Rousseff (PT-RS) do cargo mais alto do Executivo nacional. A associação descabida da foto de um protesto político de 2016 com o repúdio à presença de Butler no Brasil produz efeitos de sentido conservadores posto que um leitor desatento pode não perceber a desconexão ou mesmo podem ser criados efeitos de sentido que aproximem ambas ocasiões.

Em que pesem essas considerações, a primeira dessas notícias parece aventar para uma organização argumentativa textual mais arejada, em que se percebe um esforço de esclarecimento do objetivo da visita por uma apuração mais esclarecedora acerca do papel de Butler no cenário acadêmico e também da ira dos manifestantes. No que tange à escolha da imagem andrógina da pesquisadora, percebemos o oposto. Já a segunda notícia, a da *IstoÉ*, sinaliza para uma ardilosidade argumentativa menos elaborada que pode ser observada por meio da omissão de informações



relevantes e do desvirtuamento dos fatos sobre o que de fato ocorreu além de uma cobertura menos comprometida com a descrição dos fatos que contextualizaram a visita.

Nas nuances da língua, são percebidos elementos que se escondem de olhares desatentos. Eles se insinuam aos leitores mais cuidadosos e aí encontramos operadores argumentativos que ajudam a recapitular parte das formações discursivas em que estão inscritos (certos) posicionamentos ideológicos. É de se perceber que as palavras não são habitadas por um significado único. Ao decidir narrar os acontecimentos que contextualizaram a segunda visita da filósofa ao Brasil, seja a ordem na escolha do emprego vocabular, a quantidade de caracteres devotado ao esclarecimento de um ou outro posicionamento, seja inclusive pela ausência, o não-dito, nas/das palavras, os grupos de comunicação acabam revelando para qual sentido argumentativo de fato apontam.

As palavras e as imagens são assim: assumem nuances outras dependendo de quem as emprega e de como são empregadas. Elas “falam com outras palavras. Toda palavra é sempre parte de um discurso e aponta para outros sentidos. E todo discurso se delinea na relação com outros: dizeres presentes e dizeres que se alojam na memória” (ORLANDI, 2015, p.41). A pesquisadora ainda traz que

Pêcheux não separa categoricamente estrutura e acontecimento, relacionando a linguagem à sua exterioridade, ou seja, o interdiscurso. Ele define este como memória discursiva, o já-dito que torna possível todo o dizer. De acordo com este conceito, as pessoas são filiadas a um saber discursivo que não se aprende, mas que produz seus efeitos por intermédio da ideologia e do inconsciente. O interdiscurso é articulado ao complexo de formações ideológicas representadas no discurso pelas formações discursivas: algo significava antes, em outro lugar e independentemente. As formações discursivas, por sua vez, são aquilo que o sujeito pode e deve dizer em situação dada em uma conjuntura dada. O dizer está pois ligado às suas condições de produção. Há um vínculo constitutivo ligando o dizer com sua exterioridade. (ORLANDI, 2005, p. 11)

É elementar supor que a/o jornalista não é responsável por ter levado o analista de discurso, ou um leitor, a esses efeitos de sentido. Eles estão em um contínuo de significados que remontam a outras formações discursivas que antecedem o momento da (d)enunciação. A incidência da reprodução dos trechos da petição, o conteúdo das

notícias e a própria organização dos textos permitem supor quais são as inclinações ideológicas dos veículos analisados a partir da seleção das palavras empregadas.

Os trechos que foram escolhidos para elucidar a envergadura acadêmica da pesquisadora, as notas de repúdio e aquelas de apoio à presença da filósofa no país assim como a reprodução de comentários a favor ou contra sua vinda ao país ajudam a descortinar parte da formação ideológica que abarcam esses textos e, de alguma forma, representam a maneira como esses veículos veem a ocasião. É de sumária importância também refletir sobre a responsabilidade cidadã desses veículos que ao escolherem se posicionar de uma ou outra maneira também inscrevem politicamente seus (f)atos.

Essa análise não tem efeito conclusivo pois os sentidos das palavras se ressignificam continuamente. No entanto, dadas as características contextuais que cercaram a visita de Butler em 2017 juntamente com a ascensão de um cenário social em que surgem ondas de manifestações conservadoras no país, personificados, por exemplo, pela ascensão de candidatos ultraconservadores à Presidência da República como Jair Bolsonaro, ([ex]PP-RJ), para citar um dos (f)atos, parece ser necessária a criação de algum mecanismo que ao mesmo tempo em que respeite os princípios da liberdade de expressão, garanta que os veículos se desprendam do artifício da – falsa – isenção.

## Considerações Finais

Os mecanismos discursivos heterocisnormativos tentam resumir a uma descomplicada binariedade os modos de ser sexualmente na contemporaneidade. Ainda não reconhecem, não legitimam, e, sobretudo, não respeitam a pluralidade destas formas de exercício, de modo que ainda ocorrem leituras equivocadas sobre os modos de se exercer e performar, nas inúmeras sociedades e culturas ao redor do mundo, as variadas formas de sexualidades. Supor uma dualidade é um exercício de reducionismo.

Há muitas maneiras de ser menina ou menino, mulher ou homem, trans ou cis. Todas estas formas merecem ser respeitadas quanto aquelas formas tradicionais de desempenhar estes papéis. O problema é que a diversidade ainda segue à margem, esquecida e enfraquecida pelo preconceito enraizado em muitos dizeres intolerantes. Às vezes, precisa se esconder para existir e resistir às afrontas que duvidam do modo *queer* de ser. Eles questionam instâncias de poder engendrando uma outra matriz, que não a heterocisnormativa para um entendimento crítico das relações humanas.

Não somente aqui no Brasil, mas ao redor de todo o mundo se observam variadas maneiras de se entender e se relacionar com esta heterogeneidade das sexualidades, dos seres humanos. Isso sugere o caráter cultural destas práticas. Enquanto produto de uma determinada cultura, ele segue sob a égide da (transform)ação. É necessário um olhar mais cuidadoso e atencioso para as sexualidades e para desconstruir a pedagogia da heterocisnormatividade. É também imperativo descortinar aparentes certezas e desestabilizar consagradas redes de poder para que elas se tornem incertas de suas garantias e “verdades” e se vejam, pois, em posição de reflexão. É evidente que em um cenário de contestação de poderes estabelecidos e entendidos como naturalizados, haverá uma (re)organização dos saberes para tentar garantir a norma. Este trabalho se situa em um espectro diametralmente oposto a esta articulação e reúne um repertório de situações que desautorizam esses saberes consagrados.

Assim, recuperar e (re)construir o conceito de gênero, embora pareça ser uma atividade simples, exige dedicação e entrega. Dado que a teoria *queer* tem “potencial para a subversão política” (SALIH, 2015, p. 23), é vital “desconstruir os termos pelos

quais os sujeitos e as identidades são constituídos. A ideia de que o sujeito não é uma identidade preexistente, essencial, e que nossas identidades são construídas significa que as identidades podem ser (re)construídas” (SALIH, 2015, p. 23).

Embora o Brasil tenha sinalizado conquistas em relação à população *queer*, o que promove(u) o debate e provoc(a)/(ou) os primeiros estranhamentos em quem não está acostumado com essas discussões, elas ainda não são suficientes para dar conta de inibir episódios de preconceito que vazam em inúmeros violentos discursos e atitudes preconceituosas.

Este trabalho insinua modos de verificar como se constroem, se sustentam e se silenciam vidas. Às vezes elas se manifestam por meio de dizeres explícitos, acompanhado por discursos de ódio, proferidos em contextos que não questionam criticamente o que é a pedagogia *queer*. Muito rotineiramente, também, se encontra o preconceito travestido em discurso de aceitação, aquele que parece discursar arejadamente em favor da diversidade, mas que, no hiato da aceitação, se mostra pantanoso pois arditosamente maneja as discursividades para confundir e embaralhar os juízos que se fazem das sexualidades. Prestam, assim, um desserviço ao repertório da educação que emancipa. Este discurso falacioso não é capturado em flagrante, precisa de uma investigação atenta, séria, paciente e cuidadosa. Assim, buscamos mostrar aquilo que permanecia aparentemente escondido para tentarmos alargar, um pouco mais, o reducionismo da dualidade. No entanto, esta dissertação não se pretende definitiva, assim como as categorias analíticas aqui empregadas, pensamos em reconstrução e renovação dos saberes.

Nos servimos, amplamente, das contribuições dos estudos *queer* para tratar em uma perspectiva crítica os modos de silenciamento que forjam “verdades” que não se sustentam após o escrutínio empreendido. As contribuições da área *queer* não somente servem para entender a multifacetada dinâmica das sexualidades e dos gêneros, mas também questionam outras matrizes de formação de identidades sociais e percorrem áreas em um contexto de multiletramentos escolares e não-escolares, como a mídia. E é desta forma que tentamos descosturar nós que travam modos de existir. A teoria *queer* é, antes de mais nada, um exercício de cidadania democrática e respeito. A partir deste quadro de referências, o objetivo é dar continuidade a uma análise mais profunda seja por artigos para publicação e um projeto de doutorado e propor outros (des)caminhos que, espera-se, possam contribuir para o intrincado discurso da educação.

## Referências

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Heterogeneidade enunciativa*. Cadernos de estudos linguísticos, 19. Campinas: IEL, 1990.

BEBIANO, Wander Donizete. *Quem chegar por último é a mulher do Padre: relações de gênero no contexto de aprovação dos Planos de Educação de 2015*. 2017. 226f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada)– Universidade de Taubaté, Taubaté, 2017.

BORRILLO, Daniel. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. *Introdução à análise do discurso - 2ª ed. rev.* Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP. *Pedagogia Licenciatura*. Brasília, 2017. Disponível em: <  
[http://download.inep.gov.br/educacao\\_superior/enade/provas/2017/37\\_PEDAGOGIA\\_LICENCIATURA\\_BAIXA.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_superior/enade/provas/2017/37_PEDAGOGIA_LICENCIATURA_BAIXA.pdf) >

BRASIL. Ministério da Educação. *Secretaria de Articulação com os Sistemas de Ensino (MEC/SASE)*, 2014. Disponível em: [http://pne.mec.gov.br/images/pdf/pne\\_conhecendo\\_20\\_metas.pdf](http://pne.mec.gov.br/images/pdf/pne_conhecendo_20_metas.pdf) Acesso em 09/11/2017.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, [1990] 2010.

CORACINI, Maria José; CARMAGNANI, Anna Maria G. (Orgs.) *Mídia, exclusão e ensino: dilemas e desafios na contemporaneidade*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014.

CERQUEIRA, Marcelo. *Relatório 2016. Assassinato de LGBT no Brasil*. Grupo Gay da Bahia, Bahia. Disponível em <https://homofobiamata.files.wordpress.com/2017/01/relatc3b3rio-2016-ps.pdf> Acesso em 02/11/2017.

DIONÍSIO, Ângela Paiva; Marchuschi, Luiz Antônio. *Fala e escrita*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade: a vontade de saber*. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e José Augusto A. Guilhon Albuquerque. 3ª edição. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2015.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do Poder*. São Paulo: Ed. Graal, 1979.

FURLANI, Jimena. *Mitos e tabus da sexualidade humana: subsídios ao trabalho de educação sexual – 3.ed., 1 reimp.* Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

GONÇALVES, Gean Oliveira. *Narrativas Queer no Jornalismo: o desafio da complexidade e das compreensões sobre gêneros e sexualidades*. In: XXXVIII Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2015, Rio de Janeiro, RJ, 2015. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-0754-1.pdf>>. Acesso em 23 mai. 2017

GRIGOLETTO, Evandra (2007). *Do lugar social ao lugar discursivo: O imbricamento de diferentes posições-sujeito*. In: Freda Indursky & Maria Cristina L. Ferreira (Eds.), *Análise do discurso no Brasil: Mapeando conceitos, confrontando limites* (pp.123-134). São Carlos: Claraluz.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero e Sexualidade: pedagogias contemporâneas*. Pro-Posições, v. 19, n. 2 (56), maio/ago. 2008. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>> Acesso em 23 mai. 2017.

\_\_\_\_\_. *Discursos sobre gays em uma sala de aula no Rio de Janeiro: é possível queer os contextos de letramento escolar*. VIII Conlab (2004).

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. *Linguística Aplicada e vida contemporânea: problematização dos constructos que têm organizado a pesquisa*. In: \_\_\_\_\_, (ORG.) *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.

MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina (2001) (orgs.) *Introdução à Lingüística: Domínios e Fronteiras*. Volume 2. São Paulo: Cortez Editora. 270 p.

NOBLAT, Ricardo. *A arte de fazer um jornal diário* / Ricardo Noblat. 7. ed., 2ª reimpressão. — São Paulo : Contexto, 2008. (Coleção comunicação)

PELÚCIO, Larissa. Prefácio. In: MISKOLCI, R. *Desejos Digitais: uma análise sociológica da busca de parceiros on-line*. – 1. Ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. – (Argos, 4).

PRECIADO, Beatriz. *Manifesto contrassexual*//Beatriz Preciado; tradução de Mari Paula Gurgel Ribeiro. – São Paulo: n-1 edições, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação*. Uma perspectiva pós-estruturalista. Guacira Lopes Louro - Petrópolis, RJ, Vozes, 1997. p. 14-36

MASP. *Histórias da sexualidade: antologia*./ organização editorial, Adriano Pedrosa, André Mesquita – São Paulo: MASP, 2017. 432p., il.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: Princípios e procedimentos*. 12ª.ed. Campinas: Pontes, 2015.

\_\_\_\_\_. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos* / – 6a ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007

\_\_\_\_\_. *Michel Pêcheux e a Análise de Discurso. Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista, n.1, p. 09-13, junho/2005

PAULA, Paulo Sérgio Rodrigues de. *Barebacking sex: discursividades na mídia impressa brasileira e na internet*. 2009. 211 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina. 2009.

PÊCHEUX, Michel. *Análise automática do discurso*. (AAD-69) In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. Bethânia S. Mariani et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997. pp. 61-161.

PENNYCOOK, Alastair. *Uma linguística aplicada transgressiva*. In: LOPES, Luiz Paulo da Moita. (org.) *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. 1ª edição. São Paulo: Parábola, 2006, p. 67-84.

SALIH, Sara. *Judith Butler e a teoria queer*. Tradução: Guacira Lopes Louro. 1ª edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

SARGENTINI, V. M. O. *A construção da Análise do Discurso: percurso histórico*. *Revista brasileira de letras*, Vol. 1, N. 1, 39-44, 1999.

SCOTT, J. W.. *Gender: A Useful Category of Historical Analysis*. *The American Historical Review*, vol. 91, nº 5. (Dec., 1986), pp. 1053-1075.

SPARGO, Tamsin. *Foucault e a teoria queer. Ágape e êxtase: orientações pós-seculares* / Tamsin Spargo; tradução Heci Regina Candiani; posfácio Richard Miskolci. – 1. Ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. – (Argos, 2)

SOUSA, Simone de Aparecida de. *Discurso, autor e sujeito dentro da obra A Ordem do Discurso de Michel Foucault*. Uma análise metadiscursiva.



## Referências do *corpus* da pesquisa

<http://www.planetagibi.com.br/2017/05/checklist-disney-editora-abril-maio-2017.html> -

[Consulta em 29/10/2017](#)

[https://istoe.com.br/visita-da-filosofa-judith-butler-agita-meios-conservadores-do-](https://istoe.com.br/visita-da-filosofa-judith-butler-agita-meios-conservadores-do-brasil/)

[brasil/](#) - Consulta: 06/02/2018

[http://www.citizenngo.org/pt-br/fm/108060-cancelamento-da-palestra-judith-butler-no-](http://www.citizenngo.org/pt-br/fm/108060-cancelamento-da-palestra-judith-butler-no-sesc-pompeia)

[sesc-pompeia](#) - Consulta: 03/02/2018

<https://www.sescsp.org.br/files/artigo/4a5b867f/8285/452a/96da/f3a0a9950bd1.pdf> -

Consulta: 08/02/2018

[https://www.mp.ba.gov.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/direitos-](https://www.mp.ba.gov.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/direitos-dasmulheres/artigostesesdissertacoes/questoes_de_genero/guacira_lopes_genero_26_ago_15.pdf)

[dasmulheres/artigostesesdissertacoes/questoes de genero/guacira lopes genero\\_26\\_ago\\_15.pdf](#) - Consulta: 20/10/2017

<http://www.direito.mppr.mp.br/arquivos/File/SCOTTJoanGenero.pdf> - Consulta:

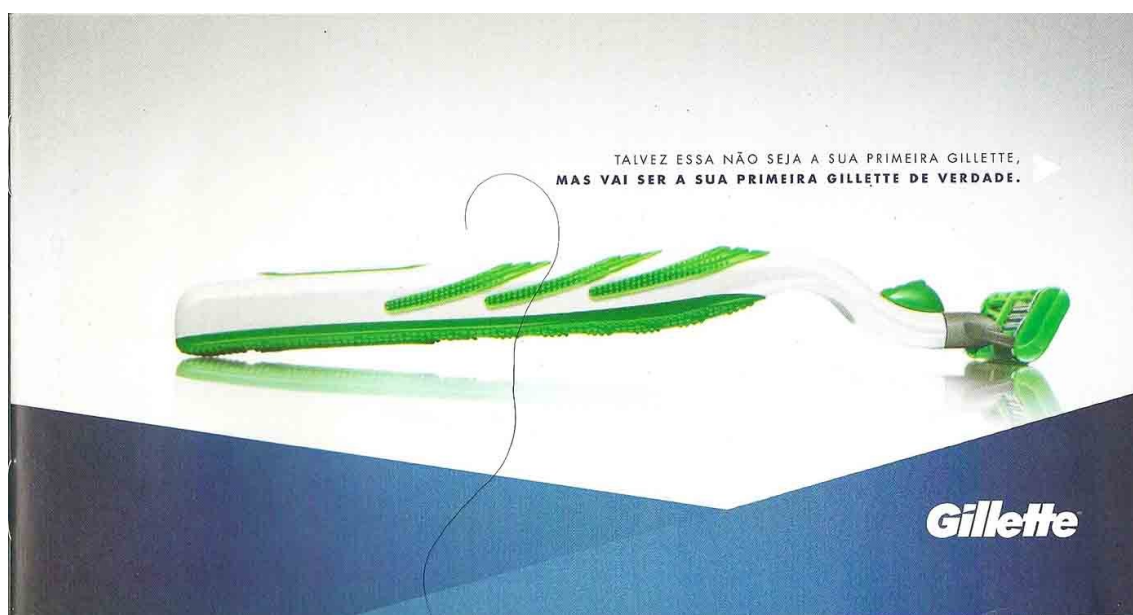
15/12/2018

[https://www.jstor.org/stable/1864376?newaccount=true&readnow=1&seq=2#page\\_s](https://www.jstor.org/stable/1864376?newaccount=true&readnow=1&seq=2#page_scan_tab_contents)

[can\\_tab\\_contents](#) - Consulta: 04/11/2018

## ANEXOS

## Anexo 1



EXISTEM VÁRIAS **"PRIMEIRAS VEZES"** NA SUA VIDA,  
MAS VOCÊ SÓ SE LEMBRA DAS **PRIMEIRAS DE VERDADE.**





**PRIMEIRO TERNO**  
ALUGADO NA SEXTA,  
DEVOLVIDO NA SEGUNDA.

**PRIMEIRO TERNO DE VERDADE**



**OMBROS**  
feito em linha reta sobre as costas, de uma ponta do ombro até a outra.

**MANGAS**  
feitas sob medida, do colarinho até o ombro e debaixo do braço até o punho.

**CINTURA**  
feito sob medida, um pouco abaixo do osso do quadril, passando uma fita métrica em torno do corpo, até dar uma volta completa.

**PALETÓ**  
feito sob medida, da garganta até o meio da coxa.

**PEITO**  
feito sob medida, da parte mais larga do peito, próximo às axilas.

**CALÇAS**  
feitas sob medida, da virilha até o calcanhar.

**PRIMEIRO CORTE DE CABELO**  
FOTO DO COLÉGIO QUE VAI ASSOMBRAR VOCÊ PARA SEMPRE.

**PRIMEIRO CORTE DE CABELO DE VERDADE**  
TUDO COMEÇA COM UM GRANDE CORTE DE CABELO. ENTÃO, APRENDA A FALAR COM O BARBEIRO.



**ARCO?**  
É a área logo acima da sua orelha que conecta sua costeleta com a parte de trás da sua cabeça.

**NUCA?**  
É aquele cabelo atrás da sua cabeça. Peça para cortar em linha reta ou em forma de cone.

**COROJA?**  
É a parte superior atrás da cabeça, normalmente onde o cabelo cresce em um tipo de redemoinho.

**AFUNILAR?**  
É uma mudança gradual e suave de uma parte da cabeça para outra.

**PICOTAR?**  
É cortar o cabelo em diferentes comprimentos, removendo grandes quantidades para deixar o cabelo com um ar mais moderno.

**FRANJA?**  
É quando o cabelo fica pendurado sobre a testa.

O SEU **PRIMEIRO BARBEAR** NÃO VAI TRANSFORMAR VOCÊ EM UM HOMEM, MAS O SEU **PRIMEIRO BARBEAR DE VERDADE** VAI DEIXAR VOCÊ BEM PERTO DISSO.

PRIMEIRO **APARELHO DE BARBEAR DE VERDADE**: GILLETTE MACH3 SENSITIVE\*.

**AVANÇADA CABEÇA PIVOTANTE** .....

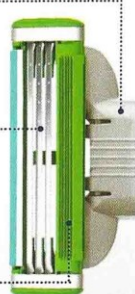
Redistribui a pressão para um barbear confortável.

**3 LÂMINAS MONTADAS SOBRE MOLAS** .....

Ajustam-se automaticamente à pressão e às variações na pele.

**MICROTENSORES** .....

Ajuda a esticar a pele e preparar o pelo para ser cortado cada vez mais rente.



\* vs. Prestobarba Ultragrip Descartável.



## PRIMEIRO BARBEAR DE VERDADE

### STEP 1



#### AMOLECENDO

Comece o dia enxaguando sua pele com água morna.

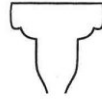
### STEP 2



#### SUAVIZE OS PELOS

Com um bom gel ou espuma de barbear, espalhe para deixar os pelos mais macios.

### STEP 3



#### MANTENHA A LÂMINA AFIADA

Verifique suas lâminas. Elas estão afiadas? Se não, pegue novas lâminas **NO CARTUCHO**.

### STEP 4



#### FAZENDO A BARBA

Fique tranquilo e deixe que as lâminas façam o trabalho.

### STEP 5

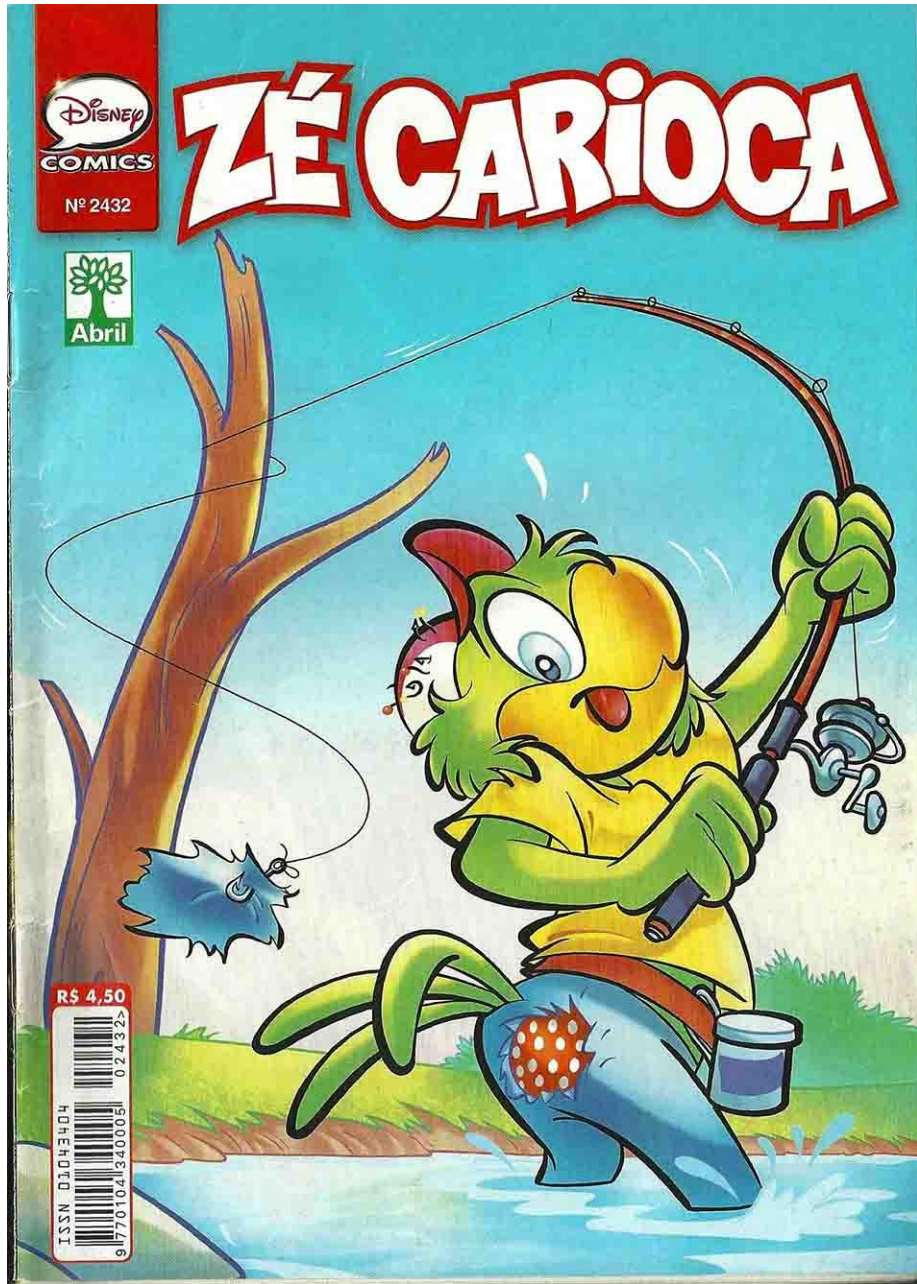


#### REFRESCANDO

Um bom hidratante vai garantir que sua pele fique **REVIGORADA** o dia inteiro.

**Gillette**  
O MELHOR PARA O HOMEM

Anexo 2





Walt Disney  
**Zé Carioca** **CLUBE DE MULHERES**

Publicada pela primeira vez em 1997. Reprodução da página de cores original do época.  
B. 970005/1224-23-4

ALÔ? AQUI É O ZÉ!  
POSSO FALAR COM  
A ROSINHA?

VAI LOGO, ZÉ!  
EU QUERO IR  
JOGAR BOLA!

COMO? AH, TÁ...  
ENTÃO, TUDO BEM!  
OBRIGADO!

A ROSINHA  
NÃO TÁ?

NÃO! ELA FOI NUM TAL DE  
CLUBE DE MULHERES.  
LÁ NA LURCA!

Desenhos: ELI MARCOS M. LEON • Arte-Final: JOSÉ WILSON MAGALHÃES

**ZÉ CARIÓCA**

20

POR QUE  
ESSE 'M',  
NESTOR?

ORA... VOCÊ NÃO  
SABE O QUE É UM  
CLUBE DE MULHERES?

AH, SENHOR, PERDOA  
ESSA POBRE ALMA  
DESINFORMADA QUE...  
EU DEVERIA  
SABER?

PÁRA COM ISSO E ME  
DIZ LOGO O QUE É!

EU DIGO!  
EU DIGO!

NESSE CLUBE, SÓ ENTRAM  
MULHERES PRA VER LINS  
CARAS DANÇANDO COM  
ROUPA DE URSINHO!

NÃO! A ROSINHA NUNCA ME  
PEDIU PRA DANÇAR PRA ELA  
VESTIDO DE URSINHO!

PRA VOCÊ  
VER!

POIS VOU AGORA  
MESMO A ESSE  
TAL CLUBE!

EU FARIA O  
MESMO!

**ZÉ CARIÓCA**

21

POUCO  
DEPOIS...

QUANDO EU DISSE QUE  
FARIA O MESMO, NÃO  
ESTAVAM ME OFERECENDO  
PRA VIR COM VOCÊ!

E VOCÊ  
TERIA CORAGEM  
DE ME DEIXAR  
NA MÃO QUISO  
AGORA?

TERIA!  
MAS DÁ' QUE  
ESTOJA  
AQUI...

OLHA LÁ!  
ACHAMOS,  
NESTOR!

LEGAL! VÁ  
EM FRENTE!

CLARO QUE EU VOLI!  
MAS VOCÊ NÃO ME  
SAIA DAQUI!

AI, SAQUINHO!

GRUN...

**ZÉ CARIÓCA**

22

EI, EI, EI! AONDE O  
MOCINHO PENSA  
QUE VAI?

LÁ  
DENTRO,  
LIE!

POR ACASO  
O MOCINHO  
SABE LER?

CLUBE  
PRIVATIVO  
PARA  
MULHERES

POR ACASO EU SEI!  
MAS, SE VOCÊ NÃO  
SABE, POSSO INDICAR  
UMA BOA ESCOLA!

FORA!

DROBA! AQUELA DONA  
NÃO QUER ME DEIXAR  
ENTRAR!

ÓTIMO! VAMOS  
EMBORA!

NÃO! NÓS VAMOS  
ENTRAR LÁ, E EU  
JÁ SEI COMO!

NÓS?!

**ZÉ CARIÓCA**

23



DEPOIS...  
HÃ... COM LICENÇA!

POIS NÃO?  
POIS SIM! SOLI REPRESENTANTE DAS DELICIOSAS PIZZAS ESTICA-E-PUXA!

E DAÍ?  
DAÍ QUE VIM TRAZER ESTAS AMOSTRAS GRATIS PRO SEU PESSOAL PROVAR E... E...  
SWIP! SWIP!

AI-CHOOÓO...

EH, EH... VOCÊ FICA BEM DE BIGODE, SABIA?

MULHER TEMPERAMENTAL! MAS NÃO VOU DESISTIR!

24

**ZÉ CARIOCA**

EH, EH... VESTIDO DE URSINHO, ELA VAI PENSAR QUE TRABALHO NA CASA!

OPA! DESCULPE O ATRASO! VIM ATÉ DANÇANDO PRA ADIANTAR O SERVIÇO!

MAS SERÁ O BENEDITO? NÃO DÁ PRA ENGANAR ESSA MULHER?!

AGORA VAI NO PEITO E NA RAÇA!

VOCÊ NÃO PODE ENTRAR!

VOU ENTRAR, SIM! MINHA NAMORADA TÁ AÍ!

ROSINHA, QUE NEGOCIO É ESSE DE... IH, RAFAZ!

25

**ZÉ CARIOCA**



**ANEXO 3**

---

CULTURA – LIVROS

**Polêmicas cercam segunda vinda de Judith Butler ao Brasil**

Uma das maiores referências na teoria queer, filósofa americana é atacada por conservadores no país  
por *O Globo* [06/11/2017] [4:30]



A filósofa americana Judith Butler: petições contra sua presença no Brasil – **Divulgação / Agência O**

**GLOBO**

RIO — Uma das mais importantes filósofas dos Estados Unidos, referência no estudo da teoria de gênero, mas também com uma obra de destaque em outros campos, como a violência do Estado, Judith Butler chega ao Brasil cercada de polêmica. Sua primeira visita ao país, em 2015, passou despercebida fora do meio acadêmico. Desta vez é diferente. Ela dá uma conferência hoje na Unifesp, de São Paulo, e fala amanhã, no Sesc Pompeia, também na capital paulista, dentro da programação do colóquio

“Os fins da democracia” com milhares de pessoas bradando contra sua presença no país.

Judith parece estar no centro de uma guerra cultural, que vem se espalhando pelo país nos últimos meses. Assim como aconteceu com a exposição “Queermuseu”, no Santander Cultural de Porto Alegre, que foi alvo de protestos do Movimento Brasil Livre (MBL) em setembro, grupos conservadores exigiram o cancelamento da participação de Judith. Uma petição no site CitizenGo (que recebeu mais de 350 mil assinaturas) a chama de “idealizadora” e “promotora nefasta” da “ideologia de gênero” e afirma que os livros da pensadora “querem nos fazer crer que a identidade é variável e fruto da cultura”. O texto diz ainda que sua ideologia “mascara um objetivo político marxista” e que sua presença em um “simpósio comunista” não seria “desejada pela esmagadora maioria da população nacional”. A campanha foi abraçada pelo ator Alexandre Frota, um dos expoentes do MBL, que promoveu uma manifestação em frente ao local do evento no mês passado. O Sesc também passou a sofrer ataques online em sua página.

“Parece que as pessoas que se opõem à minha presença não estão realmente abrindo livros e aprendendo sobre a teoria do gênero”, disse, em entrevista ao site “Extra Classe”, a filósofa, que não havia provocado polêmicas ou petições em sua primeira vinda ao país, em 2015. É um equívoco apontá-la como “idealizadora” da teoria de gênero (ou, como afirmou Alexandre Frota, a “mãe” da teoria), que, na verdade, conta com diversos outros teóricos e é estudada pelas principais universidades do mundo.

Além da polêmica, a desinformação parece cercar as intervenções de Judith no Brasil. Doutora em Filosofia pela Universidade de Yale, professora na Universidade da Califórnia em Berkeley, onde leciona no Departamento de Literatura Comparada e no Programa de Teoria Crítica, ela é autora de 15 livros, dos quais seis traduzidos no país (como o clássico “Problemas de gênero — Feminismo e subversão da identidade”, de 1990, e “Caminhos divergentes: judaicidade e crítica do sionismo”, de 2012, que ela lança aqui nesta visita). Judith é, de fato, um nome importante nos estudos de gênero: introduziu o conceito de “performatividade”, que aponta o gênero como uma construção performativa, ajudando a pensar a identidade para além das diferenças biológicas.

A filósofa é conhecida por ter desconstruído a obrigatoriedade entre sexo, gênero e desejo. Mas os estudos sobre o queer não são o único campo explorado pela autora. Inclusive, não será sobre esse assunto que ela falará no Brasil. A palestra de hoje é sobre o seu livro “Caminhos divergentes: judaicidade e crítica do sionismo” (Boitempo), obra em que critica as posições do país no conflito Israel-Palestina, e, ao mesmo tempo, reafirma a sua própria cultura judaica. O curioso é que, nos Estados Unidos, são suas posições sobre Israel (seu livro contesta “a subjugação colonial exercida sobre o povo palestino”) que provocam controvérsia. Já por aqui, os protestos se desviaram justamente para a questão do gênero, que não será abordada pela filósofa.

Os pedidos de boicote parecem ter provocado efeito contrário, promovendo um evento que, normalmente, não chamaria a atenção. Enquanto se intensificava uma campanha para que usuários avaliassem mal o Sesc Pompeia no Facebook, outras pessoas correram para se inscrever no colóquio de amanhã. Em poucas horas, as vagas para o evento se esgotaram. A presença da filósofa também foi defendida por cientistas sociais. Em nota acadêmica, a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs), que agrega 111 programas de pós-graduação no país, manifestou “apoio integral à vinda da professora Judith Butler ao Brasil e o exercício de sua liberdade de expor seus argumentos, proposições e discussões que não acreditamos poder ser cerceadas. Uma mordaza sobre sua fala é uma ameaça para todos e todas nós, cuja vida acadêmica e intelectual não pode prescindir desta liberdade”. A associação também lembrou que Judith é apenas uma das convidadas do colóquio, junto com outros professores de universidades como Humboldt Universität e Université de Paris VII, entre outras.

## FATOS DA VISITA

**Ideologia de gênero.** Nos protestos e petições, grupos conservadores têm apontado Judith Butler como “idealizadora” e “mãe” da ideologia de gênero. Embora seja uma referência da teoria queer, ela não criou os estudos de gênero, é apenas uma expoente desse campo.

**Judaicidade e democracia.** A petição contra a filósofa no site CitizenGo faz referência a “aplicação da teoria de gênero nas escolas” para justificar o protesto

contra ela. Judith, porém, veio ao país para falar sobre outros assuntos, como o conflito israelo-palestino e os impasses da democracia ocidental.

**Polêmicas com israel.** Curiosamente, a autora é alvo de polêmica em seu país (Estados Unidos) muito mais por suas posições sobre o governo israelense — contra o qual promove boicotes — do que por suas teorias sobre gêneros.

**Petição.** Até ontem, eram 350 mil assinaturas no CitizenGo pedindo o cancelamento da participação de Judith. Plataforma que visa oferecer, segundo suas próprias palavras, “uma visão cristã do ser humano e da ordem social”, o CitizenGo não exige CPF de seus usuários e também não possui nenhuma forma de verificação — o que permite a qualquer pessoa assinar várias vezes com nomes diferentes.

**Colóquio.** Ao contrário do que afirmam os protestos, Judith não fará uma palestra no Sesc Pompeia. Ela é uma entre várias pesquisadoras (de universidades de vários países, como Turquia, Chile, Argentina, França e Alemanha) que participarão no Sesc do colóquio “Os fins da democracia”, organizado pela Universidade de Berkeley (Califórnia, EUA) e pelo Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo.



## ANEXO 4

---

MUNDO

### Visita da filósofa Judith Butler agita meios conservadores do Brasil

por *IstoÉ* [06/11/2017] [4:30]



(Arquivo) Centenas de pessoas durante protesto em Brasília, em 31 de julho de 2016 - AFP/Arquivos

Acusando-a de promover uma “ideologia nefasta”, grupos conservadores brasileiros reuniram mais de 363.000 assinaturas em uma petição online para cancelar conferências da filósofa americana Judith Butler em São Paulo, enquanto outros coletivos se organizavam para defender a autora, referência no estudo da teoria de gênero.

“Judith Butler não é bem-vinda ao Brasil!(...) Seus livros querem nos fazer acreditar que a identidade é variável e fruto da cultura”, consta na petição, que até a tarde desta segunda-feira (6) já possuía 363.420 assinaturas na plataforma digital CitizenGO. “Nos preocupamos por nossos filhos e pelo futuro do nosso Brasil. #ForaButler”, conclui o manifesto que exige o cancelamento de sua participação no colóquio “Os Fins da Democracia”, organizado pela Universidade de São Paulo em

conjunto com a californiana Berkeley, universidade onde a doutora em filosofia leciona, aos 61 anos, e que já lançou dezenas de livros.

“Nos preocupamos por nossos filhos e pelo futuro do nosso Brasil. #ForaButler”, conclui o manifesto que exige o cancelamento de sua participação no colóquio “Os Fins da Democracia”, organizado pela Universidade de São Paulo em conjunto com a californiana Berkeley, universidade onde a doutora em filosofia leciona, aos 61 anos, e que já lançou dezenas de livros.

A discussão seguia na página do Facebook do centro cultural responsável pelo evento, reunindo opiniões a favor e contra a segunda visita de Butler ao Brasil. A primeira, em 2015, apenas repercutiu no mundo acadêmico.

“Parabéns, SESC, por não se sujeitar às pressões de grupos obscuros! Continuem divulgando o pensamento de Judith Butler!”, comentou uma internauta.

“Como promotora da destruição da família, não posso dar uma boa qualificação a esse tipo de instituição”, ressaltou outro.

Um ato de “repúdio a maior propagadora da ideologia de gênero”, convocado para antes da conferência de terça-feira, reunia 972 pessoas confirmadas no Facebook, enquanto outro a seu favor, programado para o mesmo lugar, já somava 1.265.

“Me sinto muito triste com tudo isso, já que a postura de ódio e censura está baseada no medo, medo das mudanças, medo de deixar os outros viverem de uma maneira diferente da sua. Porém, é essa habilidade de viver com a diferença entre todos nós o que irá nos sustentar a longo prazo”, declarou a filósofa em declaração ao jornal *O Estado de São Paulo*.